

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

MUSEUS COMUNITÁRIOS NO BRASIL:
O PONTO DE MEMÓRIA MUSEU DO TAQUARIL

APRESENTADA POR
LUCIANA FIGUEIREDO AVELAR

Rio de Janeiro, Março de 2015

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

PROFESSORA ORIENTADORA ACADÊMICA LUCIA LIPPI OLIVEIRA

LUCIANA FIGUEIREDO AVELAR

MUSEUS COMUNITÁRIOS NO BRASIL:
O PONTO DE MEMÓRIA MUSEU DO TAQUARIL

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março de 2015

Avelar, Luciana Figueiredo

Museus comunitários no Brasil: o Ponto de Memória Museu do Taquaril /
Luciana Figueiredo Avelar. – 2015.
122 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História
Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens
Culturais.

Orientadora: Lucia Lippi Oliveira.

Inclui bibliografia.

1. Museus e comunidade. 2. Comunidade – Desenvolvimento. 3. Museologia.
4. Política cultural. I. Oliveira, Lucia Lippi, 1945- . II. Centro de Pesquisa e
Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-
Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 069.1

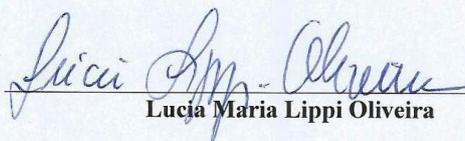
LUCIANA FIGUEIREDO AVELAR

**CAMINHOS DOS MUSEUS COMUNITÁRIOS NO BRASIL: A EXPERIÊNCIA
DO PONTO DE MEMÓRIA MUSEU DO TAQUARIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e
Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do
Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

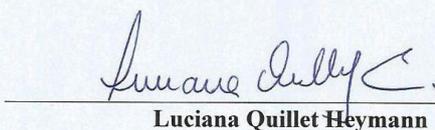
Data da defesa: 20/03/2015

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

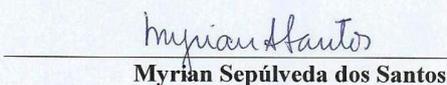


Lucia Maria Lippi Oliveira

Orientador (a)



Luciana Quillet Heymann



Myrian Sepúlveda dos Santos

Para minha mãe Leila.

Para meu companheiro Marden.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à professora Lucia Lippi Oliveira, pela orientação atenciosa, esclarecedora e motivadora para este trabalho de pesquisa. Às demais professoras do Mestrado, pelas aulas intensas e alegres e pelo enorme aprendizado: Bianca Freire Medeiros, Dulce Pandolfi, Julia O'Donnell, Luciana Heymann e Verena Alberti. Às professoras Luciana e Verena, em particular, pelo apoio especial. À professora Myrian Sepúlveda dos Santos, pela apreciação do presente trabalho e pelas contribuições iluminadoras. Aos colegas Aline Portilho, Claudete Queiroz, Francis Miszputen, Inês Proença, Joelson da Silva, Luana Ribeiro e Yara Britto, pela companhia e pelas ajudas. Em especial à Claudete pelas dicas preciosas. À Aline Santos, pelo suporte acadêmico. Aos integrantes da equipe do Museu do Taquaril Wellington da Silva, Oriel de Jesus, Wilson Wagner Ribas (W Dois), Oswaldo Pedroso, Geraldo da Silva, Ubirajara Couto e Leila Regina, pela disponibilidade, simpatia e atenção dispensada. Ao Wellington, principalmente, que viabilizou a realização deste trabalho. Ao entrevistado Welcio Toledo, pela presteza. À Cinthia Oliveira e à Cristina Holanda, pelos documentos e informações disponibilizados sobre o programa Pontos de Memória. Ao professor Mário de Souza Chagas, pela gentileza e pelo pontapé inicial para esta pesquisa. À consultora Inês Gouveia, pela cordialidade. Ao Padre Pedro Mauro, gestor do Muquifu, por compartilhar sua experiência. Ao José Márcio Barros, à Marizinha Nogueira, à amiga Graziela Mello Vianna, por me incentivar na trajetória acadêmica. À amiga Fabiana Lopes, pelo companheirismo.

Agradeço à minha querida família: minha mãe Leila, pelo apoio incondicional; minha irmã Fernanda, pelo grande carinho e solicitude; minha irmã Daniela, pelo incentivo e auxílio atencioso; meu sobrinho Rafael, pela amizade. Meu pai Carlos, pela inspiração (em memória).

Agradeço, especialmente, a Marden Barbosa de Campos, pelo estímulo, pelo apoio afetivo ao longo de todo o percurso do Mestrado, pela companhia prazerosa nas “viagens do conhecimento”.

RESUMO

O Museu do Taquaril, criado em 2010, é estudado como instituição museológica contemporânea, como museu comunitário, como iniciativa impulsionada pelo setor governamental por meio da Ação-Piloto do programa Pontos de Memória, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Com investigação realizada por meio de pesquisa documental e entrevistas, complementada por consulta a outras fontes, são descritos e analisados: o contexto de surgimento do Museu do Taquaril, etapas e processos de sua criação e de seu estabelecimento, desafios enfrentados e perspectivas para sua continuidade. O estudo é feito a partir de revisão de literatura sobre o desenvolvimento, a transformação e a diversificação dos museus no ocidente, observados como ferramentas utilizadas em processos sociais de construção de memórias e afirmação de identidades. São focalizados a chamada nova museologia e o surgimento em anos recentes de museus de cunho social, associados ao atendimento mais democrático de interesses da sociedade. É abordado o contexto nacional atual de implementação de políticas culturais inclusivas e de uma política pública nacional específica para o setor museal. Observa-se que a trajetória do Museu do Taquaril, iniciativa inserida nesse cenário, é impactada por agentes e circunstâncias do contexto interno da instituição e da comunidade local, assim como do contexto externo, especialmente a atuação do Ibram e o programa Pontos de Memória. Conclui-se que ainda há obstáculos a serem enfrentados pelo Museu do Taquaril para sua consolidação como museu comunitário.

Palavras-chave: Museu. Nova museologia. Novos museus. Museus comunitários. Políticas culturais brasileiras. Programa Pontos de Memória. Museu do Taquaril.

ABSTRACT

The Taquaril Museum, created in 2010, is studied as a contemporary museum institution, as a community museum, as an initiative driven by the government sector through the Pilot Action of the program Pontos de Memória, carried out by the Brazilian Institute of Museums (Ibram). With inquiry conducted through desk research and interviews, supplemented by consulting other sources, are described and analyzed: the emergence context of Taquaril Museum, stages and processes of its creation and its establishment, faced challenges and prospects for continuity. The study is made from literature review about the development, the transformation and the diversification of the museums in the West. These ones considered as tools used in social processes of memories construction and identity affirmation. Are focused the so-called new museology and the emergence, in recent years, of socially oriented museums, engaged in satisfy society interests in a more democratic way. It is addressed the current national development context of inclusive cultural policies and a specific national public policy for the museum sector. It is observed that the trajectory of the Taquaril Museum, within this scenario, is impacted by agents and circumstances of the internal context of the institution and of the local community. And it is also impacted by the external environment, especially the operation of Ibram and the program Pontos de Memória. It is concluded that there are still obstacles to be faced by Taquaril Museum for its consolidation as a community museum.

Keywords: Museum. New museology. New museum. Community museum. Brazilian cultural policies. Program Pontos de Memória. Taquaril Museum.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – A transformação do museu e o contexto brasileiro	16
1.1 Inventando o museu	16
1.2 Reinventando o museu	24
1.3 Contexto brasileiro	36
Considerações preliminares.	51
Capítulo 2 – A trajetória do Ponto de Memória Museu do Taquaril	54
2.1 Método e estrutura	54
2.2 A Ação-Piloto do programa Pontos de Memória	61
2.3 O Taquaril	67
2.4 O Ponto de Memória Museu do Taquaril	71
Considerações finais	104
Conclusões	109
Bibliografia	112

Introdução

O presente trabalho insere-se nos campos da museologia e dos estudos culturais, detendo-se especialmente nos temas da chamada nova museologia e das políticas culturais. Ele foi realizado levando-se em conta o debate sobre transformações que ocorrem com os museus no ocidente nos séculos XX e XXI e o surgimento de novas iniciativas museológicas voltadas ao atendimento mais democrático de interesses da sociedade. Foram focalizados o contexto brasileiro e sua configuração em anos recentes como ambiente fértil de surgimento de iniciativas inéditas nas esferas do Estado e da sociedade relacionadas à democratização cultural e à denominada museologia social.¹

O objetivo deste trabalho é *analisar o processo de criação e estabelecimento do Ponto de Memória Museu do Taquaril*, descrevendo sua trajetória no período de 2009 a 2014. Para isso, o caso do Taquaril foi estudado considerando-se sua especificidade como iniciativa da Ação-Piloto do programa Pontos de Memória voltada para a constituição de um museu comunitário.²

O Museu do Taquaril originou-se do programa Pontos de Memória, criado em 2008 pelo Ministério da Cultura do Brasil (MinC) em parceria com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). O programa é hoje ação integrante da política pública nacional de museus conduzida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e também ação vinculada ao Cultura Viva, política de Estado do setor cultural. Ele visa estimular a expressão de grupos sociais brasileiros que historicamente não tiveram oportunidade de participar das ações e instituições museológicas, especialmente na narração de suas histórias, na construção de suas memórias e de seus patrimônios. Ele tem como objetivo favorecer a construção de uma política pública que garanta o direito à memória.

O programa Pontos de Memória contemplou uma *Ação-Piloto*³, desenvolvida a partir de 2009 em parceria com o Ministério da Justiça do Brasil por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). Foram selecionadas 12 comunidades de periferia urbana que apresentavam altos índices de violência, das cinco regiões do país, para serem beneficiadas de forma pioneira pelo projeto. Visava-se a criação de museus

¹ As noções de *nova museologia* e *museologia social* são tratadas no Capítulo 1, seção 1.2.

² Ponderações sobre a categoria *museu comunitário* são apresentadas no Capítulo 1, Considerações preliminares.

³ Como não foi definido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) um nome oficial para esta ação, é adotada no presente trabalho a nomenclatura *Ação-Piloto do programa Pontos de Memória*.

comunitários e o desenvolvimento e a avaliação de metodologias voltadas para a instalação e manutenção de Pontos de Memória⁴.

A comunidade do Taquaril, escolhida para participar da Ação-Piloto, localiza-se na região leste do município de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Líderes e moradores locais realizaram um trabalho conjunto com o Ibram de mobilização e planejamento, que resultou na implantação do Ponto de Memória Museu do Taquaril, oficialmente lançado em fevereiro de 2010. O Museu tem como proposta contar a história do Taquaril por meio da história de vida de seus moradores, fortemente associada à luta pela ocupação do território, por moradia e infraestrutura urbana, assim como por maior oportunidade de educação, trabalho e lazer e menor violência e consumo de drogas entre os jovens.

Para analisar a trajetória do Museu do Taquaril foram cumpridas as seguintes etapas, que constituem os objetivos específicos do presente trabalho:

- Apresentar uma síntese do processo histórico de desenvolvimento dos museus no ocidente, analisando concepções e configurações adotadas por essas instituições ao longo do tempo, abordando particularmente seus processos de transformação no contexto contemporâneo.
- Apresentar o contexto brasileiro relativo ao desenvolvimento dos museus, abordando principalmente a diversificação e propagação dessas instituições em décadas recentes e o processo de estabelecimento de políticas públicas nacionais de cultura e de museus.
- Contextualizar o cenário de criação do Museu do Taquaril, descrevendo a Ação-Piloto do programa Pontos de Memória e relatando a história da região do Taquaril e de sua comunidade.
- Apresentar a trajetória do Museu do Taquaril, descrevendo etapas e analisando processos de seu desenvolvimento, abordando desafios enfrentados e perspectivas para sua continuidade.

Ressalta-se que o objeto de pesquisa foi revisto após recomendação feita para este trabalho pela banca de professores do exame de qualificação. Havia pretensão inicial de pesquisar os 12 Pontos de Memória incentivados na Ação-Piloto, por meio de relatórios e documentos, e investigar de forma mais aprofundada o Museu do Taquaril. A decisão de realizar o estudo com foco no caso do Taquaril foi fundamentada em critérios de viabilidade de execução e busca de rigor científico da pesquisa.

⁴ Ponderações sobre a categoria *Ponto de Memória* são apresentadas no Capítulo 2, Seção 2.2.

Contextualização

Profissionais e pesquisadores da museologia e áreas relacionadas debatem atualmente, em âmbito mundial, as mudanças ocorridas no panorama museal nas últimas décadas e o movimento denominado nova museologia. Grande parte dos estudiosos defende como marco de origem das transformações os questionamentos ocorridos nos anos 1960 e 1970 a respeito das características e funções tradicionais dos museus, por não mais corresponderem às dinâmicas e demandas da sociedade contemporânea. É recorrentemente citada como ponto inicial de convergência de novas ideias a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que teve como objetivo discutir o papel dos museus na atualidade, especialmente frente aos problemas socioeconômicos da América Latina.

A partir da década de 1980 ganham força ações voltadas para a elaboração de novos preceitos para as instituições museológicas. Cria-se o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), são produzidos eventos e documentos, são propostas novas categorias de pensamento, como a ecomuseologia e a sociomuseologia, são disseminadas novas tipologias de museus, como os ecomuseus, museus de território, museus locais, museus comunitários. Há um aumento significativo do número de instituições museológicas em todo o mundo e a ampliação de sua diversidade, fruto do atendimento de demandas e agentes sociais diversos. Em uma sociedade dinâmica e multicultural passam a ser encontradas uma multiplicidade de experiências museais: museus como produto de lazer, consumo e estetização; como espaço de sensações e vivências; adotando territórios e patrimônios naturais, intangíveis e vivos; como agentes de mudança social e promotores de desenvolvimento; como ferramenta de afirmação cultural e luta política de grupos e comunidades; museus voltados para a preservação do passado, para a conservação de suas coleções, para a pesquisa e o desenvolvimento cultural.

Incorporados ao contexto nacional, os “novos museus” também apresentam grande diversidade no Brasil. Eles constituem-se experiências inovadoras, especialmente quando associadas a processos de afirmação e resistência de grupos sociais e de reivindicação de direitos culturais. São exemplos os museus indígenas, os museus de cultura afro-brasileira, os museus de periferia e os museus de favela entre muitos outros. O Museu da Maré, criado e gerido por representantes da comunidade local, em uma região de conjuntos populares e favelas do Rio de Janeiro, está em funcionamento há quase vinte anos e consolidou-se como museu comunitário.

Sejam museus, Pontos de Memória ou simplesmente iniciativas de cunho museológico, essas inovações espalham-se por todas as regiões do país e ocupam novos espaços na sociedade, no mercado, no meio acadêmico, nas políticas de governo, nas esferas da cultura e da museologia. O reconhecimento da importância de se atribuir papel de transformação social aos museus é expresso em política pública nacional de cultura, orientada por preceitos que qualificam esta instituição como instrumento de inclusão social e cidadania. Museus comunitários e ecomuseus, juntos, são oficializados como um “eixo setorial” de atuação no Plano Nacional Setorial de Museus 2010-2020 (PNSM). Eles organizam-se por meio da formação de redes e tornam-se militantes do direito à memória. Encontros, seminários e atividades educativas, nacionais e regionais, também favorecem a propagação e a institucionalização no país da “nova museologia” e dos “novos museus”. O Brasil foi selecionado para sediar em 2013, no Rio de Janeiro, a 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (Icom), intitulada Museus (memória + criatividade) = Mudança Social. Em mensagem institucional apresentada no material oficial do evento, é assim justificada a escolha do país: “É importante, no entanto, reconhecer que o campo dos museus no Brasil mostra hoje inovações que atraem os profissionais de museus do mundo todo; é o caso dos museus de comunidade, da museologia social e dos projetos de novos museus, com formatos e conceitos inéditos.”⁵

O Ponto de Memória Museu do Taquaril, objeto do presente estudo, é iniciativa que faz parte desse movimento de renovação dos museus, de aprendizado do “fazer museológico” e expressão cultural de novos atores sociais. Está inserido no processo de construção de uma política nacional de cultura democrática e inclusiva. Sua investigação mostra-se pertinente e relevante, uma vez que contribuirá para a reflexão sobre o desenvolvimento de museus comunitários em periferias urbanas em anos recentes no Brasil, estimulando o debate sobre políticas públicas do setor museológico e dinâmicas de viabilização de instituições culturais comunitárias. Favorecerá também o estudo sobre novas experiências e tipologias museais, em um contexto de desenvolvimento da museologia como campo disciplinar, de formulações acadêmicas e normativas recentes que retratam conceitos em reelaboração. Sublinha-se ainda a relação intrínseca dos temas em estudo com dinâmicas contemporâneas que pautam o debate e a ação nas esferas da cultura e do desenvolvimento social: a afirmação sociocultural e luta política de grupos marginalizados, a mobilização e organização comunitárias, a transformação social e econômica de comunidades em situação de pobreza e risco social.

⁵ Informação consultada no material oficial, distribuído aos participantes, da 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (Icom), realizada no Rio de Janeiro, RJ, de 10 a 17 de agosto de 2013, página 5.

Além dos motivos anteriormente mencionados, o Museu do Taquaril foi escolhido por estar em localidade operacionalmente viável para execução da pesquisa de campo, por ser uma das 12 iniciativas da Ação-Piloto que ainda não foi investigada, por ter em sua diretoria um líder que se integrou e participou ativamente da Comissão Provisória de Gestão Participativa/Compartilhada (Cogepaco) do programa Pontos de Memória. Além disso, o Museu foi mencionado em conversa informal exploratória com o servidor do Ibram Felipe Evangelista Andrade Silva, então membro da equipe responsável pelo programa, como uma das iniciativas mais bem estruturadas entre as beneficiadas na Ação-Piloto. (informação verbal)⁶ Por fim, destaca-se Minas Gerais como cenário favorável à investigação, pelo seu histórico de desenvolvimento no setor museal, sendo o terceiro Estado brasileiro de maior número de museus, após São Paulo e Rio Grande do Sul. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011a) Observa-se também o surgimento de outras experiências mineiras no campo da “nova museologia”, como o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Ouro Preto), o Ecomuseu de Mocambeiro (Matozinhos), o Ecomuseu do Cipó (Santana do Riacho) e o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos-Muquifu (Belo Horizonte).

Organização estrutural

Esta dissertação está estruturada em dois capítulos, um que traz revisão bibliográfica sobre temas pertinentes à investigação, e outro que apresenta os resultados da pesquisa sobre o Ponto de Memória Museu do Taquaril. O Capítulo 1, intitulado *A transformação do museu e o contexto brasileiro*, elaborado com base em revisão de literatura sobre o tema, está subdividido em três seções. Na primeira, *Inventando o museu*, é relatada a história de surgimento e desenvolvimento dos museus e são tratadas as noções de identidade, memória e patrimônio. A segunda seção, *Reinventando o museu*, aborda os processos de questionamento, transformação e diversificação dos museus no ocidente. A terceira, *Contexto brasileiro*, apresenta uma contextualização histórica do cenário brasileiro relativo às mudanças no campo dos museus, abordando aspectos socioculturais e políticos contemporâneos relacionados, particularmente o desenvolvimento de políticas culturais e museológicas nacionais. São também feitas considerações finais a respeito dos conteúdos revisados.

⁶ Informação fornecida por Felipe Evangelista Andrade Silva, em conversa informal, na 6ª Reunião da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, realizada no Museu Vivo de São Bento, em Duque de Caxias/RJ, em 5 de abril de 2014.

O Capítulo 2, nomeado *A trajetória do Ponto de Memória Museu do Taquaril*, apresenta quatro seções. Inicialmente, na seção *Método e estrutura*, é demonstrada a forma como foi feita a investigação junto ao Museu, são descritos instrumentos e fontes de pesquisa e é explicada a organização estrutural do Capítulo. Em seguida são apresentados na segunda e terceira seções, *A Ação-Piloto do programa Pontos de Memória* e *O Taquaril*, localidade onde o Museu foi instituído. Na última seção, *O Ponto de Memória Museu do Taquaril*, é feito um relato detalhado da trajetória do Museu, suas etapas e processos de desenvolvimento. Ainda nesse Capítulo são feitas considerações finais sobre a experiência do Museu, comparando-a com a de outras iniciativas da Ação-Piloto. Por fim, a partir da revisão bibliografia e dos resultados apurados, são apresentadas as conclusões gerais do presente trabalho de pesquisa.

Capítulo 1 – A transformação do museu e o contexto brasileiro

Neste capítulo é apresentado breve histórico de surgimento do museu e de seu desenvolvimento no ocidente até a primeira metade do século XX. É relatada sua transformação e multiplicação nos séculos XX e XXI, com o movimento denominado nova museologia e a criação dos chamados novos museus. São abordadas funções desempenhadas por essas instituições; contiguidades com as noções de identidade, memória e patrimônio; processos históricos socioculturais relacionados e particularidades da experiência museológica brasileira. É apresentada uma visão geral do cenário atual dos museus comunitários e ecomuseus no Brasil e da política oficial federal relacionada a essas novas iniciativas, especialmente as ações do Ibram e o programa Pontos de Memória, contextualizados no campo das políticas públicas de cultura.

1.1 Inventando o museu

Objetos, coleções e museus

O museu como é hoje universalmente conhecido surgiu no momento em que coleções privadas tornaram-se públicas na sociedade ocidental moderna. Saber sobre a origem das práticas de colecionamento pode esclarecer acerca de linguagens do universo dos museus. Comumente referenciado em estudos das áreas de patrimônio, memória e museologia é o trabalho de Kristof Pomian (1984, p. 53) que trata da definição de coleção, para ele de caráter universal: “(...) qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” Seriam reconhecidas como práticas de colecionamento o costume, a partir do Neolítico, de sepultar defuntos com objetos ou decorar túmulos; a exposição de oferendas aos deuses nos templos Gregos e Romanos; a acumulação de objetos valiosos pelos detentores do poder nas monarquias orientais e na Europa medieval; a conservação de relíquias e objetos sagrados por estabelecimentos religiosos difundida pelo cristianismo; a formação dos tesouros principescos de pinturas e esculturas. Esses conjuntos de objetos seriam destituídos de valor de uso; imbuídos de poder, exotismo, sacralidade e valor de troca; protegidos contra pilhagem e exibidos aos fiéis, às multidões ou mesmo aos mortos. Apesar de diferentes em muitos

aspectos, eles aproximar-se-iam por meio de uma “homologia de funções”. Segundo Pomian (1984), eles promovem o intercâmbio entre dois mundos, ou ainda, entre o “visível” e o “invisível”. E podem também ser qualificados como “semióforos”, objetos sem utilidade prática, porém portadores de significado.

Os objetos e suas funções práticas e simbólicas recebem atenção especial nas análises do antropólogo brasileiro José Reginaldo Santos Gonçalves. Ele sugere avançar além da perspectiva de mediação entre o visível e o invisível e considerar as contingências históricas nos processos de formação das coleções, que no ocidente moderno estariam associados à acumulação e à preservação. Nesse sentido, lançando mão do ponto de vista de James Clifford⁷, Gonçalves reforça a relação próxima do colecionamento com a atualização de estratégias e valores sociais e com a formação de “subjetividades individuais e coletivas”:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar (...) suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais, sejam aqueles espaços institucionais e discursivos tais como as coleções, os museus e os chamados patrimônios culturais. Acompanhar o deslocamento dos objetos (...) é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva. (GONÇALVES, 2007, p. 15)

Coleções de objetos sagrados, relíquias e obras de arte, na Idade Média, eram acumulados de forma preponderante nos tesouros dos príncipes e nas igrejas, com pouco ou nenhum acesso da população. (POMIAN, 1984) A partir do século XIV, a afirmação progressiva de novos modelos de pensamento, novos grupos sociais e novas categorias de objetos alargam os contornos desse sistema. Françoise Choay relata que humanistas, artistas e cientistas provocam o deslocamento das práticas de colecionamento e de seus significados. A noção de antiguidade torna-se forte na Europa ocidental e cresce o interesse pelos vestígios como objetos de estudo do passado, de sociedades desconhecidas e da natureza. Aparecem as categorias dos mecenas, dos expedicionários e dos antiquários, esta criada para nomear especialistas de arte antiga. (CHOAY, 2001) Novos objetos são percebidos como portadores de significados: curiosidades exóticas e naturais, objetos de arte e instrumentos científicos. São criados os gabinetes, as galerias de pintura e escultura e as bibliotecas, ferramentas de trabalho e de sinalização de poder. Nos séculos XVI e XVII surgem como novidades a venda de objetos em locais públicos, a produção de catálogos e inventários, a valorização da arte

⁷ Segundo Gonçalves, James Clifford é historiador norte-americano e autor de referência constante na bibliografia sobre coleções e museus: Clifford, J. *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature and art*. Harvard University Press., Cambridge, 1988.

popular. E cresce o público interessado no acesso às coleções. Nascem no século XVII as bibliotecas públicas e os primeiros museus, estes com as características fundamentais de permanência e acessibilidade ao público, ainda que de modo limitado. (POMIAN, 1984) O termo que passa a ser adotado, originado da palavra grega *mouseion* (templo das musas), significa neste contexto histórico espaço para estudos literários, artísticos e científicos, concepção diferente da que seria adotada posteriormente. (CHOAY, 2001)

O final do século XVIII e início do século XIX é momento de rupturas e grandes transformações nos modelos ideológicos e sociais vigentes. Esse é o período da Revolução Francesa, da afirmação do ideal iluminista, da transição para a chamada era industrial. Nesse cenário localiza-se o estabelecimento do denominado museu tradicional ou museu ocidental moderno, cujos fundamentos permanecem fortes até a primeira metade do século XX. Segundo as pesquisadoras brasileiras Myrian Sepúlveda dos Santos (2002) e Regina Abreu (2007), a criação dessa instituição está diretamente vinculada à difusão do modelo de conhecimento universalista, à formação dos Estados nacionais e à transferência das coleções da esfera privada para a pública. Apropriados pelo Estado, objetos tornam-se bens patrimoniais das nações, passando a ser selecionados, classificados, ordenados. Eles tornam-se instrumento de pesquisa científica e, além do atributo de antiguidade, ganham significado de testemunhos materiais do passado das sociedades e da história da civilização. Eles são conservados por meio dos museus, que tem como funções, como esclarece a socióloga brasileira Lucia Lippi Oliveira (2008, p. 143): “(...) educar o indivíduo, estimular o senso estético e afirmar a identidade nacional”. Denominados museus nacionais, museus enciclopédicos ou museus de ciências, eles voltam-se para a preservação de riquezas e tradições nacionais e também coleções de valor universal.

Essa modalidade de museu pode ser definida como uma instituição com pesquisadores que produzem conhecimento, praticam o colecionamento, divulgam o que é produzido e exibem suas coleções para um público amplo. Sua função é também pedagógica. Desde então, os museus têm sido importantes aliados nos processos civilizatórios nos diversos contextos nacionais. (ABREU, 2007, p. 141)

São marcos iniciais da história dos museus modernos a inauguração do Museu Britânico (1753) e a abertura para visitação pública da Galeria do Louvre (1793). (SANTOS, 2002). Nessa mesma época surgem na França três grandes instituições, o Museu dos Monumentos, o Museu de História Natural e o Museu de Artes e Ofícios, inaugurando categorias museais que seriam daí em diante desenvolvidas e disseminadas: história, artes, ciências, arqueologia, etnografia. (OLIVEIRA, 2008) Os museus multiplicam-se e tornam-se

mais diversos no século XIX, muitas vezes nomeado século de ouro dos museus. Segundo relato do historiador francês Dominique Poulot (2013), por influência do movimento romântico e sua busca pela diversidade, os chamados museus de antiguidades começam a ganhar excentricidade, apresentando coleções relacionadas a legados específicos e a tempos mais recentes. Seria também este o momento de imposição da perspectiva arqueológica e de variações em detrimento da primazia estética das coleções clássicas.

Aqui é importante salientar como a criação e disseminação destes museus de modelo europeu estão vinculadas a processos de formação de *memórias coletivas* e *identidades nacionais*. Cabe ainda enfatizar que é também na sociedade moderna ocidental, quando os mitos e a religião não representam mais uma unidade essencial, quando bens colecionados passam a ser dos cidadãos, quando são promovidas ações institucionalizadoras para a formação dos Estados-nação, que o *patrimônio* começa a ganhar “nome” e “forma”. Serão tratadas brevemente em seguida noções sobre as categorias de pensamento *identidade*, *memória* e *patrimônio*, devido à inerência das mesmas aos processos de construção e operação das instituições museais.

Identidade, memória e patrimônio

“Conceitos, certamente, não são parte de discursos filosóficos flutuantes, mas são histórica, social e localmente enraizados e, portanto, devem ser explicados em termos destas realidades.” (HOBSBAWN,1990, p. 18) Atenderia a esses predicados o trabalho de Benedict Anderson, *Comunidades Imaginadas*, que segundo Eric Hobsbawn traz luz aos processos de formação das nações e ao nacionalismo. Anderson (2008 [1983]) apresenta a nação como uma “comunidade imaginada”, fundamentada em laços de solidariedade. Sua perspectiva teria caráter universal e avançaria frente a análises do nacionalismo que focalizam a imposição ideológica dos detentores de poder e defendem a ideia de “invenção” da nação. A noção de “imaginação” é proposta para ressaltar o aspecto afetivo dos processos de formação da identidade nacional e a legitimidade emocional conferida pelos povos às representações elaboradas. Para a construção das identidades nacionais houve grande mobilização política na implementação de medidas unificadoras: ensino público, língua oficial, monumentos, cerimônias, heróis e narrativas. Na análise de Anderson (2008 [1983]), censos, mapas e museus são instituições que simbolizam a nação nos Estados coloniais, operando funções de abstração, classificação e racionalização, informando sobre os participantes da nação, seu

território e seu passado comum. Nesses processos de construção identitária, opera-se uma seleção de determinadas representações, assim como o apagamento de expressões e culturas.

Essas referências remetem-nos à noção de identidade. Denys Cuche (1999, p. 177) informa-nos que “A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.” e também que “A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (...) e o distingue dos outros grupos (...)”. Nessa perspectiva, a categoria identidade cultural seria acionada para operar a distinção entre os grupos por meio da diferença cultural. A partir de concepção apresentada por Frederik Barth,⁸ Cuche (1999) propõe uma abordagem relacional e situacional da noção de identidade, permitindo reconhecê-la como histórica, processual e política, não como um atributo original e permanente. Os agentes e grupos sociais, em dinâmicas interações e em relações de oposição, utilizam procedimentos de diferenciação como estratégias de afirmação e luta. Na modernidade, o indivíduo ganharia autonomia para afirmar identidades múltiplas e diversas, estando suas estratégias sempre sujeitas à posição social que ocupam e às relações de força acionadas nas relações, podendo situações de poder levar a representações dominantes e classificações segregatórias.

Néstor García Canclini, pesquisador da realidade contemporânea no contexto latino-americano, fala sobre os contornos da noção de identidade no mundo ocidental. Os referenciais tradicionais de identidade (nações, classes, etnias), uma vez enfraquecidos, estariam sendo reconstruídos em processos de “hibridização intercultural”. A identidade hoje, sob influência das novas estruturas globais, das inovações tecnológicas e dos processos de comercialização de bens culturais, seria “(...) poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas.” (CANCLINI, 2010, p. 131) Stuart Hall (2005) discorre a respeito de dinâmicas de descentramento, deslocamento e fragmentação das identidades a partir do final do século XX. Ganhando maior importância frente às identidades nacionais, seriam desenvolvidos processos de identificação global e também, simultaneamente, afirmação de identidades locais, regionais e comunitárias. A identidade cultural no mundo contemporâneo poderia ser descrita pela sua ênfase no efêmero, na diferença e no pluralismo.

Objetos, coleções e museus são utilizados para representação simbólica na afirmação de identidades pessoais e coletivas. Nesse processo, em que passado e tradição são acionados,

⁸ Referência informada pelo autor: BARTH, Frederik. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, STREIFF-FENART, J., *Théories de l'ethnicité*, PUF, col. Paris: Le sociologue, 1995. p. 203-249.

opera-se a construção social da memória. Maurice Halbwachs foi inovador ao pensar pela primeira vez a memória como fenômeno social, na primeira metade do século XX. Na sua perspectiva, mesmo a memória individual é produto de um coletivo, é informada pelo lugar que o indivíduo ocupa e pelas relações que mantém. Sua propriedade de individualidade é a de ser a visão de um lugar social que é único: aquele em que o indivíduo encontra-se, ponto de interseção de diversas correntes de pensamento. Nesse sentido, a memória individual não é algo nato, eterno, impresso dentro do indivíduo. Ela é uma ativação do passado a partir de um posicionamento político do presente, acionada e produzida em grupo, mais por meio de adesão afetiva do que pela coerção. Ela também produziria a memória do grupo, sendo fator de coesão e, enfim, conformadora da identidade coletiva. (HALBWACHS, 1990 [1950])

Na abordagem de Pierre Nora (1981), que retrata diagnóstico de um período posterior, os anos 1980, seriam os “lugares de memória” que promoveriam a coesão social, uma vez que proporcionam a ancoragem da memória coletiva. Em um momento histórico de transição, nova forma de perceber e vivenciar o tempo favoreceria a perda de referenciais coletivos de identidade, resultando na necessidade de construção simbólica de “(...) lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva”. (NORA, 1981, p. 28) Fariam parte desse cenário particular da história dinâmicas de mundialização, democratização, massificação, aceleração do tempo e ruptura com o passado. Esse processos desencadeariam uma “desritualização do mundo” e a “dessacralização do passado”. Seria estabelecido o fim das sociedades firmadas na legitimação pela tradição e na conservação e transmissão de valores, sendo impulsionada a materialização da memória de forma cada vez mais intensa, descentralizada e democrática. Para Nora (1981, p. 9) “A memória é a vida (...) está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento (...) vulnerável a todos os usos e manipulações.” Ele pontua uma questão que será foco de debates no campo da memória no século XXI e que se relaciona à transformação dos museus: a multiplicação de memórias particulares que requisitam sua própria história.

O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. (...) Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obsecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1981, p. 17)

Em reflexão de Andreas Huyssen (2000) sobre a noção de memória na contemporaneidade, essa é apresentada como campo de disputa, estando relacionada à

articulação de necessidades culturais do mundo globalizado e ao desenvolvimento de esferas públicas da sociedade civil. A relativa estabilidade das memórias sociais e de grupos proposta por Halbwachs não se sustentaria no contexto atual no qual emergem memórias políticas diversificadas, contrastantes e fragmentadas. A memória, assim como a musealização, estariam “(...) sempre em perigo de perder sua capacidade de garantir a estabilidade cultural ao longo do tempo”. (HUYSSSEN, 2000, p. 30) Haveria também um movimento de valorização do passado e obsessão pela memória. A partir dos anos 1970 emerge nas sociedades ocidentais uma “cultura da memória”, resposta à necessidade de obter segurança e estabilidade frente às bruscas e aceleradas mudanças do nosso tempo. A conjunção de fenômenos complexos como desenvolvimento tecnológico, comunicação de massa, consumismo e mobilidade global teriam provocado a diminuição da duração do presente e alterações na sensibilidade e percepção humanas. Uma dinâmica associada a esta “febre de memória” seria a busca por histórias alternativas, mobilizada por processos de construção de novas narrativas identitárias, por questões de direitos humanos, de minorias, gêneros e etnias. (HUYSSSEN, 2000)

Inerente à construção de memórias e à afirmação de identidades, a constituição do patrimônio deve também ser considerada processo histórico em contínua transformação. Esta ideia é desenvolvida em trabalho de Gonçalves (2007), no qual ele aborda o patrimônio como “categoria de pensamento”. Ele ressalta que apesar de ser pertinente considerar que o patrimônio constituiu-se como categoria junto com a formação dos Estados nacionais, a noção estaria presente não apenas na sociedade moderna ocidental. Ela não poderia ser “naturalizada” e representada de modo específico, seja por meio da ideia de posse ou redistribuição, seja como atributo mágico ou utilitário. Indivíduos, grupos e sociedades produziram representações e apreenderiam sentidos diversos a partir do patrimônio.

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento (...) Transformar objetos, estruturas arquitetônicas, estruturas urbanísticas, em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de ‘representação’ que funda a memória e a identidade. (GONÇALVES, 2007, p. 155)

A partir das reflexões de Gonçalves (2007) e da pesquisadora brasileira Maria Cecília Londres Fonseca (2003) é possível compreender que a formação dos patrimônios relaciona-se à atividade de colecionamento. Sendo assim pode ser interpretada conforme expresso por Pomian, e relatado anteriormente, como processo de atribuição de valor especial a determinados bens, que são retirados de circulação e protegidos. O imperativo de proteção na

sociedade moderna estaria associado à concepção de história como “processo inexorável de destruição”, conformando uma percepção da tradição sob risco de desaparecimento. Na medida em que esses bens possuem a propriedade de evocar o passado, com o recurso da memória, são capazes de estabelecer ligação entre passado, presente e futuro, exercendo papel de mediação entre as dimensões do tempo. Os objetos passam então a ser ilustrações visuais de narrativas do patrimônio cultural elaboradas por meio de uma “retórica da perda”, concebidas como “unidade imaginária” distante no tempo ou espaço, contrastantes com o presente em destruição. (GONÇALVES, 1996, 2007)

Na sociedade moderna ocidental objetos passam a constituir-se bens patrimoniais da nação, móveis e imóveis. A instauração do patrimônio cultural ocorre não somente por meio da elaboração de seu significado, mas também pela criação de mecanismos de preservação. Ao longo dos séculos XIX e XX são estabelecidos aparatos institucionais e políticas culturais com esse objetivo. (FONSECA, 2003)

Um processo histórico promove o que muitos estudiosos reconhecem como o alargamento da noção de patrimônio. A elaboração de novos sentidos para o patrimônio cultural pode ser situada na década de 1970 e relacionada ao fortalecimento das ideias de diversidade cultural e ambiental. Esse movimento é impulsionado por ações normativas da Unesco que promovem a difusão, em âmbito mundial, de abordagens relacionadas a um entendimento mais amplo do meio ambiente e da cultura. (ABREU, 2010b) Vale destacar a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (1972, Suécia), a adoção da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), a Recomendação da Unesco para a Proteção dos Bens Culturais Móveis (1978) e, em período mais recente, a aprovação da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001)⁹. O surgimento de nomenclaturas como patrimônio total e patrimônio integral traduzem o reconhecimento a respeito da necessidade de maior abrangência da categoria. Ela torna-se mais inclusiva, passando a abarcar o ambiente natural e os chamados bens culturais imateriais ou intangíveis, manifestações características da produção cotidiana e dinâmica dos diversos grupos sociais. (FONSECA, 2003)

Considerando as abordagens revisadas sobre identidade, memória e patrimônio, pode-se dizer que os museus, enquanto instituições que operam a seleção, classificação, preservação e difusão de bens culturais, são ferramentas de patrimonialização e formulação de

⁹ Informação consultada no site oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=12025&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=-471.html>. Acesso em: 03 fev. 2015.

narrativas, utilizadas em processos sociais de construção de memórias e afirmação de identidades.

1.2 Reinventando o museu

Cenário contemporâneo

Criado e recriado pelas sociedades na chamada modernidade, de forma mais ou menos inventiva e democrática, o museu estabeleceu-se, multiplicou-se e diversificou-se. Constituiu-se lugar de objetos, coleções e memórias; templo e espaço da arte e da contemplação; veículo de afirmação de poder e reconhecimento; ferramenta de produção de conhecimento e disciplinarização; universo da simbologia, dos mitos, dos afetos e da cultura. Com os atributos básicos de preservação/conservação, pesquisa e comunicação/educação, esta instituição tem suas funções questionadas e alteradas a partir da Segunda Guerra Mundial. O museu é reinventado no cenário contemporâneo, teórica e empiricamente, ganhando novos formatos e concepções.

O cenário em questão é o da chamada pós-modernidade, modernidade tardia ou segunda modernidade, momento histórico caracterizado pelo afrouxamento das fronteiras nacionais, incremento da economia transnacional, instauração dos fluxos globais, desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, valorização das diferenças e dos direitos a ela associados. Observa-se nesse contexto o fenômeno da globalização que, para Canclini (2010, p. 11), apesar de apresentar tendências hegemônicas de urbanização e industrialização cultural, não deve ser percebido como “(...) um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades (...)”. A partir dos anos 1980 há uma aceleração das dinâmicas de abertura dos países ao mercado global, operação de redes de produção e circulação simbólicas, desenvolvimento da indústria de comunicação, em especial dos meios de massa e audiovisuais. A influência de novos critérios nos processos de organização cultural, afirmação de identidades e constituição da cidadania determinariam a configuração das grandes cidades como espaço de gestação de movimentos sociais, de um “multiculturalismo conflitante” e de “ações fragmentárias e fugazes”. (CANCLINI, 2010)

Estudos de pesquisadores do campo do patrimônio urbano também trazem elementos produtivos para a reflexão sobre tendências da globalização e seus impactos no campo

cultural. Lia Motta (2000) fala sobre movimentos concomitantes de apropriação dos bens culturais como referência de identidade e elemento de diferenciação e, por outro lado, pela lógica do consumo, para atendimento de demandas de lazer e turismo e criação de produtos culturais sintonizados com o consumo de massa e a concorrência entre cidades. Sharon Zukin (2000, p. 111) argumenta que a paisagem característica do século XXI “(...) valoriza a cultura, a história e a autenticidade, mas é também cada vez mais artificial, transformada em mercadoria e reproduzida.” Paralelamente à democratização e diversificação, há a homogeneização provocada pelo mercado global, sendo o resultado paisagens cada vez mais “similares ou globais” e, ao mesmo tempo, “diferentes ou locais”.

Perspectivas da área de demografia propõem reflexão semelhante. Weber Soares (2009, p. 63) defende que, paralelamente à globalização, há uma valorização daquilo que é regional, da esfera local. “Contra o discurso de que esse fenômeno homogeneiza o espaço econômico e generaliza os benefícios sociais, a experiência tem mostrado situação paradoxal: globalização e regionalização como duas forças simultâneas e contraditórias que resultam de fonte comum.” O “desenvolvimento local” seria impulsionado pelas formas locais de solidariedade, integração social, cooperação, inovação e teria como característica fundamental sua indução de modo endógeno, ou seja, a partir da adesão e participação da comunidade. Seria um processo no qual precisam ser consideradas as singularidades da história e do ambiente locais, de forma que “(...) os agentes sociais se percebam como sujeitos do seu próprio destino”. (SOARES W., 2009, p. 82)

Museus em transformação

Antropólogos, sociólogos, museólogos dedicam-se, em décadas recentes, a estudar as transformações que ocorrem com os museus no mundo ocidental a partir da segunda metade do século XX. O questionamento de concepções e práticas institucionalizados que ocorreu em vários setores nas décadas de 1960 e 1970 atingiu também o campo dos museus. Na conjuntura da eclosão em todo o mundo de movimentos político-sociais de contestação, os preceitos museológicos clássicos sofrem forte crítica. Agentes sociais diversos denunciam o caráter “autoritário, acrítico, conservador e inibidor” da instituição, como descreve o pesquisador brasileiro Mario de Souza Chagas. (2008, p. 115)

Os museus enfrentam o desafio de aproximar-se de questões contemporâneas, de cumprir novos papéis associados ao atendimento de necessidades e a expressão de interesses de uma sociedade que é cada vez mais diversa e que apresenta questões ambientais, políticas e

culturais complexas. O pesquisador brasileiro Bruno César Brulon Soares (2007) destaca a ênfase dada à questão ambiental e à disseminação da ideia de desenvolvimento sustentável, em um cenário de crescimento populacional, aumento da poluição e crise energética. Novas demandas surgem no sentido de assumir responsabilidades na proteção do meio ambiente. A museóloga brasileira Tereza Cristina Scheiner (2012) fala sobre novas diretrizes da área da educação que teriam incentivado em âmbito mundial a atuação de outras instituições, além da escola, no desenvolvimento educacional. Mudanças relacionam-se também à adaptação da instituição museológica aos novos tempos das indústrias cultural, do lazer, do turismo e das inovações tecnológicas e de comunicação:

As mudanças nas concepções do museu – inserção nos centros culturais, criação de ecomuseus, de museus comunitários, escolares, de sítio – e várias inovações cênicas e comunicacionais (ambientações, serviços educativos, introdução de vídeo) impedem de continuar falando dessas instituições como simples depósitos do passado. (...) Hoje devemos reconhecer que as alianças, involuntárias ou deliberadas, dos museus como meios de comunicação de massa e o turismo foram mais eficazes para a difusão cultural que as tentativas dos artistas de levar a arte às ruas. (CANCLINI, 2000, p. 170)

Uma renovação desta instituição dar-se-ia na prática e também no campo teórico. A antropóloga portuguesa Alice Duarte (2013) analisa implicações da nova postura epistemológica que questiona o absolutismo do método científico e a superioridade do pensamento racional. A nova percepção do conhecimento como construção histórica e social e a compreensão de sua relatividade impactam os fundamentos da museologia e dos museus, sendo instaurada discussão “(...) sobre a natureza da instituição, sobre o caráter e significado das suas coleções, das suas modalidades de representação cultural, da sua identidade institucional, até da sua missão e do seu lugar na sociedade”. (DUARTE, 2013, p. 106)

Ocorrem simultaneamente dois movimentos: um de adaptação de museus de característica tradicional aos novos tempos e outro de criação de novos modelos de instituições. Observa-se um deslocamento de foco dos objetos e coleções para as pessoas e suas experiências. (SOARES B., 2008) Novas técnicas alteram as formas de fruição e relação de visitantes e usuários. (BONIN; KERSTEN, 2007) Há abertura a novos segmentos sociais e a novas atividades e serviços. A partir da segunda metade do século XX há uma diversificação e proliferação aceleradas dos museus, surgindo especialmente a partir dos anos 1980 instituições de caráter social e comunitário. O desenvolvimento dos museus etnográficos teriam relação direta com essas dinâmicas. (DUARTE, 2013)

Alguns exemplos datados desse período são citados de forma recorrente em trabalhos acadêmicos como experiências precursoras de novas tipologias de museus. Um deles é o

Anacostia Neighborhood Museum, criado em Washington (1967), que inauguraria nos Estados Unidos um novo tipo de instituição, os “museus de vizinhança”. Criado por um grupo de líderes locais, ele teria inovado privilegiando as exposições temporárias em detrimento das coleções, trabalhando temas relacionados a problemas sociais e ambientais e às ações cotidianas da comunidade. (SOARES B., 2008) Outro exemplo é o *Ecomuseu da Comunidade Le Creusot-Montceau-les-Mines* – Museu do Homem e da Indústria, da França (1974), que apresentou como novidades o caráter urbano, a gestão colaborativa, a proteção articulada dos patrimônios material e imaterial, a “arqueologia industrial”. (DUARTE, 2013) É também mencionado com frequência o projeto *Casa del Museu*, ligado ao Museu Nacional de Antropologia do México (1968), desenvolvido para beneficiar áreas populares da cidade, constituído como instrumento de educação voltado para o desenvolvimento da comunidade. (CHAGAS, 2001)

Poulot (2013) localiza o surgimento de iniciativas inovadoras em momento anterior. Ele destaca a grande originalidade dos museus ao ar livre que surgiram na Europa do Norte já no final do século XIX. Também Scheiner e Soares B. (2009) compartilham dessa visão e reconhecem alguns modelos transformadores, além dos museus populares escandinavos a céu aberto. Na primeira metade do século XX, no âmbito da política cultural do chamado Terceiro Reich, são criados os museus regionais alemães, chamados de museus-microcosmos por focalizar o patrimônio local de um pequeno território. Durante todo o século XX são desenvolvidos nos Estados Unidos os *Children’s Museums*, com a proposta de “renovar para educar”. O primeiro museu dessa tipologia teria sido fundado em 1899, priorizando o ensino e a descoberta de novas linguagens para a abordagem junto ao público infantil.

Uma categoria muito disseminada no setor museológico, pelo seu papel no impulso às mudanças e na convergência das novas ideias, é a dos ecomuseus, que teriam surgido inicialmente na França nas décadas de 1960 e 1970. Segundo a pesquisadora brasileira Heloisa Barbuy (1995), a origem destas instituições, difundidas em diversos países, relaciona-se aos seguintes fatores: à criação dos parques naturais regionais, à valorização da cultura popular e rural e da etnografia regional, à associação da museologia às questões ambientais, à ampliação da noção de patrimônio. O termo ecomuseu, segundo Soares B. (2008), foi criado por Hugues de Varine em 1971, na ocasião sem uma formulação conceitual correspondente, como expressão de uma demanda social e política de relacionar museus e meio ambiente ou museus e ecologia. O conceito foi idealizado posteriormente por Georges Henri Rivière, que criou a *Definición Evolutiva del Ecomuseu*. Varine e Rivière, teóricos franceses, museólogos profissionais, teriam atuado de maneira precursora no planejamento de projetos de museus

que apresentaram técnicas e funções inovadoras, fomentando um movimento de renovação prática e teórica. Eles foram diretores do Icom,¹⁰ influenciando a definição de uma filosofia para a associação. A atuação de Rivière teria estimulado o desenvolvimento de uma museologia mais democrática e inclusiva.

A experiência de Portugal é também referência para os estudos sobre as transformações da instituição museal. O surgimento de novas configurações de museus em Portugal relaciona-se ao cenário político local na década de 1970, quando houve o fim do regime ditatorial. A militância e mobilização comunitárias presentes nesse momento teriam favorecido a efetivação de iniciativas como a formação do Grupo de Apoio aos Museus Locais e Regionais, por meio de missão da Unesco (1976-1979), expressando nova percepção dos museus como instituições que podem funcionar com maior participação da população. Nos anos 1980 e 1990, com apoio mais ou menos direto do governo municipal, foram criados diversos museus, em especial os denominados museus locais. Houve também processos de renovação de museus portugueses de décadas anteriores. (DUARTE, 2012)

A partir da década de 1980 amplia-se a disseminação de novas diretrizes e práticas museológicas, que espalham-se pelo mundo. Mesmo com a proliferação de novas iniciativas, porém, como os museus locais, os museus comunitários ou os ecomuseus, essas instituições ainda constituem minoria, como ressalta Hugue de Varine (2008).

Nova museologia

Paralelamente ao surgimento de iniciativas museais inéditas e de maneira inter-relacionada, ocorrem debates no campo teórico e ações políticas e institucionalizadoras voltados para a elaboração e afirmação de novas concepções. Apesar de a Mesa de Santiago do Chile ser frequentemente enunciada como marco inicial de uma “nova museologia”, Scheiner (2012) alerta para ocorrências anteriores. Desde sua criação em 1945, o Icom/Unesco teria dado ênfase à feição político-social e comunitária dos museus. Segundo Soares B. (2008), propostas museais inovadoras foram pautas de discussões fomentadas pelo Icom nas décadas de 1950 e 1960, como os programas de cunho ambiental voltados para o desenvolvimento de “museus locais” e “museus regionais”. A atuação do Icom ocorre por meio da publicação de documentos produzidos por seus comitês e da realização de

¹⁰ O Conselho Internacional de Museus (Icom) é um órgão filiado à Unesco, criado em 1946, que tem como objetivo produzir e difundir conhecimento normativo para o campo profissional dos museus, buscando assegurar a conservação e proteção dos bens culturais. Informação consultada no site oficial do Icom. Disponível em: <<http://icom.museum/the-organisation/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

conferências gerais e seminários regionais, como por exemplo o que foi realizado no Rio de Janeiro em 1958, um dos primeiros de uma série de eventos. (NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, P., 2012)

A Mesa Redonda de Santiago do Chile foi realizada em 1972, sob o governo de Salvador Allende, com o tema “A importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo”. De âmbito internacional, o encontro foi promovido pela Unesco e reuniu profissionais da museologia e especialistas de desenvolvimento econômico e social com objetivo de debater a contribuição dos museus para a solução de problemas na América Latina. Um dos trabalhos realizados foi a reflexão sobre os conceitos *museu integrado* e *museu como ação*. Eles expressariam a demanda emergente de transformar o museu em instituição destinada a promover junto à comunidade uma visão integral do seu ambiente natural e cultural. Além disso, fariam referência ao desafio do museu de melhor atender aos interesses de uma sociedade dinâmica. Algumas recomendações para o setor museal foram definidas: abertura ao trabalho interdisciplinar, maior acesso às coleções, atualização das técnicas museográficas e adequação das mesmas às condições dos países latino-americanos, capacitação profissional, adoção de sistemas de avaliação de resultados. (NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, P., 2012) Alam Trampe, então Subdiretor Nacional de Museus do Chile, faz em 2012 o seguinte relato sobre esse evento:

As reivindicações da nova museologia refletem-se claramente no espírito da Mesa de Santiago. Seus participantes sonham com museus permeáveis e translúcidos que favoreçam o reencontro com as comunidades por meio de uma comunicação mais calcada no diálogo e inclusiva; museus que assumam a responsabilidade por questões territoriais e por novos, múltiplos e diversos patrimônios; museus que sejam reconhecidos como agentes de mudança e promotores do desenvolvimento (...). (NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, P., 2012, p. 103)

Dois outros eventos históricos relacionam-se à propagação de novos preceitos: a elaboração da Declaração de Quebec (1984) e a subsequente criação do Minom (1985). A Declaração foi produzida a partir de uma conferência geral do Icom e, além de reforçar as definições da Mesa de Santiago do Chile, teria como objetivo estabelecer os princípios fundamentais de uma “nova museologia”, de caráter abrangente, legitimadora das novas formas de fazer museal, como a “ecomuseologia”, a “museologia comunitária”, a “museologia ativa”. Em decorrência da Declaração foi fundado no ano seguinte um órgão filiado ao Icom, o Minom (relembrando, Movimento Internacional para uma Nova Museologia). Sua criação retrataria controvérsia no setor museológico e dissidências no âmbito do Icom relacionadas ao reconhecimento das novas práticas, significando a afirmação

de uma vertente da “nova museologia”. (DUARTE, 2013) O Minom tem a missão de promover a cooperação no campo da museologia em prol de iniciativas fundamentadas no entendimento do museu como instrumento para construção de identidades e o desenvolvimento social de comunidades. Sua atuação contempla a realização de conferências internacionais anuais a partir das quais são produzidas novas declarações, como a Declaração Minom Rio 2013 e a Declaração Minom Havana 2014, sempre reafirmando os princípios anunciados em Santiago do Chile (1972) e Quebec (1984).¹¹

O debate a respeito da função social dos museus é concomitante ao desenvolvimento do campo disciplinar da Museologia, que teria ocorrido de maneira sistemática e consistente a partir dos anos 1990. Teriam sido de grande contribuição os trabalhos realizados na esfera do Icofom, comitê consultivo do Icom oficializado em 1977, responsável por uma série de eventos e publicações que fomentaram a discussão teórica e o estabelecimento de uma terminologia para o campo. Em 1990, a partir de uma proposta de regionalização, foi implantado o Icofom-Lam, grupo de trabalho latino-americano que foi oficialmente declarado Subcomitê Regional para a América Latina e o Caribe em 1998. (CARVALHO, 2008)

Em 1992 mais um documento é produzido, a Declaração de Caracas, resultado de seminário promovido pelo Icom na Venezuela. Esse evento teria favorecido reflexão sobre a contribuição dos museus para a educação, a necessidade de maior diálogo com o público, a atualização dos métodos de comunicação e a utilização das novas tecnologias. (PRIMO, 2008) Para Mario Chagas e Inês Gouveia (2014, p. 13) esse seminário não poderia ser considerado contribuição efetiva à nova museologia, uma vez que “(...) investia na gestão profissional (...) sem uma efetiva atenção para os processos de desenvolvimento social, sem considerar o protagonismo das comunidades e dos movimentos sociais.”

Destaca-se que há formulações distintas sobre a categoria nova museologia. Ela pode ser compreendida como “fenômeno histórico que existe objetivamente”, inserido em um processo amplo de transformação dos museus. (SCHEINER; SOARES B., 2009, p. 2476) E ela seria designação elaborada para “(...) traduzir a viragem teórica e reflexiva concretizada – ou tida como ainda necessário promover – na museologia contemporânea (...)”, havendo duas vertentes complementares de renovação, uma francófona e outra anglo-saxônica, ambas imbuídas de desenvolver as dimensões social e política dos museus. (DUARTE, 2013, p. 108) Nesse sentido, a nova museologia seria terminologia adequada para expressar o movimento

¹¹ Informação consultada no site oficial do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom). Disponível em: <<http://www.minom-icom.net/about-us>> e <<http://www.minom-icom.net/noticias/xxii-jornadas-sobre-funcao-social-museu-2014-moura>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

teórico e metodológico amplo em curso, mais do que outras noções que expressariam abordagens parcelares, como por exemplo a sociomuseologia. (DUARTE, 2013) Para Chagas e Gouveia, a nova museologia foi inicialmente edificada e diferenciada por meio do confronto à chamada museologia tradicional, perdendo com o tempo força e desvinculando-se de seu sentido original:

Mesmo instituições conservadoras e clássicas passaram a incorporar o jargão e em certos casos determinadas práticas e metodologias da denominada nova museologia, o mesmo aconteceu com determinados profissionais, sem que isso representasse a adesão aos compromissos éticos e políticos que embasavam a nova museologia. A expressão virou moda e perdeu potência. (...) tentaram enquadrar a nova museologia no âmbito das práticas e procedimentos da museologia normativa. (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 13)

Isso teria determinando o fortalecimento, em especial a partir de 1990, da museologia social ou sociomuseologia, categoria que teria consolidado-se no Brasil:

(...) quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária (...). (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 17)

As categorias museologia social e sociomuseologia aparecem nas narrativas do Minom. Paula Assunção, atual presidente da instituição, traduz a noção de museologia social como “(...) uma forma de enxergar e atuar no mundo baseada na crítica e no ativismo sociais por meio de iniciativas comunitárias, acadêmicas e de experimentações nos mais variados tipos de museus.” (NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, P., 2012, p. 9) Seus fundamentos são expressos na *Definição Evolutiva de Sociomuseologia*, elaborada pelo pesquisador português e atual vice-presidente do Minom Mário Moutinho (2007, p. 44): “Entre o paradigma do Museu ao serviço das coleções e o paradigma do Museu ao serviço da sociedade está o lugar da Sociomuseologia”.

Ressalta-se ainda que, nas perspectivas dos autores revisados, trata-se preponderantemente da nova museologia como processo associado a inovações de cunho socializador, democratizante e inclusivo. Transformações ocorridas com os museus pelo impacto dos meios de comunicação de massa, das indústrias da cultura e do turismo e das tecnologias digitais parecem pertencer a um outro campo de debates e têm maior destaque em estudos que salientam características dos “novos museus” ou “museus contemporâneos”. Essa “perspectiva social” foi privilegiada no presente trabalho pela sua relação direta com o objeto

de pesquisa, assim como com o contexto político e sociocultural no qual ele se inscreve. De qualquer forma deve-se registrar que as mudanças que ocorrem nos museus, assim como a criação de novos museus, podem ou não estar vinculadas ao atendimento mais democrático de demandas sociais, como revela reflexão de Abreu que será tratada na seção seguinte sobre os “museus espetáculo”. Além disso, os diferentes processos de transformação não necessariamente precisam ser percebidos como antagônicos, como propõe Santos (2011, p. 197):

No novo milênio, o reconhecimento de que há uma economia de museus não se contrapõe às outras funções que podem ser desenvolvidas no âmbito dos museus. (...) Cada vez mais os museus, produtores de memórias coletivas, colocam-se a serviço da formação política e inclusão social. Se esta é uma dimensão nobre, ela não pode calar e emudecer as outras dimensões inerentes aos museus, especialmente aquelas que lidam com valores estéticos e educativos.

Novo museu

Com o intuito de favorecer a compreensão sobre novas feições assumidas pelo museu na atualidade, optou-se por apresentar anteriormente a historicidade do processo de transformação da instituição museal e, particularmente nesta seção, abordagens que informam sobre características, funções, tipologias e tendências dos museus contemporâneos. Reconhecendo a grande abrangência de perspectivas do quadro internacional, ressalta-se que serão apresentadas apenas as concepções normativas produzidas pelo Icom, as ideias de Riviére e Varine, por terem sido precursoras, e reflexões de pesquisadores brasileiros de intensa atuação acadêmica no campo da museologia.

As concepções elaboradas no âmbito do Icom retratam a resignificação dos museus e, segundo Poulot, revelam a perspectiva de compromisso do campo profissional com a dimensão social desta instituição. Foram formuladas as seguintes definições:

Em julho de 1951, “a palavra museu designa qualquer estabelecimento permanente, administrado no interesse geral com objetivo de conservar, estudar, valorizar por diversos meios e, essencialmente, expor para o prazer e a educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários” (...) em 1974, e que marcou uma reviravolta: “O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite” (...) definições subsequentes enumeraram as instituições que entram explicitamente nessa categoria: por exemplo, aquelas que “têm a missão de ajudar na preservação,

continuidade e gestão dos recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis (patrimônio vivo e atividade criativa no plano da informática)”. (POULOT, 2013, p. 17-18)

A *Definición Evolutiva del Ecomuseu*, de Rivière, cuja terceira e última versão foi finalizada em 1980, é referência para pesquisadores da área. Ela propõe conceber esta instituição como:

Un espejo, donde la población se contempla para reconocerse, donde busca la explicación del territorio en el que está enraizada (...) Una expresión del hombre y de la naturaleza (...) Una interpretación del espacio (...) Un laboratorio, en cuanto contribuye al estudio histórico y contemporáneo de la población y de su entorno (...) Una escuela, en la medida en que asocia la población a sus actividades de estudio y de protección y la incita a tomar mayor conciencia de los problemas que plantea su propio futuro. (RIVIÈRE, 1985, p. 182)

Essa noção é utilizada, por exemplo, para a conceituação de *ecomuseu* no *Dicionário crítico de política cultural*, que traz interpretação construída também por meio da caracterização da coleção e do público dessa instituição. A coleção do *ecomuseu* seria composta por bens materiais e imateriais, móveis e imóveis existentes no território e pertencentes a seus habitantes, um “patrimônio vivo” em constante mudança e criação. O público contemplaria principalmente, além de visitantes externos, a população do território, que participa ativamente nas atividades do museu. A categoria *museu integral* teria sido adotada na América Latina com significado próximo à do *ecomuseu*. O *museu comunitário*, também com características semelhantes, teria aparecido no México em áreas de baixo desenvolvimento econômico, fundamentado na participação ativa da comunidade e na afirmação de sua identidade cultural. (COELHO, 1997) Soares B. (2007) aponta para um aspecto de diferenciação dos *ecomuseus* frente a outras tipologias, que seria seu maior engajamento na representação do meio ambiente como patrimônio, esse entendido como ambiente natural e social, como o território de uma população.

A perspectiva de Varine é vinculada à noção de desenvolvimento local, que apareceu nos anos 1970 na Europa. Suas ideias são também filiadas, como ele afirma, ao pensamento do filósofo brasileiro Paulo Freire e sua “teoria da educação libertadora”. Para Varine (2012, p. 229) a conservação e valorização do patrimônio devem ser feitas pelos criadores e detentores desse patrimônio e ter como objetivo prioritário “(...) a construção de um desenvolvimento sustentável e compartilhado.” Outros pressupostos seriam considerar o patrimônio como algo vivo e dinâmico e a participação comunitária e a ação coletiva como condições fundamentais. Sua ideia central é: os museus devem estar a serviço do desenvolvimento.

Concepções associadas a algumas novas tipologias são apresentadas por Varine, como a de *museus locais*, caracterizados como pluridisciplinares, pequenos e próximos da comunidade, relacionados a um “território, vila, pequena região, cidade, bairro, sítio industrial, parque natural”. Ou o *museu-território*, baseado na valorização do território, de seus habitantes, de seus recursos físicos e culturais. O *museu comunitário* poderia ser percebido como “(...) a expressão de uma comunidade humana, a qual se caracteriza pelo compartilhamento de um território, de uma cultura viva, de modos de vida e de atividades comuns.” (VARINE, 2012, p. 15 e 189) Este poderia ser diferenciado do museu-território pelo fato de ser estabelecido com base em um agrupamento humano e não em uma representação político-geográfica. O *ecomuseu* teria sido inicialmente associado à ideia de museu-parque, voltado para o meio ambiente natural e rural, posteriormente sendo ressignificado como ferramenta de desenvolvimento comunitário. Uma síntese elaborada por Varine (2012) com objetivo de traduzir as inovações do ecomuseu contrapõe “coleção, edifício, público”, categorias do museu tradicional, a “patrimônio, território, comunidade”, que seriam as novas bases do museu.

Na tentativa de formular conceitos e diferir tipologias, Varine traz noções que são bastante próximas e que apresentam elementos definidores comuns, sendo o principal deles a função social de desenvolvimento local de um território “delimitado”. Para ele, poderiam ser observadas algumas contiguidades nas esferas da nova museologia ou da ecomuseologia: o patrimônio global de um território ou comunidade como recurso de maior importância, a percepção da pesquisa e da conservação como meios para a ação, a participação comunitária operacional contínua, o desenvolvimento dos vetores de educação popular e transmissão cultural, o estabelecimento das instituições por meio de processos longos e multiformes. Varine ressalta como característica das novas iniciativas a capacidade de adaptação às contingências momentâneas do tempo-espaço de referência, o que as torna específicas e originais. Para entendê-las, portanto, seria preciso observar suas relações com a sociedade do entorno e seus objetivos políticos, não mais as suas coleções: “A gestão do patrimônio natural e cultural, em um território e no seio de uma comunidade humana, é sempre um problema particular, que não encontra soluções em nenhum manual.” (VARINE, 2012, p. 7)

Scheiner propõe pensar sobre práticas museológicas voltadas para o social a partir dos conceitos de *museu integral*, *museu comunitário* e *ecomuseu*. Ela parte do pressuposto de que a noção de museu é dinâmica e mutável e de que ele é concebido hoje no campo teórico como fenômeno “(...) identificável por meio de uma relação muito especial entre o humano, o

espaço, o tempo e a memória (...)”. (SCHEINER, 2012, p. 18)¹² O ecomuseu seria um tipo de museu comunitário e teria trazido como inovações: a apreensão do patrimônio imaterial ou intangível, a musealização do território, a realização de inventários de paisagens, a implementação de estratégias de conservação pelo uso, o compartilhamento de decisões com líderes comunitários e, além disso, o estabelecimento de uma relação mais direta entre as práticas museológicas e as práticas sociais. Esses aspectos corroborariam para a elaboração do conceito de museu integral. Poderiam, por outro lado, ser observadas como tendências dos ecomuseus e museus comunitários: um fechamento no âmbito da comunidade, desvios de funções devido à primazia de interesses políticos, a institucionalização e consequente aproximação com o modelo tradicional de museu, o distanciamento entre o discurso e a prática da instituição e, por fim, a extinção ou dissolução do museu. Scheiner (2012) qualifica ainda ecomuseus, museus comunitários, museus interativos e parques naturais como experiências mais abertas e plurais, que operam uma gestão democrática dos patrimônios. Eles não seriam, porém, necessariamente fruto da iniciativa de grupos sociais ou sociedades mais democráticas, podendo resultar de programas políticos de desenvolvimento.

As ideias de “memória do poder” e “poder da memória” são desenvolvidas por Chagas como recurso para iluminar as discussões sobre os *ecomuseus* ou os *novos museus*. Nessa perspectiva, instituições museais poderiam ser “(...) espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória”. (CHAGAS, 2001, p. 13) No primeiro caso, museus caracterizar-se-iam pela valorização do passado, pela formação de acervos valiosos, personalistas e etnocêntricos, pelo autoritarismo e supressão do conflito. No segundo caso, a memória seria acionada visando ao desenvolvimento social de grupos e comunidades e serviria para instrumentalizar os indivíduos frente ao desafio de equacionar um “acervo de problemas”. A atualidade, a vida dinâmica dos seres e suas relações seriam focalizados em detrimento da preservação do passado. O “poder da memória” seria então utilizado de forma democrática nos “novos museus”, a serviço de interesses sociais. Chagas (2008) alerta, porém, que qualquer dos aspectos relatados, tanto no primeiro como no segundo casos, podem fazer parte da experiência de uma instituição, independente de sua tipologia. Dessa forma, ocorreriam também nos “novos museus” dinâmicas orientadas para o passado, processos coercitivos, práticas excludentes. Seria necessário, portanto, pensar

¹² Apesar desta citação ser da própria autora, ela é referenciada no artigo como conteúdo não disponível por meio de publicação: SCHEINER, Tereza. *Museology*. Curso ministrado na *International Summer School of Museology* (ISSOM), BMO, República Tcheca, jul/1999.

além da dicotomia museu tradicional/museu contemporâneo, atentando para a complexidade dos museus e considerando-os como um processo, um espaço de relação em constante tensão.

Em trabalho intitulado *Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum*, Abreu (2012b) propõe o desafio de pensar sobre singularidades do museu na contemporaneidade analisando as forças sociais que os produzem. Ela apresenta a categoria dos *museus-espetáculo*, caracterizados como espaços amplos e modernos, usuários de alta tecnologia, inovadores em práticas de exposição e comunicação, mantidos por grandes patrocínios. O seu desenvolvimento estaria relacionado ao crescimento das metrópoles contemporâneas e seria possível compreendê-lo pelo exame do fenômeno de formação das cidades modernas. Estas teriam instaurado um tempo e espaço de grande circulação, instabilidade e velocidade, assim como a primazia da experiência individual em detrimento da vivência coletiva. Nesse contexto, museus seriam fabricados para o consumo de cultura e entretenimento, como produtos para satisfazer necessidades de prazer momentâneo e experiências sensoriais efêmeras. Em outra direção caminhariam os *novos museus*, resultado do empreendimento de grupos locais, grupos sociais organizados e segmentos marginalizados que se apropriam dos objetos e das narrativas museológicas para construção identitária, autoafirmação cultural e luta política. Eles trariam a possibilidade de novas representações do passado, de leituras alternativas e plurais, restaurando no homem as competências de discernir, imaginar e refletir. Competências que teriam sido perdidas com os excessos contemporâneos da reprodução, do culto à memória, da compressão e presentificação do tempo. Seriam exemplos os novos museus indígenas e os museus construídos em favelas, em comunidades carentes, em regiões periféricas de espaços urbanos: museus que operaram com contramemórias, contanto histórias nunca antes reveladas, iluminando passados opacos e promovendo empoderamento social.

1.3 Contexto brasileiro

Surgimento dos museus

A história dos museus no Brasil começa em 1818, junto com sua então nova condição de sede do Império Colonial Português. Nesse ano é criado o Museu Real (Museu Nacional),

com a proposta de disseminar padrões e valores europeus.¹³ Com acervo inicialmente constituído de doações dos imperadores, o museu passaria também a colecionar objetos representativos da nação brasileira, de suas riquezas naturais e da civilização universal. Dentre as instituições museológicas criadas no século XIX no país destacam-se o Museu do Pará (Museu Emílio Goeldi) (1868) e o Museu Paulista (1893). Assim como outras que surgiram até o início século XX, elas teriam privilegiado a cientificidade e sido influenciadas pelas teorias evolucionistas aplicadas ao campo das ciências naturais ou para explicação da história. (SANTOS, 2002) A partir dessa época, não só no Brasil, muitos museus são desenvolvidos em estreita relação com a Antropologia, que estava surgindo e ainda não tinha espaço nas universidades. Antropólogos trabalham nessas instituições empenhados na busca de evidências materiais empíricas de culturas desconhecidas. (ABREU, 2007)

Museus brasileiros também são criados como instrumentos para a construção da identidade nacional, retratando narrativas preponderantemente produzidas pelas elites. Coleções representam o Império, as conquistas militares, as riquezas naturais, o progresso e as “culturas primitivas”. Fruto de uma política autoritária, porém, eles não ganham legitimidade junto à maior parte da população, que ficou distante da fabricação e da fruição das produções museais. Um discurso oficial de pouca proximidade com as camadas populares e o estilo majestoso herdado dos museus europeus, que impõe percursos e modos de comportamento ao visitante, teria promovido a disciplinarização apenas de um grupo restrito: “Os museus brasileiros fazem parte de nossa tradição republicana, em que grande parte da população tem sido excluída de benefícios sociais importantes (...). A proposta de abrir os museus brasileiros a um grande público (...) em pouquíssimas ocasiões se efetivou.” (SANTOS, 2002, p. 133-134). Chagas (2006) retrata de forma aproximada o desenvolvimento dos museus no país e sinaliza que, nos anos 1920, o debate nacionalista já apresenta variações, não se submetendo mais a um único discurso.

Os museus brasileiros do século XIX (...) colaboram com o projeto de construção ritual e simbólica da nação; organizam discursos com base em modelos museais estrangeiros; buscam dar corpo a um sonho de civilização bem-sucedida; (...) Mas quem sonha? As elites aristocráticas tradicionais é que sonham o sonho de um nacional sem nenhum sinal de sangue, sem a presença da cultura popular, dos negros aquilombados, dos índios bravios, dos jagunços revoltosos, dos fanáticos sertanejos (...). (CHAGAS, 2006, p. 44)

13 O museólogo brasileiro Mário de Souza Chagas relata a existência, antes da vinda da corte portuguesa para o Brasil, de uma instituição museal de história natural, conhecida como Casa dos Pássaros, dirigida por Francisco Xavier ou, como era apelidado, Chico dos Pássaros. Informação consultada em entrevista concedida por Mário de Souza Chagas. Disponível em: <<http://www.vanhoni.com.br/> 2009/08/>. Acesso em: 08 jul. 2014.

A partir da década de 1930 ocorre uma dinamização da criação de museus no Brasil, reflexo de mudanças no cenário social, político e cultural. Segundo Chagas (2006), ela desenvolve-se em estreita relação com os projetos de modernização do país e o fortalecimento do Estado. Uma nova prática de tombamento de prédios históricos¹⁴ proporciona a criação de diversos museus em cidades que fazem parte do “circuito do ouro”, principalmente no período de 1949 e 1957, como por exemplo o Museu dos Diamantes, em Diamantina, Minas Gerais. (SANTOS, 2011) A criação do Curso de Museus, em 1932, favorece a institucionalização dos estudos de museus e da museologia no país. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b) É atribuído pioneirismo do Brasil, na América Latina, pela criação de importantes museus de artes, como o Museu de Belas Artes (1937), o Museu de Arte de São Paulo (1947) e os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro (1948). (SANTOS, 2004)

Novos museus fazem parte de um conjunto de instituições de cunho antropológico, universalista e humanista, planejados para atingir um público amplo e exercer função pedagógica. Identificados como novos museus de etnologia, eles marcariam o rompimento com a perspectiva evolucionista e buscariam valorizar a diversidade e o intercâmbio cultural, a luta contra preconceitos e discriminações. Eles seriam museus pensados como ferramentas de políticas públicas e práticas sociais, voltados para a difusão de uma nova compreensão das diferenças como expressão da unidade da espécie humana. Uma referência para essas novas instituições foi o Museu do Homem, de Paris, projetado nas décadas de 1940-50 pelo antropólogo francês Paul Rivet e por Georges Henri Rivièrre. (ABREU, 2007)

Trabalho de Chagas (2003), no qual ele analisa a atuação de três grandes intelectuais brasileiros no campo dos museus, ilustra o cenário museológico nacional. Gustavo Barroso, fundador do Museu Histórico Nacional (1922), teria exercido papel central no estabelecimento de uma política dominante, de afirmação da tradição erudita e o discurso patriótico. Mas outras formas de “imaginação museal” teriam também sido desenvolvidas, estimulando novos olhares para o Brasil. Darcy Ribeiro foi idealizador do Museu do Índio (1953), expressão de resistência e combate ao preconceito contra os povos indígenas. E Gilberto Freyre criou o Museu do Homem do Nordeste (1979), voltado para a valorização das tradições regionais. As práticas museais de Darcy Ribeiro seriam anunciadoras das novidades que começaram a se afirmar no setor museológico nos anos 1970 e 1980 em âmbito mundial.

¹⁴ Esta nova prática de tombamento de prédios históricos está associada a política nacional de preservação implantada na época pelo governo federal, que será abordada na página 40.

Museus tornam-se mais numerosos, espalham-se para novas regiões do país, diversificam-se, atentam-se para sua função educativa e passam a ser veículo de novas narrativas. O processo de transformação desta instituição no Brasil, porém, assim como em toda a América Latina, não obteve tanto sucesso como nos países desenvolvidos. (SANTOS, 2004) Na década de 1970, paralelamente à mobilização no setor museológico em torno de novas ideias, os museus brasileiros enfrentam grandes problemas financeiros, de público e visibilidade: eles “(...) não atendiam nem a demandas sociais, nem aos novos padrões de consumo, lazer e arte.” (SANTOS, 2011, p. 193) Apesar de grande parte dos museus brasileiros ter sido criada e ser mantida pelo Estado, os investimentos públicos nestas instituições, a partir de então, foram sendo reduzidos gradativamente, em especial com a adoção das leis de incentivo cultural. (SANTOS, 2004) Um breve histórico das políticas culturais nacionais poderá contribuir para a análise do cenário brasileiro no campo da cultura.

Políticas culturais

A inauguração das políticas culturais¹⁵ no Brasil pode ser situada nos anos 1930, quando ocorrem intervenções sistemáticas e abrangentes do setor governamental nessa área. Pesquisadores brasileiros informam que, na história do país, o desenvolvimento de políticas culturais nacionais tem forte relação com os governos autoritários, nos quais foram implantados conjuntos de ações e procedimentos e criadas legislações e instituições. Segundo Antônio Albino Canelas Rubim ([entre 2007 e 2013]) essa seria uma “triste tradição”, uma vez que a atuação governamental no campo da cultura acabou sendo “moldada” por parâmetros do regime ditatorial, assim como marcada por ausências e descontinuidades, sendo uma das consequências a instabilidade institucional das entidades. Para Lia Calabre (2005, p 68), as políticas culturais foram usadas com eficácia pelos governos militares como instrumento de difusão de “(...) valores e visões de mundo compatíveis com o discurso do regime.” Alexandre Barbalho (2007) afirma que o trabalho no campo cultural, associado ao processo de construção da identidade nacional, foi historicamente pautado pelo conservadorismo e negação dos conflitos e das divisões sociais.

O setor de cultura, inicialmente vinculado ao Ministério da Educação e Saúde (MES), passou em 1953 a integrar o Ministério da Educação e Cultura (MEC). E foi somente 32 anos depois que a área ganhou um ministério específico – Ministério da Cultura –, criado em 1985

¹⁵ Será adotada neste trabalho noção de *política cultural* restrita à atuação do Estado no campo da cultura.

no governo de José Sarney, fechado em 1990 pelo presidente Fernando Collor, recriado em 1993 no governo de Itamar Franco. (RUBIM, [entre 2007 e 2013]) O estabelecimento desse novo órgão não significou maior autonomia e investimentos financeiros, ficando grande parte das verbas na área de educação. A atuação no âmbito do Ministério da Cultura passou a caracterizar-se pela ausência de diretrizes e linhas de ação, disputa e superposição de poderes, frequentes interrupções e recomeços, pouca sistematização de procedimentos. O elitismo e o autoritarismo permearam a ação dessa instituição e podem ser percebidos, por exemplo, pelo menosprezo à cultura midiática, mesmo com a forte presença do rádio e da televisão na sociedade brasileira. (RUBIM, [entre 2007 e 2013])

O primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) pode ser caracterizado como o período de “estruturação formal da área da cultura”, momento em que foram criadas diversas instituições e desenvolvido o setor de radiodifusão. Nos governos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979), haveria “intenso processo de renovação da ação pública no campo da cultura.” (CALABRE, 2005, p. 10) Destacam-se o lançamento do Programa de Ação Cultural e a elaboração do documento Política Nacional de Cultura, que deram o impulso inicial de uma mudança, expressando nova visão da cultura voltada para a valorização da diversidade. Na década de 1970 há uma dinamização e o fortalecimento do setor cultural brasileiro, com a implantação pelo governo federal de um conjunto de novas diretrizes e instituições. (ABREU, 2010a)

Análise voltada para o campo do patrimônio cultural revela sobre a formulação de narrativas e a adoção de aparatos institucionais e políticos no campo da cultura. Fonseca (2003) registra que vigorou no Brasil, por mais de 70 anos, a concepção do “patrimônio histórico e artístico nacional”, de valores estéticos hegemônicos, resultado de uma política de preservação instituída em 1937 pelo governo por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, na época Sphan) e suas práticas de tombamento, que visavam reconhecer bens de “excepcional valor”. Esse foi o período de predominância do chamado “patrimônio de pedra e cal”, centrado no valor arquitetônico e artístico, na afirmação da tradição cultural europeia, no congelamento e conservação do passado, na valorização da materialidade e da técnica. Segundo abordagem de Gonçalves (2007) teria predominado no Brasil o “discurso da monumentalidade”, baseado na superioridade do passado em relação ao presente. A partir dos anos 1970, nova narrativa seria construída com base no “discurso do cotidiano”, no qual as relações entre passado e presente são invertidas e o passado, antes absoluto, é relativizado na produção cultural do presente. *Bens culturais* dos diversos segmentos sociais seriam valorizados em detrimento dos *bens patrimoniais* da nação. Abreu

(2010b) aborda esse fenômeno por meio do que ela chama de “patrimonialização das diferenças”. Os chamados conhecimentos tradicionais, as singularidades locais, os modos de fazer artesanais de pequenas comunidades, as expressões de etnias ou de grupos locais passam a ser valorizados e tornam-se objetos de políticas de preservação. A Constituição Brasileira de 1988, com a legitimação de direitos culturais de atores sociais diversos, expressa as reapropriações em curso das noções de cultura e patrimônio:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Título VIII, Capítulo 3, Seção II, Art. 216). (BRASIL, 1988)

Paralelamente a esse contexto de ebulição de novas concepções, os anos 1980 são de contínua retração de investimentos públicos na cultura. (CALABRE, 2005) O governo Sarney (1985-1990) é caracterizado por iniciar drástica mudança no campo das políticas culturais brasileiras com a criação da chamada Lei Sarney (lei 7.505) e a inauguração de nova forma de financiamento. O Estado diminui o investimento direto e passa a incentivar a busca de recursos no mercado, provenientes de renúncia fiscal. Essa prática estabelece uma lógica controversa, passando o dinheiro público a ser investido de acordo com decisões tomadas em instância privada, determinando distorções como por exemplo a concentração de investimentos em determinadas regiões e junto a grupos e campos específicos do setor cultural. A Lei Sarney foi extinta no governo Collor (1990-1992), sendo criada em seguida a Lei Rouanet (Programa Nacional de Apoio à Cultura, lei 8.313), mantendo o procedimento de renúncia fiscal e permanecendo vigente até 2014. Na conjuntura de escassez de recursos estatais, esse novo mecanismo torna-se vital no Brasil para o fomento cultural, sendo criadas outras leis de incentivo nacionais e leis estaduais e municipais. Essa dinâmica acabaria por “(...) empobrecer a imaginação e as alternativas de políticas culturais (...)” no país. (RUBIM, [entre 2007 e 2013], p. 12). Em 2015 a Lei Rouanet deverá ser substituída pelo Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (ProCultura), atualmente em tramitação, por meio do qual será alterado o modelo de financiamento federal, assim como impactados processos relacionados à ação e à produção cultural no país.¹⁶

¹⁶ Informação consultada no site oficial do Ministério da Cultura do Brasil (MinC). Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/banner-2/-/asset_publisher/0u320bDyUU6Y/content/novas-legislacoes-permitirao-

Além de implementar a Lei Rouanet, o governo Collor foi responsável pelo desmonte de toda a estrutura até então criada, apresentando “(...) saldo da intervenção governamental na área cultural absolutamente devastador.” (CALABRE, 2005, p. 10) No governo seguinte, de Itamar Franco (1992-1995), é iniciado processo de reconstrução, com a recriação de algumas instituições. O próximo governo, de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), tem foco na ampliação da utilização das leis de incentivo pelo mercado, podendo ser considerado ponto culminante da incapacidade de articulação entre democracia e políticas culturais e da primazia da lógica de mercado no campo cultural. (RUBIM, [entre 2007 e 2013]) A preocupação principal desse governo teria sido a circulação dos bens culturais produzidos no país nos mercados nacional e internacional. (BARBALHO, 2007) Nos anos seguintes, do governo petista, retoma-se a intervenção do Estado com a adoção de políticas culturais cuja grande novidade é “(...) a substituição da antiga ênfase na nação unificada pela associação entre democracia e diversidade.” (SANTOS, 2011, p. 190)

O governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010), e em especial a gestão do Ministro da Cultura Gilberto Gil, em contraposição à experiência brasileira de autoritarismo e ausência no campo cultural, estabelece como linhas de ação um novo papel ativo do Estado, maior abrangência e democratização das iniciativas, o diálogo com a sociedade na elaboração e implementação de políticas culturais. A proposta governamental é de abertura e expressa-se também conceitualmente, com a adoção de uma orientação de cunho “antropológico” que determina uma atuação não mais circunscrita à cultura erudita, mas repleta de ações voltadas também para outras culturas: “populares; afro-brasileiras; indígenas; de gênero; de orientações sexuais; das periferias; da mídia audiovisual; das redes informáticas etc.” (RUBIM, [entre 2007 e 2013], p. 16) Em consonância com a discussão de âmbito mundial fomentada pela Unesco sobre a proteção e promoção da diversidade cultural, passa-se a trabalhar com uma “perspectiva inclusiva de política cultural”, sendo criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. “Com o governo Lula, tem-se uma reavaliação do que seria a identidade nacional brasileira que aponta para o pluralismo e a incorporação de expressões culturais historicamente excluídas.” (BARBALHO, 2007, p. 56)

A superação da tradição brasileira de instabilidade na área cultural é também desafio enfrentado a partir do governo Lula, sendo ações que corroboram a criação do Sistema Nacional de Cultura e do Sistema Nacional de Informações Culturais e a elaboração do Plano

Nacional de Cultura. São também feitos investimentos nas áreas de economia da cultura e economia criativa. (RUBIM, [entre 2007 e 2013])

Um dos principais programas criados na gestão de Lula e Gil foi o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva, operacionalizado por meio dos editais de seleção pública dos Pontos de Cultura. Organizações não governamentais selecionadas celebram um convênio com o Minc, recebendo recursos para executar um plano de trabalho, passando a ser protagonistas de uma atuação autônoma no campo cultural. Uma das características fundamentais do programa é a atuação em rede, que se dá por meio da rede formal de Pontos de Cultura vinculados ao Estado, dos encontros presenciais feitos em escala local, regional e nacional – as Teias – e também através da rede virtual. (LIMA, 2013) Em dez anos de Cultura Viva foram apoiados quase 4,6 mil Pontos de Cultura, em mais de mil municípios brasileiros. (BRASIL, 2014)

O programa tem como princípio norteador a adoção de um novo papel pelo Estado, não mais de “provedor” ou “regulador”, mas de ator político que estimula e realiza mediação para a livre manifestação da sociedade por meio da cultura. Essa nova função do Estado foi expressa pelo Ministro Gil em seu discurso de posse por meio de metáfora que “(...) tornou-se símbolo do olhar poético e político que seria levado pela gestão nos momentos subsequentes”: (LIMA, 2013, p. 67)

(...) é preciso intervir. Não segundo a cartilha do velho modelo estatizante, mas para clarear caminhos, abrir clareiras, estimular, abrigar. Para fazer uma espécie de “do-in” antropológico, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país.¹⁷

Esse mesmo “olhar poético e político” está presente em narrativa apresentada em publicação do Minc lançada nos dez anos de criação do programa, completados em julho de 2014, mesma data em que foi sancionada a Lei 13.018, que transformou o Cultura Viva em uma política de Estado:

Desde a sua origem, o Cultura Viva tem como proposta reconhecer o fazer cultural e valorizar o Brasil profundo, de raiz, os segmentos excluídos do acesso à política pública de cultura, impulsionando a potência advinda do protagonismo da cultura popular, das culturas indígenas, da cultura afro-brasileira, dos povos e das comunidades tradicionais, dos grupos e coletivos artísticos, da capacidade de atuação em rede dos coletivos jovens, da cultura digital, da colaboração de saberes, da economia solidária e da cultura de paz, dentre muitos outros. (BRASIL, 2014)

¹⁷ Informação consultada no site oficial do Ministério da Cultura do Brasil (MinC). Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/discursos/-/asset_publisher/DmSRak0YtQfY/content/discurso-do-ministro-gilberto-gil-na-solenidade-de-transmissao-do-cargo-35324/10883>. Acesso em: 03 fev. 2015.

Museus em transformação

São processos que influenciam diretamente a transformação, proliferação e diversificação dos museus brasileiros, paralelamente ao movimento internacional da “nova museologia”: os avanços nas discussões sobre cidadania e direitos culturais, a ampliação das noções de cultura e patrimônio, a emergência das novas formas de fomento à cultura, a implementação de programas de desenvolvimento social e econômico, o desenvolvimento das indústrias da cultura e do turismo. Em um cenário de grande desigualdade social, os museus brasileiros enfrentam um duplo desafio: “(...) ao se abrirem a uma participação maior do público necessitam trabalhar não só com a diversidade cultural do país (...) mas também com problemas de distribuição de renda e poder, responsáveis pela exclusão de grande parte da população das arenas culturais.” (SANTOS, 2004, p. 69)

Nos anos 1980 e 1990 houve grande aumento do número de museus no Brasil, apoiados tanto por instituições públicas como privadas, criados com objetivos de afirmação de identidades ou divulgação mercadológica. Por meio das leis federal, estaduais e municipais de incentivo à cultura, como relata a historiadora brasileira Letícia Julião (2006), museus foram mantidos e revitalizados, foram beneficiados com arrojados projetos de preservação do patrimônio cultural e foram também submetidos a exigências de marketing e consumo cultural. As práticas de mercado são adotadas pelas instituições museológicas, que passam a operar com metas de eficiência e a oferecer novos serviços de lazer, como cafés e lojas. Novas instituições, como o Museu da Língua Portuguesa (2006) e o Museu do Futebol (2007) atraem grande público e atenção da mídia. (SANTOS, 2011)

Percebe-se uma diversificação das iniciativas. São exemplos o Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (1983), no bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, criado a partir de demandas da comunidade local; e o Museu Maguta (1990), no Amazonas, instituído a partir da iniciativa de indígenas representantes do povo Ticuna. (SANTOS, 2011) Foi também inaugurado em Foz do Iguaçu, no Paraná, o Ecomuseu de Itaipu (1987), projeto de educação ambiental da Usina de Itaipu.¹⁸ São ainda criados pequenos museus locais, resultado de maior autonomia concedida aos governos municipais, favorecida pela Constituição de 1988. E novas instituições museológicas são constituídas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs). Mesmo assim, “(...) os museus

¹⁸ Informação consultada no site oficial da instituição Itaipu Binacional. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/meioambiente/ecomuseu>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

continuaram a representar a cultura de elite em contraposição a uma cultura popular submetida a uma razão mercantil.” (SANTOS, 2004, 2011, p. 195)

Mas a multiplicação e modificação dos museus no Brasil representaram também uma “flexibilização de narrativas museográficas” e um “alargamento do espectro de vozes institucionais”. (CHAGAS, [entre 2003 e 2014], p. 6) O museu passa a ser apropriado por diferentes grupos e movimentos sociais, em lutas políticas e para a construção e institucionalização de suas próprias memórias. Uma demanda cada vez maior por novos museus representaria a reivindicação de cidadãos pelo direito de ter acesso aos meios de produção da memória, diferentemente do acesso a museus já existentes. (LEAL, 2010) Para Julião (2006, p.31), “Talvez em pequenos museus, localizados em cidades do interior do país, dedicados à memória local, de grupos determinados ou indivíduos, se possa estar cumprindo a missão ou utopia de firmar o compromisso da instituição museológica com a ampliação da cidadania (...)”.

Disseminam-se pelo Brasil museus temáticos e biográficos, originados da expressão de grupos sociais diversos: indígenas, ambientalistas, negros, moradores de bairros etc. (JULIÃO, 2006) O Museu da Maré (2006), localizado no aglomerado carioca de mesmo nome, poderia ser reconhecido como “(...) uma das mais notáveis respostas criativas ao desejo de memória de uma comunidade.”¹⁹ Outros “museus de favela” são criados e constituem-se objeto de estudo de trabalhos acadêmicos, como por exemplo o Muf-Museu de Favela-Muf (2009) e o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência (2005), ambos do Rio de Janeiro, este último instituído por iniciativa do poder municipal. (MEDEIROS, 2006) No início do século XX o país tinha cerca de doze museus, chegando ao século XXI com mais de três mil instituições museológicas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b)

Os museus comunitários e ecomuseus²⁰ propagam-se pelo país a partir da década de 2000. Iniciativas museais bastante diversas revelam a criatividade brasileira na musealização de memórias, territórios, espaços e lutas, como por exemplo o Ecomuseu Amigos do Rio Joana (RJ), o Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne (DF), o Ecomuseu Nega Vilma (RJ), o Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás (MA), o Museu Indígena Kanindé (CE), o Museu Vivo do São Bento (RJ). Pesquisas realizadas na décima e na décima primeira edição da Semana Nacional de Museus, promovidas pelo Ibram, fornecem dados que

¹⁹Informação consultada no site oficial do 6º Fórum Nacional de Museu (2014). Texto institucional assinado pelo então presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Angelo Oswaldo. Disponível em: <<http://fnm.museus.gov.br/museus-criativos/>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

²⁰A categoria *museus comunitários e ecomuseus* foi adotada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e oficializada no Plano Nacional Setorial de Museus 2010-2020, sendo representativa das novas iniciativas museológicas de caráter social e comunitário desenvolvidas em anos recentes no país.

podem auxiliar na caracterização do cenário atual. Dentre os participantes do evento que responderam as pesquisas, cinco por cento de um total de 521 instituições (em 2012) e quatro por cento de um total de 408 instituições (em 2013) identificaram-se como ecomuseus e museus comunitários, ao lado de museus de história, museus de arte e outros. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012a, 2013b)

Poderiam ser citadas muitas iniciativas, de diferentes regiões do Brasil, e apresentado maior detalhamento do panorama nacional relacionado às novas instituições. Porém ainda não há dados nacionais oficiais consolidados que diferenciem novas tipologias de museus. Ressalta-se que foram lançadas pelo Ibram em 2011 duas publicações – *Guia dos Museus Brasileiros* e *Museus em Números*²¹ –, porém a classificação apresentada é por tipologia das coleções. Atualmente está em andamento a Pesquisa Anual de Museus 2014, que realimentará o Cadastro Nacional de Museus-Ibram, que poderá contribuir para a sistematização de informações nesse campo. A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, apesar de não ter realizado amplo mapeamento de iniciativas, hoje tem representação no Conselho Gestor do Sistema Nacional de Museus-Ibram, o que poderá ser também fator favorável. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014b) Destaca-se ainda que há um levantamento recente, de 2010, feito para mapeamento de museus do estado do Rio de Janeiro – *Museus do Rio* –, que traz contribuição relevante para a informação sobre novos museus.²²

A crescente organização e articulação por meio de redes pode informar sobre o desenvolvimento dos museus comunitários e ecomuseus no Brasil. Levantamento da Coordenação de Museologia Social e Educação (Comuse) do Ibram reconhece a existência, em 2014, de dez redes regionais ou temáticas de memória e museologia social: Rede Cearense de Museus Comunitários, Rede LGBT de Museologia Social, Rede de Memória Indígena de Pernambuco, Rede de Memoriais de Terreiros da Bahia, Rede de Museologia Social de São Paulo, Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, Rede de Museus e Pontos de Memória do Sul da Bahia, Rede de Pontos de Memória de Belém, Rede de Pontos de Memória do Rio Grande do Norte, Rede de Pontos de Memória e Iniciativas de Memória e Museologia Social

²¹As publicações *Guia dos Museus Brasileiros* e *Museus em Números* podem ser consultadas no site oficial do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/museus-do-brasil/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

²²O trabalho *Museus do Rio* é fruto de um projeto de pesquisa apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Consiste “(...) na realização de pesquisas e documentações impressas, fotográficas e audiovisuais dos museus e da história do Estado do Rio de Janeiro que contribuam para o conhecimento e a visibilidade das instituições museológicas, seus agentes e suas narrativas.” Disponível em: <<http://www.museusdorio.com.br/joomla/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

do Rio Grande do Sul.²³ (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014d) A Rede Cearense de Museus Comunitários começou a organizar-se em 2011, com a reunião de “(...) integrantes de movimentos sociais, representantes de museus e de comunidades que vivenciam processos museológicos e/ou desenvolvem iniciativas comunitárias de memória”.²⁴ A Rede de São Paulo, oficializada em 2014, apresenta-se como um grupo que “(...) tem como objetivo promover a aproximação e articulação de afinidades, ações e trocas de experiências (...) entre iniciativas culturais de base comunitária que atuam no campo da memória, patrimônio cultural e museologia.”²⁵

A Carta da Rede dos Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social, documento elaborado em 2012, expressa as demandas desses grupos: garantia do direito à memória para comunidades, grupos e sujeitos locais historicamente excluídos; promoção da gestão participativa, da autonomia e descentralização das iniciativas; respeito à diversidade, especificidades e potencialidades das comunidades; formação de agentes em captação de recursos, elaboração de projetos, gestão cultural e inventário participativo²⁶; formação de multiplicadores e por meio de atuação em rede; estímulo à institucionalização, constituição de personalidade jurídica e conquista de espaço-sede; divulgação, visibilidade e prospecção de parcerias. (CARTA, 2012a) No âmbito das redes, e também por iniciativa de outros grupos e instituições, são realizados encontros, eventos e ações – nacionais, regionais e locais – voltadas para o desenvolvimento dos ecomuseus e museus comunitários e das chamadas iniciativas de museologia social. Permeia todo esse movimento a atuação do Ibram, principalmente por meio do programa Pontos de Memória, que será abordada em seguida.

Política de museus

O Ibram, autarquia federal vinculada ao Minc criada em 2009 por meio da Lei 11.906, assumiu direitos e deveres relativos ao setor museal que eram de responsabilidade do Iphan,

²³ Informação consultada em documento intitulado Pontos de Memória - Contexto Atual, enviado por email em 29/10/2014 pela Coordenação de Museologia Social e Educação (Comuse) do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), pela consultora Cristina Holanda, para os participantes do Encontro Regional dos Pontos de Memória Minas Gerais/Gestão Compartilhada e Participativa do Programa Pontos de Memória, realizado em 21 de outubro de 2014, em Belo Horizonte, MG. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014d).

²⁴ Informação consultada no site oficial da Rede Cearense de Museus Comunitários. Disponível em: <<https://museuscomunitarios.wordpress.com/historico/>>. Acesso em: 12 jan. 2015

²⁵ Informação consultada no site oficial da Rede SP de Memória e Museologia Social. Disponível em: <<https://redespmuseologiasocial.wordpress.com/sobre-2>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

²⁶ Sobre a noção de inventário participativo, ver Nota 41.

como a administração direta de museus federais. Ele foi constituído como órgão destinado a atuar exclusivamente no setor museológico, seguindo objetivos da Política Nacional de Museus (PNM). (BEUQUE, 2010)

A PNM, lançada em 2003, é pautada pela proposta política geral do Governo Lula e do Partido dos Trabalhadores, de promoção da inclusão, do diálogo, da democratização e do multiculturalismo. Um desejo de mudança é expresso nos novos propósitos e iniciativas, que contemplam museus brasileiros de forma abrangente, públicos e privados, nacionais, estaduais e municipais. (TOLENTINO, 2007) A PNM impulsiona a ação no enfrentamento de um cenário caracterizado pela carência de políticas e recursos, pela dependência em relação à iniciativa privada, pela atuação pública restrita a museus nacionais federais. (BEUQUE, 2010) Seu objetivo geral é:

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do País. (BRASIL, 2003)

A criação do Ibram é, portanto, uma das ações de um conjunto de iniciativas orientadas para a construção de uma política pública nacional de museus. Foram instituídos o Sistema Brasileiro de Museus, em 2004, o Cadastro Nacional de Museus, em 2006, e o Estatuto de Museus, em 2009. A implementação dessas e de diversas outras iniciativas, inicialmente conduzidas pelo Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Iphan, foi feita de forma democrática, com a participação da comunidade museológica e de outros grupos sociais. (BRASIL, 2007)

O Estatuto de Museus (Lei 11.904) estabelece parâmetros para a criação e o funcionamento de instituições museológicas, a partir de então entendidas como

(...) instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009)

Além de apresentar noção ampliada do conceito de museu, a Lei traz no mesmo artigo parágrafo único que ressalta: “Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.” (BRASIL,

2009) São estabelecidos como princípios fundamentais dos museus: valorizar a dignidade humana, promover a cidadania, cumprir função social, valorizar e preservar o patrimônio cultural e ambiental, realizar intercâmbio institucional e universalizar o acesso, o respeito e a valorização da diversidade cultural. A Lei determina como dever destas instituições elaborar e implementar o Plano Museológico, compreendido como instrumento fundamental de planejamento estratégico.

Paralelamente à adoção de aparatos institucionais, são desenvolvidos instrumentos de fomento e financiamento, que resultam em maior diversificação de fontes, maior dotação de recursos e maior abrangência de investimentos. Uma das grandes novidades é a implantação de editais de incentivo, como o *Mais Museus* e o *Modernização de Museus*. Por meio da seleção pública de projetos, passam a ser beneficiados grupos até então não contemplados e regiões distantes dos grandes centros culturais. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b) O programa Museu, Memória e Cidadania, criado no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi reformulado visando ampliar seu alcance, anteriormente limitado aos museus da União. (TOLENTINO, 2007) Foram também direcionados esforços para estimular a atuação de empresas estatais, que criaram editais para a área de museus, como o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), a Caixa Econômica Federal e a Petrobras. O volume de recursos, associado à sua irregularidade, seria porém “(...) insuficiente para atender minimamente às necessidades desse grande arco de instituições museológicas, extremamente carentes de financiamento.” (BEUQUE, 2010, p. 38)

Em 2003 é lançado o Programa de Capacitação e Formação em Museologia. Até 2010 são implantados no Brasil 12 cursos de graduação na área de museus (havia apenas dois) e é criado o Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Outro novo projeto é o Fórum Nacional de Museus, realizado bienalmente desde 2004 com objetivo de promover o debate em prol da elaboração de políticas públicas. O Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico, formado em 2009, constitui-se também como espaço para o diálogo e a participação da sociedade na formulação de políticas. Eventos são promovidos pelo Ibram para integração de instituições e troca de experiências, como a Semana Nacional de Museus e a Primavera dos Museus, realizados anualmente desde 2003 e 2007, respectivamente. O Instituto realiza ainda o programa Conexões Ibram, que visa disseminar as novas políticas e instrumentos de gestão e promover a pactuação de metas com Estados e municípios. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b)

Em 2010 é publicado pelo Ibram o Plano Nacional Setorial de Museus 2010-2020 (PNSM), “(...) documento público norteador das demandas e prioridades do setor museal”. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b, p. 51) O Plano traz como um de seus “eixos setoriais” os museus comunitários e ecomuseus, para os quais são estabelecidas metas relativas à gestão museal, preservação, aquisição de acervos, formação e capacitação, educação e ação social, economia, acessibilidade e sustentabilidade ambiental entre outras. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010a)

O Programa Pontos de Memória, criado em 2008, constitui a principal ação da política pública nacional de museus no campo dos museus comunitários e ecomuseus. Ele é direcionado aos “(...) diferentes grupos sociais do Brasil que não têm oportunidade de narrar e expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios nos museus.”²⁷ Fundamentado no diálogo, na participação e no protagonismo comunitário, ele visa “(...) reconstruir a memória social e coletiva de comunidades, a partir do cidadão, de suas origens, suas histórias e seus valores (...) trabalhando com a memória de forma viva e dinâmica, como ferramenta de transformação social.” (BRASIL, 2007) O programa foi integrado em 2010 ao Cultura Viva, recebendo o apoio da Secretaria de Cidadania Cultural/Minc.

O desenvolvimento do programa Pontos de Memória ocorre por meio de “gestão participativa” e “atuação em rede”. São promovidas ações para capacitação e articulação junto a representantes das instituições beneficiadas e grupos que trabalham no campo da chamada museologia social, como oficinas, encontros, orientações técnicas, eventos e seminários.²⁸ Editais do Prêmio Pontos de Memória visam fomentar práticas museais brasileiras desenvolvidas no país e no exterior “(...) que se identifiquem com a perspectiva da museologia social, da diversidade sociocultural e da sustentabilidade.”²⁹ Nas narrativas elaboradas em torno dos Pontos de Memória, seja no âmbito institucional do Ibram, seja na esfera das redes e iniciativas, é adotada de forma preponderante a categoria *museologia social*, que também nomeia o setor do Ibram atualmente responsável pelo programa: Coordenação de Museologia Social e Educação. A servidora Cinthia Maria Rodrigues de Oliveira, hoje responsável por essa Coordenação, diz que o programa viabilizou em uma

²⁷ Informação consultada no site oficial do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/de-memoria/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

²⁸ Idem Nota 27. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

²⁹ Idem Nota 27. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/fomento/premio-pontos-de-memoria/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

primeira fase “a aplicação e discussão de mecanismos da museologia social” ou ainda que ele é espaço de “ferramentas da museologia social em teste”. (informação verbal)³⁰

O programa Pontos de Memória atua hoje diretamente junto a 120 iniciativas, grande parte delas premiadas por meio dos editais, publicados em 2011, 2012 e 2014.³¹ (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014d) Dessas iniciativas, 12 foram beneficiadas pelo programa por meio de uma Ação-Piloto, realizada em comunidades de regiões metropolitanas das cinco regiões do país. Essa ação, diretamente relacionada ao desenvolvimento do Ponto de Memória Museu do Taquaril, objeto de pesquisa do presente trabalho, será tratada detalhadamente no Capítulo 2, seção 2.2.

Em relatório de gestão do Ibram do período 2003-2010 registra-se que o setor museológico brasileiro “(...) fortaleceu-se de forma histórica com a ampliação conceitual do fazer museológico e a consolidação de uma legislação própria, inédita na história do país (...)”. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010b p. 7) Apesar dos avanços conquistados, são feitas fortes críticas ao Ibram por grupos ligados às redes e aos movimentos da denominada museologia social, que reclamam a concretização da proposta de atuação mais democrática no setor museológico. Essa insatisfação foi traduzida por Inês Gouveia, então consultora do programa, em pronunciamento feito no 3º Fórum Estadual de Museus, realizado em 2014. Ela mencionou a falta de “fôlego” do programa Pontos de Memória para a articulação, a incapacidade de resposta do Ibram frente ao vácuo atualmente estabelecido e os retrocessos do processo de construção das políticas de museologia social. (informação verbal)³²

Considerações preliminares

Mesmo reconhecendo que é preciso pensar além da dicotomia museu tradicional/museu contemporâneo, como sugere Chagas (2008), parece produtivo contrapor essas duas categorias. Nesse sentido, poderiam ser associados ao “museu tradicional”: as coleções privadas, preciosas, exóticas; as estruturas arquitetônicas complexas e majestosas; o cunho educador, civilizador, disciplinador; o público restrito, distante, passivo; a atitude de

³⁰ Informação fornecida por Cinthia Maria Rodrigues de Oliveira, em conversa por telefone realizada para solicitação de documentos para esta pesquisa, em 31 de julho de 2014.

³¹ Idem Nota 23.

³² Informação fornecida por Inês Gouveia no 3º Fórum Estadual de Museus, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, de 26 a 28 de maio de 2014, no Rio de Janeiro.

preservação e difusão frente ao patrimônio; a valorização do passado; a afirmação da identidade da nação por meio de representações absolutistas e excludentes; as grandes narrativas; a supressão da tensão e do conflito; a restrição de campos disciplinares; o caráter autoritário; o foco na contemplação; o congelamento e a perenidade. Ao “museu contemporâneo”, por outro lado, seriam associados: as coleções heterogêneas; a delimitação de áreas de influência e o forte vínculo com o território; a aproximação com o ambiente natural; a percepção do indivíduo como sujeito ativo, produtor, colaborador; a atitude frente ao patrimônio de mantê-lo vivo e atual; a valorização do presente, do cotidiano; a afirmação de identidades diversas e dinâmicas; as pequenas narrativas; a exposição da tensão e do conflito; a interdisciplinaridade; o caráter democrático; o foco na experiência; a mutação e a transitoriedade. Cabe ainda acrescentar que há tendências atuais de iniciativas museológicas que configuram-se como processos, prescindindo de institucionalização.

Evidenciada a transformação, pode-se questionar e promover reflexão a respeito da manutenção ou não de fundamentos básicos do museu, que possibilitariam inclusive a estas instituições continuar sendo reconhecidas como museus. Seriam encontrados, por exemplo, nos “novos museus” o trabalho com a memória (preservação), a comunicação e disseminação de conteúdos culturais (exposição), o estudo ou a pesquisa? Chagas (2008, p. 113) argumenta que, apesar das mudanças, paradigmas clássicos da museologia permanecem fortes no contexto contemporâneo, como a construção de narrativas a partir das imagens dos objetos e a realização da mediação cultural entre “mundos e tempos diferentes”.

De qualquer forma, constata-se que o cenário atual dos museus contrasta com o que vigorou até meados do século XX, no qual era possível discernir um conjunto de modelos e práticas definidos, abarcados pelo que se convencionou chamar de museu tradicional. Hoje, apesar da convergência de ideias na esfera da “nova museologia”, há percepções controversas e práticas bastante diversas relativas aos museus contemporâneos. Fala-se sobre ecomuseologia, sociomuseologia, museologia popular, ativa e comunitária. Criam-se museus-espetáculo, ecomuseus, museus locais, territoriais, integrais, municipais, vivos e comunitários. Há ainda instituições que se reconhecem em mais de uma dessas tipologias.

Pode-se reforçar que frente à grande diversidade presente no contexto contemporâneo é conferido valor ao “local”, como ressalta Poulot (2013, p. 103): “A ênfase atribuída à irredutível especificidade do ‘local’ contribui, em particular, para multiplicar os museus que, supostamente, levam a ver o passado, tal como ele ocorreu, precisamente nesse espaço.” Essa é uma das fortes tendências que, associada a outras dinâmicas, como as ideologias ambientalistas e de desenvolvimento sustentável, as políticas de desenvolvimento econômico

e territorial e os processos de democratização social e cultural configuram cenário propício à emergência de experiências museais alternativas. Experiências diversas, por serem fruto de demandas e agentes sociais diversos, de contextos locais particulares, mas que ao mesmo tempo apresentam contiguidades, que acabaram por engendrar a convergência em torno de debates e práticas. Esta é a vertente de transformação dos museus focalizada na presente pesquisa: a criação e o estabelecimento – ainda em processo – de instituições museológicas baseadas em novos pressupostos de caráter político e social, voltadas para o atendimento mais democrático de interesses da sociedade.

Destaca-se que é adotada neste trabalho a categoria *museu comunitário*. Frente a formulações teórica e normativa que apresentam um emaranhado de conceitos ainda em elaboração, considera-se essa tipologia a mais adequada para empregar-se na análise da instituição investigada. Ela é mencionada nos propósitos da Ação-Piloto do programa Pontos de Memória e também coincide com a compreensão dos gestores do Ponto de Memória Museu do Taquaril sobre sua caracterização. Considera-se ainda que ela é a categoria que melhor retrata denominadores comuns das novas iniciativas museológicas que compõem a vertente de mudança que contextualiza o presente estudo e que é adotada pela política cultural nacional de museus do Brasil: o “cunho social” e o “caráter participativo”.

Essas são premissas da ação praticada pelo Governo Lula ou pelo governo do Partido dos Trabalhadores em vários setores. Diretrizes que marcam o início de uma nova visão e um “novo fazer” nas áreas da cultura e dos museus no Brasil. Mas há ainda desafios estabelecidos no cenário brasileiro para a atuação do setor governamental, como a formação e qualificação em cultura, a implementação de uma política nacional de financiamento, a consolidação institucional e política do Minc e dos canais de participação da sociedade civil. Novas conquistas poderão resultar do enfrentamento desses desafios frente a uma conjuntura em que “A democracia brasileira está a exigir para a sua consolidação a ampliação dos direitos culturais e da cidadania cultural em nosso país.” (RUBIM, [entre 2007 e 2013], p. 20)

Capítulo 2 – A trajetória do Ponto de Memória Museu do Taquaril

2.1 Método e estrutura

O objetivo deste trabalho é *analisar o processo de criação e estabelecimento do Ponto de Memória Museu do Taquaril*, desde a intervenção do Ibram na comunidade em 2009 até 2014, quando termina o mandato do primeiro Conselho Gestor da instituição.³³ O estudo do caso do Museu do Taquaril é, especificamente, a observação de uma iniciativa voltada para a constituição de um museu comunitário estimulada pelo Ibram por meio da Ação-Piloto do programa Pontos de Memória. A investigação e a análise dessa instituição foram embasadas nos conteúdos apresentados no Capítulo 1, elaborado por meio de revisão bibliográfica. Essa propiciou construir arcabouço teórico sobre o desenvolvimento, a transformação e a diversificação dos museus no ocidente, particularmente no contexto brasileiro, e sobre o processo de instituição de políticas públicas nacionais de cultura e de museus.

Um dos objetivos específicos do presente trabalho é fazer uma contextualização do cenário de criação do Museu do Taquaril, apresentando a Ação-Piloto do programa Pontos de Memória e a localidade do Taquaril. Outro é apresentar a trajetória do Museu, descrevendo etapas e analisando processos de seu desenvolvimento. Para alcançar esses objetivos, cujos resultados serão relatados neste Capítulo 2, foi feita uma compilação de dados e informações pesquisados em fontes diversas. Foram realizados, simultaneamente:

- Análise de documentos internos de trabalho do Ibram e do Museu (projetos, planejamentos, relatórios e atas);
- Realização de entrevistas semiestruturadas com integrantes e ex-integrantes das equipes de trabalho do Museu do Taquaril e do programa Pontos de Memória;
- Visitas ao Ponto do Taquaril, acompanhamento de atividades em curso, análise de produtos de difusão e materiais de comunicação;
- Investigação de pesquisas, artigos, textos e depoimentos sobre o programa Pontos de Memória, sobre a Ação-Piloto e sobre a comunidade e o Museu do Taquaril;
- Consultas em sites oficiais de instituições relacionadas às questões do estudo.

O Quadro 1, apresentado no final desta seção, nas páginas 59 e 60, traz uma relação das entrevistas feitas e dos documentos analisados, as fontes principais de informação.

³³ Ressalta-se que foi formado um Conselho Gestor antes deste, dissolvido logo após sua criação. Informações sobre os processos relativos ao Conselho Gestor do Museu do Taquaril são abordadas nas páginas 71 a 74.

Houve, ao longo do trabalho, tanto no contato com o Museu como com o Ibram, dificuldades relacionadas à ausência ou lentidão de retornos e à não disponibilização de alguns documentos solicitados. Foi também um aspecto dificultador algumas imprecisões e incongruências encontradas nos documentos de trabalho analisados, que demandaram leituras e cotejamentos cuidadosos. Houve ainda outros desafios, como a descontinuidade de registros sobre as atividades do Museu e a dispersão e contradição das informações encontradas sobre a região do Taquaril, aspectos que serão abordados detalhadamente em seguida, nas respectivas seções. Todos esses obstáculos, porém, foram enfrentados de forma a garantir a qualidade e o rigor técnico desta pesquisa, cujos resultados são apresentados em três seções.

Na primeira seção, é tratada a *Ação-Piloto do programa Pontos de Memória*, que deu origem ao Museu do Taquaril e incentivou iniciativas museológicas de outras 11 comunidades de forma pioneira na esfera do programa. É feito relato sobre o que é a Ação-Piloto, seus objetivos, como e em que contexto foi planejada e executada. Para isso foram analisadas, prioritariamente, as informações de documentos de trabalho da Comuse ou de documentos disponibilizados no site do Ibram e os relatos do ex-consultor do programa Welcio Toledo. Ele foi escolhido como entrevistado desta pesquisa devido à sua participação direta em fase inicial do programa, por ter sido o responsável por fazer a apresentação da proposta do Ibram em todas as 12 comunidades beneficiadas.

A segunda seção é dedicada à apresentação do Taquaril, região onde foi estabelecido o Ponto de Memória objeto deste estudo. Além de um breve histórico de seu surgimento e desenvolvimento, são abordados aspectos socioculturais da localidade. Como as informações encontradas nos documentos do Museu foram consideradas insuficientes para uma caracterização do cenário local, foram realizadas investigações em livros, trabalhos de pesquisa, sites de instituições e projetos. Foram também reunidas informações das entrevistas realizadas com membros e ex-membros do Conselho Gestor do Museu, para este fim consultados como moradores do Taquaril.

Os resultados principais da pesquisa são relatados na terceira seção, a mais extensa. É feita uma apresentação do processo de estabelecimento do Ponto de Memória Museu do Taquaril. São narrados os percursos de mobilização comunitária, planejamento de ações, formação de Conselho Gestor, estruturação de espaço físico, execução de ações e produtos culturais e museológicos, intensificação e desaceleração de atividades entre outros. São descritos processos de gestão de atividades, informações e recursos; dinâmicas de comunicação e articulação comunitárias; papéis e funções desempenhados pelo Ibram junto à

iniciativa. São analisados desafios enfrentados e perspectivas vislumbradas para a continuidade do Museu.

A trajetória do Ponto do Taquaril é contada a partir de relatos de integrantes e ex-integrantes do Conselho Gestor da instituição, que foram entrevistados com objetivo de conhecer sua visão sobre o projeto e elucidar fatos e percepções relativos à implantação da instituição. Seis pessoas foram entrevistadas: o gestor principal do Museu; dois diretores executivos (um atuante e outro afastado); dois integrantes do Conselho Gestor que não possuem função executiva; um ex-integrante do Conselho que decidiu desligar-se da iniciativa. Começou-se entrevistando o representante principal do Museu e, a partir daí, foram sendo gradativamente identificados e definidos outros informantes. Destaca-se que o gestor principal presenciou, por iniciativa própria, a realização de duas entrevistas, com os conselheiros não executivos. Foram também realizadas cinco visitas à comunidade do Taquaril e à sede do Museu e consultados documentos, produtos e materiais de difusão e comunicação, textos e artigos.

Ressalta-se que os entrevistados, além de gestores do Museu do Taquaril, são também moradores e líderes da comunidade, agentes executores e público beneficiado das ações museológicas. Como será tratado, o Museu ainda não é amplamente divulgado e conhecido na comunidade e não fica aberto à visitação, não se justificando realizar uma pesquisa específica de público. Acredita-se também que uma investigação junto a maior número de moradores não seria metodologia adequada para os objetivos deste trabalho. Destaca-se ainda que no período em que foi realizada a pesquisa de campo, em função de uma desaceleração de atividades que será abordada na seção 2.4, só foi possível participar de uma única atividade. Mesmo assim esta foi um evento promovido pelo Ibram do qual representantes do Museu participaram e ajudaram a organizar: o *Encontro Regional dos Pontos de Memória de Minas Gerais*. A ausência de uma atuação intensa do Museu no período da investigação e, além disso, o desencadeamento de um processo de desarticulação do grupo de gestores foram aspectos que demandaram bastante acuidade na realização da pesquisa de campo.

Os entrevistados

Para favorecer a compreensão e a fluidez na leitura do relatório de pesquisa apresenta-se, antes de iniciar a narrativa, os entrevistados.³⁴ Welcio Silvério de Toledo foi consultor do

³⁴ Informações fornecidas pelos próprios entrevistados, complementadas por dados pesquisados no *Currículo Lattes* dos mesmos e em suas páginas pessoais no *Facebook*. Disponível em:

programa Pontos de Memória em dois momentos. Primeiro, de 2009 a 2011, quando participou da elaboração dos referenciais teórico e metodológico do projeto e foi responsável pela abordagem inicial junto às 12 comunidades para apresentação da Ação-Piloto. Ele fez parte da equipe que estabeleceu o desenho operacional do projeto e iniciou sua execução. Depois, de 2013 a 2014, quando exerceu função de Consultor de Políticas Públicas Participativas e elaborou uma proposta de sistema de gestão compartilhada para o programa. Essa última consultoria não foi renovada devido a seu posicionamento de forte crítica à atuação do Ibram, segundo Welcio: “Saí desiludido da minha consultoria última, brigado até, porque eu entrei muito mais do lado dos movimentos, fiz um questionamento muito contundente (...), já esperava isso.” (TOLEDO, 2014) Ele tem 44 anos, é graduado em História e mestre em Educação. No âmbito dos Pontos de Memória atua também como integrante do grupo gestor do Ponto de Memória da Estrutural, em Brasília.

Geraldo Moreira da Silva (Seu Geraldo) e Oswaldo Lopes Pedroso (Seu Oswaldo) são membros não executivos do Conselho Gestor do Museu e moradores da comunidade do Taquaril há 25 e 26 anos respectivamente. São fundadores do bairro, tendo participado de movimentos locais de conquista dos terrenos e construção das casas. Líder comunitário desde essa época, Seu Oswaldo é hoje presidente da Associação Comunitária de Moradores do Bairro Taquaril. Ele é de Teófilo Otoni, município do interior de Minas Gerais, tem 67 anos e é vigilante. Seu Geraldo, com 57 anos, não exerce atualmente atividade profissional. Ele é compositor e já trabalhou na Rádio Taquaril. Sua família é de um arraial próximo à cidade mineira de Mariana.

Oriel Ilario de Jesus, 36 anos, é também membro do Conselho Gestor do Museu e ocupa função executiva de Diretor Secretário, apesar de estar afastado das atividades. Ele é natural de Quilombo, Sabinópolis, região do Vale do Rio Doce, Minas Gerais. Ele foi para o Taquaril, onde mora hoje, em 1990. Formado em psicologia, é servidor da Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social de Minas Gerais. Mesmo afirmando não ser um líder comunitário, possui experiência em trabalhos sociais no Taquaril, tendo atuado como vice-presidente do Grupo Organizado de Trabalho e Ação Social (Gota Social).

Ubirajara José Couto é ex-integrante do Conselho Gestor do Museu e morador do Taquaril desde 1988. Ele é técnico em radiologia do Hospital Governador Israel Pinheiro, tem 53 anos e é de Alvinópolis, município da região metropolitana de Belo Horizonte. Já participou de diversas instituições e movimentos sociais – grupo de moradores, comissão de

saúde, Grupo de Referência – porém decidiu não mais atuar em projetos sociais comunitários, inclusive no projeto do Museu.

Wellington Pedro da Silva e Wilson Wagner Brandão Ribas (W Dois) também fazem parte do Conselho Gestor do Museu do Taquaril, atuando na Diretoria Executiva, respectivamente como Diretor Financeiro e Diretor de Comunicação. Eles participaram das atividades do Museu desde o início. W Dois chegou no Taquaril, vindo da antiga Vila Taquaril, com nove anos de idade, em 1989. Lá ele morou lá até 2011, quando foi determinada pela prefeitura municipal a remoção de sua família para o bairro vizinho Granja de Freitas. Com 34 anos, ele tem histórico de intensa atividade sociocultural na comunidade do Taquaril, realizando atividades artísticas, educativas e de comunicação junto a jovens. É oficinairo do programa Fica Vivo³⁵, monitor da Escola Integrada, membro da diretoria do Centro Comunitário Pró-Construção e Desenvolvimento do Taquaril. Assim ele apresenta-se: “O que eu faço mesmo, que me colocou nesta correria, é rap. Desde 1999 estou no caminho do rap, ele me lançou para todas estas áreas que atuo hoje. Militante cem por cento do Taquaril a uma pá de tempo!” (RIBAS, 2014)

Wellington, 30 anos, natural de Belo Horizonte, mora no Taquaril desde 1991. Além de Diretor Executivo do Museu, foi durante um período consultor do Ibram/OEI (Consultor Local) para a coordenação da implantação do Ponto do Taquaril. Já trabalhou no Centro Cultural Alto Vera Cruz, órgão da Prefeitura de Belo Horizonte vinculado à Fundação Municipal de Cultura, e integrou o grupo comunitário de dança afro do Taquaril denominado Calango. Ele é graduado e mestre em Letras, atualmente professor colaborador do curso de Pedagogia do Centro de Educação Aberta e à Distância da Universidade Federal de Ouro Preto. Sua pesquisa de mestrado, desenvolvida de 2011 a 2013, insere-se nos campos de estudos da linguagem e da memória cultural. Exerce também atividade de contação de histórias. Em 2014 foi novamente contratado como consultor do programa Pontos de Memória, para atuar em ação de capacitação em rede. Ao receber o primeiro contato para este trabalho de pesquisa, ele apresentou-se: “Meu nome é Wellington Pedro e atualmente sou o responsável por grande parte das questões do programa [Pontos de Memória] no Museu do Taquaril.”³⁶

³⁵O Fica Vivo é um programa de controle de homicídios do governo estadual que promove ações preventivas culturais e educativas junto a jovens. Disponível em: <<http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/07/Programa-de-Controle-de-Homic%C3%ADdios-%E2%80%93-Fica-Vivo.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

³⁶Informação fornecida pelo Wellington Pedro da Silva em mensagem eletrônica enviada em 23 de outubro de 2013, do endereço museutaquaril@hotmail.com para o endereço lucianafavelar@gmail.com.

Quadro 1 – Fontes de pesquisa: entrevistas e documentos

(continua)

ENTREVISTAS

Entrevistado	Identificação	Data	Local	Duração
Geraldo Moreira da Silva	Conselheiro do Museu do Taquaril	23/10/2014	Belo Horizonte	10m 39s
Oriel Ilario de Jesus	Diretor Executivo do Museu do Taquaril	24/10/2014	Belo Horizonte	46m 01s
Oswaldo Lopes Pedroso	Conselheiro do Museu do Taquaril	23/10/2014	Belo Horizonte	15m 35s
Ubirajara José Couto	Ex-conselheiro do Museu do Taquaril	13/12/2014	Belo Horizonte	36m 33s
Welcio Silvério de Toledo	Ex-consultor programa Pontos de Memória	17/10/2014	Belo Horizonte	48m 42s
Wellington Pedro da Silva	Diretor Executivo do Museu do Taquaril	23/10/2014	Belo Horizonte	02h 26s
Wilson Wagner Brandão Ribas	Diretor Executivo do Museu do Taquaril	25/10/2014	Belo Horizonte	29m 05s

DOCUMENTOS

Documento	Instituição	Data	Local	Páginas
Produto 1: Plano de Trabalho	Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)	2011	Brasília	18 p.
Produto 6: Relatório descritivo-analítico do papel assumido pelos Pontos de Memória como irradiadores da metodologia desenvolvida, no novo cenário de ampliação do Programa	Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)	2012	Brasília	16 p.
Produto 7: Avaliação qualitativa final das atividades realizadas no âmbito dos 12 Pontos de Memória	Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)	2012	Brasília	30 p.
Relatório Analítico do Encontro de Avaliação dos Pontos de Memória Pioneiros	Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)	2013	Brasília	38 p.
Ata de Reunião do Conselho Gestor de novembro de 2010: aprovação do estatuto do conselho gestor do Ponto de Memória do Taquaril e eleição do conselho gestor e diretoria executiva	Museu do Taquaril	2010	Belo Horizonte	4 p.

(conclusão)

DOCUMENTOS

Documento	Instituição	Data	Local	Páginas
Produto 1: Plano de Ação do Ponto de Memória Museu do Taquaril	Museu do Taquaril	2011	Belo Horizonte	26 p.
Anotações de reuniões de março de 2012: comissão de comunicação, reuniões de 17 e 24 de março de 2012a	Museu do Taquaril	2012	Belo Horizonte	3 p.
Ata de Assembléia Extraordinária do Conselho Gestor de outubro de 2012: definição do quadro de membros do conselho gestor	Museu do Taquaril	2012	Belo Horizonte	5 p.
Produto 2: Relatório de Inventário Participativo do Ponto do Memória Museu do Taquaril	Museu do Taquaril	2012	Belo Horizonte	26 p.
Produto 3: Relatório de Produtos de Difusão do Ponto do Memória Museu do Taquaril. Belo Horizonte	Museu do Taquaril	2012	Belo Horizonte	32 p.
Projeto de Cooperação Técnica Internacional: Desenvolvimento institucional e técnico-operacional para a ampliação e consolidação de projetos relacionados à memória social no Brasil	Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)	2008	Brasília	48 p.
Segunda Revisão Substantiva do Projeto: Desenvolvimento institucional e técnico-operacional para a ampliação e consolidação de projetos relacionados à memória social no Brasil	Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)	2012	Brasília	30 p.

Fonte: Quadro elaborado para o presente trabalho.

2.2 A Ação-Piloto do programa Pontos de Memória

A ideia dos Pontos de Memória surge no contexto de desenvolvimento do Cultura Viva, embasada nos mesmos fundamentos de inclusão e valorização da diversidade desse programa, pensando-se porém sobre uma ação específica para iniciativas do campo da memória. A ideia teria nascido a partir do desejo de dar voz a grupos e comunidades que “(...) historicamente foram expropriados do direito de narrar e expor suas próprias histórias, suas memórias e seus patrimônios nos museus”. (CHAGAS, et al., 2010, p. 261)

A transformação da ideia em ação dá-se por meio de um projeto de cooperação firmado em outubro de 2008 que institui o programa Pontos de Memória. Um documento formaliza cooperação técnica internacional entre o MinC e a OEI para execução de projeto intitulado *Desenvolvimento Institucional e Técnico-Operacional para Ampliação e Consolidação de Projetos Relacionados à Memória Social no Brasil*. O projeto foi elaborado antes da criação do Ibram, no Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Iphan. Ele definiu também como instituição parceira a Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações exteriores, responsável pelo acompanhamento e avaliação das ações. (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008) Hoje ele está sob responsabilidade da Comuse/Ibram.

A proposta é implementada com intuito de ampliar a capacidade técnica e institucional do Ibram, ainda restrita, para atuação junto a “(...) comunidades carentes, para que tenham condições de envolver-se de forma adequada na preservação da memória local e regional” e junto a comunidades que possam “(...) por meio da participação espontânea e das aprendizagens recíprocas, adquirirem autonomia para conduzir, inicialmente, seu processo museológico e, em seguida, consolidar seu museu comunitário.” Há expectativa “(...) de se trabalhar com memória social como meio para a formação da consciência cidadã entre populações carentes, vulneráveis à violência e grupos que sofrem segregação pela raça, gênero e pelas preferências sexuais.” (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008, p. 13, 16, 17)

O projeto é fundamentado em parâmetros para a atuação governamental definidos na Política Nacional de Museus, como por exemplo: a criação de políticas voltadas para a democratização das instituições museais, a garantia dos direitos de participação de comunidades organizadas nas atividades técnicas e de gestão da cultura e do patrimônio, o respeito ao patrimônio cultural de indígenas e afrodescendentes, o estímulo à atuação política no campo da cultura de museus comunitários, ecomuseus, museus locais e outras instituições.

Estamos, assim, diante de uma experiência [o programa Pontos de Memória] que busca estabelecer novas vias de participação da sociedade civil na construção de políticas públicas, na qual o Estado atua em constante diálogo com a sociedade, criando mecanismos que garantam os direitos que, ainda que formalmente se encontrem já definidos, precisam ainda ser conquistados pela cidadania – entre esses, o Direito à Memória. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012b, p. 3)

São previstos inicialmente no projeto três objetivos específicos, dois deles voltados para a definição de bases conceitual e metodológica relativas ao campo museal (em especial sobre memória social e relações comunitárias) e capacitação em projetos museológicos e museográficos, ambos visando o estabelecimento de Pontos de Memória. Um terceiro objetivo faz menção a uma ação prática experimental: “Aplicar, de forma experimental, os processos e instrumentos de planejamento, avaliação e apoio à instalação e manutenção de Pontos de Memória, bem como difundir experiências em memória social no Brasil.” (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008, p. 4) É porém na justificativa e contextualização do projeto que é explicitado o propósito de se desenvolver uma Ação-Piloto junto a comunidades das diversas regiões do país, iniciativa que promoverá a criação do Ponto de Memória Museu do Taquaril:

Importante frisar que uma das propostas presentes neste Projeto é a de construir uma experiência piloto que deverá abranger localidades caracterizadas pelo alto índice de violência, em doze regiões metropolitanas distribuídas nas cinco regiões do país (...) Pretende-se, com essa experiência piloto, contemplar no Ponto de Memória as especificidades ocorridas nas experiências de cada uma das comunidades (...) e, assim, obter uma visão mais representativa do fenômeno relativo aos processos museológicos comunitários no país.” (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008, p. 14)

Para este projeto original, com vigência de janeiro/2009 a março/2012, foram alocados três milhões quinhentos e setenta e cinco mil e duzentos reais. Foram feitas duas revisões no projeto, com prorrogação de prazos e composição de novos aportes financeiros, sendo seu orçamento total geral de cerca de dez milhões e seu prazo de conclusão janeiro de 2015. (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008) Na segunda revisão do projeto houve atualização das ações visando ampliar e acelerar o ritmo de implantação dos Pontos de Memória em comunidades brasileiras, assim como consolidar as iniciativas já existentes. (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2012) Segundo a

então consultora do Ibram Cristina Holanda, os próximos passos são renovar o projeto até dezembro de 2016 e institucionalizá-lo por meio de política pública. (informação verbal)³⁷

Ressalta-se que o projeto propõe a elaboração de conceitos, o desenvolvimento de metodologias e a capacitação de agentes envolvidos concomitantemente à aplicação prática, por meio da Ação-Piloto. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011b) Dessa forma, não há inicialmente definição clara sobre categorias adotadas pelo Ibram, como por exemplo “iniciativas de memória social e museologia social” e “pontos de memória”. Concepções foram sendo formuladas e reformuladas ao longo da execução das ações, com forte associação à disseminação da chamada museologia social no Brasil.

Menção feita a beneficiários no documento do projeto ajuda a compreender sobre a percepção inicial a respeito dos Pontos de Memória: "A própria comunidade que ganhará um centro de referência sobre sua identidade cultural e comunitária, bem como um espaço de dinamização de atividades culturais, educativas e de lazer." (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2008, p. 16) Em fase mais recente do programa, fala de Cristina Holanda revela sobre a noção atualmente difundida: “Pode ser um processo museal, não necessariamente um espaço físico e um acervo. Mas é essencial que seja gerido pela comunidade, que seja manifestação de comunidades que nem sempre tiveram vez e voz. Os pressupostos são a autonomia e a presença forte da comunidade, especialmente na gestão.” (informação verbal)³⁸ Em texto do 6º Fórum Nacional de Museus, promovido pelo Ibram em 2014, o Ponto de Memória é apresentado como “(...) iniciativa de pequeno porte, originada da vontade de preservação cultural de cidadãos anônimos ou de coletividades (...)”.³⁹ O edital do Prêmio Pontos de Memória 2014 é destinado a iniciativas de memória e/ou museologia social, entendidas como

(...) núcleos constituídos pela sociedade civil, de forma autônoma do poder público e geridos de forma participativa no seio das próprias comunidades para a identificação, pesquisa e promoção de seu patrimônio material e imaterial, por meio da museologia social, visando ao reconhecimento, à valorização e à proteção da memória social de grupos, de povos e de comunidades que se diferenciam por características históricas e culturais; (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014c, p. 2)

³⁷ Informação fornecida por Cristina Holanda no Encontro Regional dos Pontos de Memória Minas Gerais/Gestão Compartilhada e Participativa do Programa Pontos de Memória, realizado em 21 de outubro de 2014, em Belo Horizonte, MG.

³⁸ Idem Nota 37.

³⁹ Informação consultada no site oficial do 6º Fórum Nacional de Museus. Disponível em: <<http://fnm.museus.gov.br/museus-criativos/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

É importante destacar, porém, que houve concepção de ideias e propósitos específicos para a atuação junto às 12 comunidades escolhidas para participar da Ação-Piloto, apoiadas de forma pioneira e diferenciada pelo programa. A Ação-Piloto foi implementada por meio de parceria com o Pronasci, programa do Ministério da Justiça do Brasil que promove ações sociais preventivas e de repressão à violência, tendo como uma das prioridades o desenvolvimento cultural de comunidades com altos índices de violência.⁴⁰ Segundo Welcio, ex-consultor do Pontos de Memória, o Pronasci aportou recursos financeiros e determinou as áreas de intervenção com base em critério pouco debatido junto à equipe do projeto:

O que foi passado é que seria mais uma, dentre várias ferramentas, que ajudaria na redução da violência, ou seja, por meio do trabalho com a museologia, trabalhando identidade, pertencimento, sentimento de cultura, de comunidade (...). Só que estas questões, a meu ver, foram colocadas de maneira muito simplista, nós não fizemos trabalhos, discussões, debates com o Pronasci sobre isso. (TOLEDO, 2014)

São previstas na Ação-Piloto do programa Pontos de Memória as seguintes etapas iniciais: abordagem junto às 12 comunidades, diagnóstico de potencialidades, capacitação de agentes de memória, realização de inventário participativo⁴¹ e elaboração de plano de ação do Ponto de Memória. (CHAGAS, et al., 2010) A partir dos inventários e planos seriam desenvolvidos os produtos de difusão, ressaltados em relatório do Ibram como “(...) garantias de êxito, já que serão a ocasião por excelência de comunicação com o público: exposições, projetos editoriais, audiovisuais, performances variadas (...)” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011b, p. 5) Apesar de referências em documentos internos do Ibram sobre a expectativa de *instalação e manutenção* de Pontos de Memória e *estabelecimento de museus comunitários*, Welcio diz que não havia uma demanda explícita no sentido de estruturar-se fisicamente um museu. (TOLEDO, 2014) De qualquer forma, constata-se incentivo especial do Ibram à montagem de exposições como atividade intrínseca ao trabalho museológico que daria início à constituição de museus comunitários imbuídos dos propósitos de preservação da memória e afirmação de identidade e cidadania:

⁴⁰ Informação consultada no site oficial do Ministério da Justiça do Brasil. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/Acesso/acoes-e-programas/programa-2070-2013-seguranca-publica-com-cidadania>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

⁴¹De acordo com relato feito em artigo elaborado pelo Diretor Executivo do Museu do Taquaril Wellington Pedro da Silva, o inventário participativo é uma “(...) metodologia adotada pelos Pontos de Memória (...) consiste no levantamento de bens materiais e imateriais presentes nas comunidades (...) o processo é participativo e dialógico, o qual a própria comunidade dará o tom do que se configura enquanto referência simbólica de representação da mesma.” (SILVA, 2014b, p. 3)

Sendo este um projeto que trabalha sobre a memória social no âmbito da museologia, é claramente desejável o impulso à realização de exposições como produtos de difusão, já que estas representariam o início de futuros museus comunitários, instituições que dariam continuidade ao processo de preservação da memória e, ao mesmo tempo, afirmação da identidade e cidadania das comunidades implicadas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011b, p. 13)

As 12 comunidades escolhidas para participar da Ação-Piloto foram: Beiru (Salvador, BA), Brasilândia (São Paulo, SP), Coque (Recife, PE), Estrutural (Brasília, DF), Grande Bom Jardim (Fortaleza, CE), Jacintinho (Maceió, AL), Lomba do Pinheiro (Porto Alegre, RS), Pavão-Pavãozinho-Cantagalo (Rio de Janeiro, RJ), Terra Firme (Belém, PA), São Pedro (Vitória, ES), Sítio Cercado (Curitiba, PR) e comunidade do Taquaril (Belo Horizonte, MG). (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011b) O consultor Welcio, como representante do Ibram, assumiu a responsabilidade de abordar as comunidades e apresentar a proposta da Ação-Piloto, trabalho que segundo ele não foi fácil: “Este trabalho, que começou de maneira bem exploratória mesmo, era eu – aí eu posso usar até a primeira pessoa mesmo – entrando nas comunidades (...) foi uma coisa muito revolucionária, quase que suicida, eles me questionavam muito, me colocavam contra a parede.” (TOLEDO, 2014) Ele destaca como fatores dificultadores a falta de mediação de instância estadual ou municipal e também resistências das comunidades em relação a programas sociais de governo e, em particular, ao Pronasci: “O Pronasci, dentro destas 12, não era um programa, uma instituição muito bem vista. Então as comunidades rechaçavam.” (TOLEDO, 2014) Por outro lado, Welcio destaca como pontos positivos a atuação e o conhecimento prévios das comunidades na área de cultura, sendo o papel do Ibram esclarecer que os trabalhos já realizados poderiam estar inseridos nos campos da memória e da museologia:

Eles já faziam trabalho com memória, mas eles não entendiam isso, não chamavam de memória (...) Para as comunidades era um trabalho de cultura, um trabalho de movimento social, de movimento cultural, um trabalho muito ligado à identidade. Muitos tinham trabalho com teatro, com movimento negro, com movimento de minorias, mas todos os trabalhos voltados para a arte. Tudo o que a gente ia ver o eixo era o fortalecimento desta identidade. Então esse era um trabalho nosso no início também, de mostrar: “Olha, isso aqui que se faz é também memória!” (TOLEDO, 2014)

Para implementar a Ação-Piloto, além de consultores que atuaram ao lado da equipe gestora em âmbito nacional, foram também contratados os chamados Consultores Locais: um representante de cada comunidade que ficou responsável por conduzir as atividades específicas do Ponto de Memória de sua localidade. Eles foram instruídos e puderam trocar

ideias sobre suas experiências nos Seminários de Consultores Locais promovidos pelo Ibram. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011b)

A execução das atividades previstas para a Ação-Piloto foi impactada por fatores relativos ao cenário interno do Ibram, como mudanças no quadro de gestores da instituição e na equipe técnica do programa, greve de servidores, redução do número de funcionários e consultores dedicados ao projeto. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013a) Welcio destaca que houve muita reclamação por parte dos Pontos pioneiros (da Ação-Piloto), uma vez que várias oficinas prometidas não foram realizadas, não sendo cumprido o plano de formação. Haveria intenção de capacitar agentes envolvidos tanto na área de gestão como de museologia/expografia. Teriam sido previstas oficinas de captação de recursos, prestação de contas e elaboração de projetos, não realizadas, além das duas oficinas basilares do programa: Museu, Memória e Cidadania e Inventário Participativo. (TOLEDO, 2014) Outras dificuldades relativas à parceria com o Ibram foram enfrentadas pelas equipes dos 12 Pontos, conforme será abordado nas considerações finais deste Capítulo.

Além das atividades específicas de sua instituição, representantes das 12 iniciativas pioneiras, em especial os Consultores Locais, estiveram bastante envolvidos com ações relacionadas à estruturação e gestão do programa Pontos de Memória. Eles participaram de eventos, como as Teias da Memória⁴² e o Encontro de Articulação das Redes de Pontos de Memória. Alguns integraram a Comissão Provisória de Gestão Compartilhada e Participativa do Programa Pontos de Memória (Cogepaco). (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012b, 2013a) Eles tiveram participação efetiva nas discussões sobre replanejamento e ampliação do programa, que ocorreram em 2012, contribuindo para a reflexão a respeito da articulação em redes, do fomento, financiamento e sustentabilidade das iniciativas, da qualificação em museologia social, da constituição de acervos. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012b) A consolidação de uma comissão permanente estava em processo no final de 2014, quando foi discutida minuta de portaria para instituição do Conselho de Gestão Compartilhada/Participativa dos Pontos de Memória.⁴³

Segundo Welcio havia intenção, no trabalho junto aos 12 Pontos pioneiros, de promover formação, empoderamento, autonomia: “Importante que a comunidade esteja

⁴²“A Teia da Memória é o encontro nacional dos pontos de memória e iniciativas de museologia social, que tem como objetivo promover o intercâmbio e ser um espaço de debates para a consolidação de uma política pública de direito à memória”. Informação consultada no Informativo Pontos de Memória, II edição, 1º de novembro de 2013, página 1. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/11/InformativoPontos_01_11_2013.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

⁴³ Informação consultada no site oficial do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/de-memoria/documentos/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

fortalecida para brigar pelos seus direitos.” (TOLEDO, 2014) Ele comenta ainda sobre a pretensão de se trabalhar com “desenvolvimento local sustentável”, por meio de um museu criado para a comunidade. Na perspectiva de gestores do Museu do Taquaril, a expectativa criada pelo Ibram foi de que:

(...) em estágio pleno de desenvolvimento os Pontos de Memória são capazes de promover a melhoria da qualidade de vida da população e fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento, além de impulsionar o turismo e a economia local, contribuindo positivamente na redução da pobreza e violência. (SILVA W., REGINA, 2013, p. 2)

2.3 O Taquaril

Belo Horizonte, cidade construída para ser a nova capital de Minas Gerais, foi inaugurada em 1897, edificada no local onde havia um povoado, o Curral Del Rei. Foi planejada para ser “(...) cosmopolita, racional e contrastar com a antiga capital, Ouro Preto, expressão do passado colonial, imperial, rural e arcaico.” Teria sido, por muitos anos, habitada principalmente por funcionários públicos e forasteiros, percebida como “moderna e civilizada” ou também como “pacata e provinciana”. (OLIVEIRA, 2008, p. 57 e 58)

Uma área central urbanizada, contornada por uma grande avenida, concentrava a maior parte dos serviços, comércio, hospitais e escolas. Desde o início, e ao longo do tempo, essa foi uma região privilegiada com investimentos e infraestrutura. Além da Avenida do Contorno, novos bairros surgem de forma mais desorganizada, também vilas e favelas, ultrapassando as divisas projetadas em um contexto de desenvolvimento industrial impulsionado a partir das décadas de 1940 e 1950. (ARREGUY, 2008) “A expansão metropolitana foi a tônica das décadas de 1970 e 1980 (...) Na sua esteira, a proliferação de loteamentos periféricos, na maioria ilegais, surgiram para abrigar a imensa população migrante (...) A cidade explodiu sobre sua periferia (...)” (BELO HORIZONTE, 2001) A grande metrópole abriga, de acordo com o Censo IBGE 2010, 2.375.151 habitantes.⁴⁴

A ocupação do espaço na região Leste, uma das nove unidades administrativas de Belo Horizonte, acompanhou o traçado da linha férrea e o curso do Ribeirão Arrudas. Além dos bairros planejados e das vilas operárias que surgiram ao redor, nascem em época recente, bairros em áreas um pouco mais afastadas – mas ainda próximas à região central – como é o

⁴⁴Informação consultada no site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310620&search=minas-gerais|belo-horizonte>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

caso do Taquaril. A origem de seu nome está associada a uma fazenda que existia no local, além de uma serra e um córrego, também chamados Taquaril. (ARREGUY, 2008)

Há hoje muita confusão sobre o que é o bairro ou a região do Taquaril. Em sites e trabalhos consultados para esta pesquisa, assim como em documentos internos do Museu do Taquaril, são utilizadas nomenclaturas diversas com dados divergentes sobre as áreas tratadas. Há pesquisas em que o Taquaril é apresentado como “um dos maiores aglomerados da capital mineira”⁴⁵ ou ainda “a maior favela do Estado de Minas Gerais”.⁴⁶ No mapa de bairros de Belo Horizonte⁴⁷, *Taquaril*, *Conjunto Taquaril* e *Cidade Jardim Taquaril* são três bairros vizinhos da regional Leste, que possuem juntos população de 18.539 habitantes.⁴⁸

Em 2010, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) reorganizou as nove unidades administrativas da cidade criando 40 “territórios de gestão compartilhada”, sendo a regional Leste dividida em quatro territórios, um deles reunindo os seguintes bairros: *Alto Vera Cruz*, *Baleia*, *Cidade Jardim Taquaril*, *Conjunto Taquaril*, *Granja de Freitas*, *Taquaril* e *Vila da Área*. (BELO HORIZONTE, 2011) Esses sete bairros possuem 43.954 habitantes,⁴⁹ número que se aproxima do que consta em registros do Museu do Taquaril na caracterização de sua área de abrangência.

De qualquer forma, as informações históricas divulgadas estão associadas à ocupação que ocorreu na região, em especial no Conjunto Taquaril, bairro de maior extensão, população e densidade demográfica. No presente trabalho, portanto, será utilizado o nome Taquaril para referir-se à região dos bairros Taquaril e Conjunto Taquaril, além de áreas contíguas de bairros fronteiriços.

A história do Taquaril relaciona-se à luta por moradia e pode ser contada a partir de 1981. Nesse ano, um terreno de propriedade da extinta Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de Minas Gerais (Codeurb) foi loteado com objetivo de instalação de

⁴⁵ Citação feita em site da associação Favela é Isso Aí. Disponível em: <<http://www.vendoooutroco.favelaeissoai.com.br/comunidades/ver/historico/conjunto-taquaril>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

⁴⁶ Citação feita no Projeto de Mapeamento dos Recursos Comunitários para a Juventude do Taquaril. (GERSON; SOUZA, 2008, p. 7).

⁴⁷ O mapa de bairros de Belo Horizonte foi consultado no site oficial da Secretaria Municipal Adjunta de Gestão Compartilhada da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/produtos/mapa_bairros_bh_a0_1.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2015.

⁴⁸ Informação referente ao Censo IBGE 2010, consultada no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/mapas-e-estatisticas/censo-2010>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

⁴⁹ Idem Nota 48.

chácaras ou sítios de recreio. Nessa área, porém, apenas pequena parte da infraestrutura necessária ao empreendimento foi implantada.⁵⁰

A partir de 1984, o Centro de Ação Comunitária Alto Vera Cruz liderou um movimento em prol da liberação dessas terras para a construção de casas, com mobilização de cerca de oito mil famílias, de diversas regiões da cidade. Um convênio firmado em 1986 entre a Codeurb e a PBH possibilitou a permuta do terreno e sua utilização pelo município para o assentamento de famílias de baixa renda. Um novo parcelamento em lotes menores foi feito pela prefeitura em 1987, viabilizando a instalação de cerca de duas mil famílias.⁵¹

“Pessoas do Alto Vera Cruz iam (...) buscar uma moradia (...) coincidiu com o início do Taquaril mesmo. Lá não tinha nada, que eu me lembro, de criança, (...). Lembro que fui para lá em 1990, pois estava acontecendo a Copa do Mundo!”, relembra Oriel, Diretor Executivo do Museu do Taquaril. (JESUS, 2014) Ubirajara, ex-integrante do Conselho Gestor do Museu, também tem a história de luta gravada na memória: “Participei do movimento desde o início (...) foi a maior dificuldade, barranco caindo, casa sendo desmoronada. Foi o maior sufoco.” (COUTO, 2014) Fundadores do bairro trabalharam em mutirão na limpeza do terreno e construção das casas, organizando-se através da criação do Centro Comunitário Pró-Construção e Desenvolvimento do Taquaril (CECOMPCDTECA), que passou a reivindicar por serviços básicos e infraestrutura urbana – energia, água, saneamento. O Seu Oswaldo, conselheiro do Museu, um dos líderes desse movimento, conta como foi:

O Ferrara [Sérgio Ferrara, na época prefeito de Belo Horizonte] prometeu dar casa para quem pagava aluguel e a gente aproveitou este gancho. A associação começou a cadastrar este pessoal, aí quando tínhamos um número bom começamos a ir para a rua, fazendo passeata pela cidade. Aí a gente conseguiu ganhar o terreno. (PEDROSO, 2014)

O Taquaril cresceu de forma rápida e desordenada, com invasões, subdivisão informal de lotes, ocupação de áreas de preservação ambiental, terrenos de alta declividade e risco geológico. Novos movimentos sociais reclamaram a criação de ruas, postos de saúde, escolas. Em 1995 foi elaborado pela Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel) um Plano Diretor para o Taquaril, atualizado em 2001, sendo planejado grande

⁵⁰ Informação consultada no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39293&chPlc=39293&&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

⁵¹ Idem Nota 50. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39293&chPlc=39293&&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 09 fev. 2015. E no site oficial da associação Favela é Isso Aí. Disponível em: <<http://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/conjunto-taquaril/>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

número de intervenções urbanísticas, remoções e reassentamentos de famílias.⁵² “De acordo com o estudo da PBH, o Mapa de Exclusão Social de Belo Horizonte, que traçou um perfil de exclusão social no município, (...) a UP [Unidade de Planejamento] Taquaril ocupa o 3º lugar no ranking, (...) figurando entre as mais vulneráveis de Belo Horizonte. (BELO HORIZONTE, 2005, p. 63)

A região está também contemplada no programa do governo municipal Vila Viva,⁵³ com recursos destinados à reestruturação do sistema viário, implantação de novas redes de água, esgoto e iluminação pública, construção de áreas de lazer, além de reassentamentos. As obras do programa foram previstas para início em 2008 e duração de dois anos e meio. Segundo W Dois, Diretor Executivo do Museu do Taquaril, o processo de reassentamento está bem avançado. Por outro lado, ainda há poucos espaços de lazer e convivência no bairro. (RIBAS, 2014) Foi planejada também pela prefeitura a implantação, a partir de 2013, do Espaço BH Cidadania Taquaril, com auditório, telecentro, salas multiuso, biblioteca e um novo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS).⁵⁴ Porém, segundo Ubirajara, as obras desse projeto foram interrompidas. (COUTO, 2014)

Em 2006 foi desenvolvida no Taquaril uma pesquisa intitulada Projeto de Mapeamento dos Recursos Comunitários para a Juventude do Taquaril. (GERSON; SOUZA, 2008) O estudo indicou como grande dificuldade dos jovens da comunidade o desemprego, agravado pela propagação de uma imagem da região como local perigoso. A pesquisa aponta também que “(...) a maioria dos jovens do Taquaril são responsáveis, hábeis e se interessam por sua comunidade.” (GERSON; SOUZA, 2008, p. 7). Eles apresentariam habilidades artísticas (música, canto, pintura, desenho, dança, artesanato, ilusionismo, grafite), de comunicação (informática, locução de rádio, fotografia) e esportivas (capoeira, futebol, basquete, musculação, patins, acrobacia, vôlei). Foram mapeadas 13 iniciativas classificadas como “recursos de educação” dentre elas a Rádio Taquaril e o programa Fica Vivo. Algumas deficiências levantadas pelo estudo foram: falta de espaços para lazer, convivência e prática de esportes, ausência de apoio governamental, ausência de escolas e pouca capacitação de professores, insuficiência de postos de saúde, falta de iniciativa de líderes comunitários, falta

⁵² Idem Nota 50.

⁵³ Informações sobre o programa Vila Viva estão disponíveis no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=8178&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&>. Acesso em: 09 fev. 2015.

⁵⁴ Informação consultada no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicasurbanas&lang=pt_BR&pg=5562&tax=39226>. Acesso em: 04 fev. 2015.

de participação da comunidade em reuniões e pouca consistência na organização das mesmas, dificultando o engajamento político de novos moradores.

O Taquaril foi também objeto de estudo sobre associativismo civil realizado por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, por meio de projeto de extensão do Observatório de Políticas Urbanas. A investigação buscou identificar demandas e traçar um perfil dos grupos culturais do bairro. Grande parte dos grupos teriam sido criados a partir de 2001, não seriam registrados em cartório e seriam compostos por jovens de 14 a 24 anos. Esses grupos teriam como desafio envolver a comunidade na valorização da cultura, assim como auxiliar no combate às drogas e à violência. A maior dificuldade enfrentada, segundo os próprios grupos, é “(...) em primeiro lugar a falta de mobilização e participação da comunidade e, em segundo, a falta de dinheiro e espaço físico (...)”. (SAADALLAH; SANTOS N.; SOUZA, 2010, p.34) A pesquisa registra que o Taquaril possui alto potencial cultural, especialmente nos campos do rap, hip hop, dança e capoeira, mas que há falta de integração entre os grupos, que já teriam apresentado maior articulação em momento anterior, como também afirma W Dois:

Temos a Aliança Cultural Taquaril, no começo uns 50 grupos culturais faziam parte desse coletivo, juntavam e faziam eventos de caráter comunitário e educativo. Só que outros grupos usavam o mesmo espaço com outras intenções, o que acabou prejudicando nosso trabalho (...) hoje cada um faz a sua correria. (RIBAS, 2014)

Mesmo com muitas carências e problemas, constata-se que o Taquaril de hoje é bem diferente do de 25 anos atrás, como comenta Seu Oswaldo: “Mas já melhorou bastante, porque a gente não tinha nem oportunidade de comprar um fósforo! Hoje a gente já tem comércio, já está com a estrutura bem melhor do que era, cem por cento do que era.” (PEDROSO, 2014) A história do Museu do Taquaril começa quando a luta pela moradia já não mais existia, quando a comunidade enfrentava novos desafios.

2.4 O Ponto de Memória Museu do Taquaril

Marco inicial e Conselho

A história do Ponto de Memória Museu do Taquaril pode ser narrada a partir de 2009, quando o então consultor do Ibram Welcio chega à comunidade para apresentar a proposta do

programa Pontos de Memória e de sua Ação-Piloto.⁵⁵ Ele conta que precisou decidir entre algumas comunidades de Belo Horizonte pré-selecionadas pelo Pronasci:

Em Belo Horizonte, o Pronasci elencou as comunidades da Pedreira Prado Lopes, do Taquaril e acho que mais uma ou duas. Eu, diante disso, ia atrás dos meus contatos. (...) Acho que na Pedreira e nas outras deve ter um trabalho bem legal também, mas eu tinha contato com alguém que me levou até o Taquaril (...) um contato informal. (TOLEDO, 2014)

O primeiro encontro do Welcio com moradores deu-se em uma reunião com um grupo restrito de líderes da comunidade: representantes do Centro Cultural Alto Vera Cruz e da associação Cem por Cento Taquaril. Eles ficaram responsáveis por convidar um número maior de moradores para um segundo encontro, que ocorreu em novembro do mesmo ano. Nesta ocasião foram escolhidas três pessoas para participar da primeira Teia da Memória em dezembro, em Salvador, como informa o Diretor Executivo Wellington. A partir de então, formou-se um grupo de trabalho de 12 pessoas, que tiveram como primeiro desafio organizar o *Seminário de Apresentação e Criação do Ponto de Memória Museu do Taquaril*. Reuniões sistemáticas, processos democráticos, conflitos e embates, ideias e sonhos poderiam retratar esse momento inicial de atividade. (SILVA W., [entre 2010 e 2012], 2014)

O Seminário foi realizado no dia 20 de fevereiro de 2010, data oficial de criação do Ponto de Memória Museu do Taquaril. O local escolhido foi a Escola Municipal Professora Alcida Torres, onde reuniram-se cerca de 60 pessoas: estudantes, artistas, educadores, membros de associações e instituições, profissionais de saúde e representantes do Ibram e da equipe envolvida no projeto. Oficinas promovidas por moradores abordaram temas como memória, identidade, território e pertencimento. A comunidade decidiu dar continuidade ao projeto e, em plenária final, elegeu o *Conselho Gestor do Ponto de Memória Museu do Taquaril*, que começou a trabalhar na elaboração de um Estatuto Interno.⁵⁶ (SILVA W., [entre 2010 e 2012]) Wellington ressalta que a criação do Seminário e a constituição do Conselho Gestor foram experiências de êxito, adotadas como metodologia do programa Pontos de Memória. (SILVA W., 2014)

⁵⁵Nas fontes pesquisadas não há registro ou lembrança da data precisa em que estes contatos iniciais ocorreram. Em folheto de divulgação do Museu do Taquaril, ainda em elaboração, está registrado que a instituição surgiu com um seminário realizado junto à comunidade local no dia 28 de março de 2009.

⁵⁶Sobre o número de membros deste Conselho Gestor há relatos que informam ora 30, ora 23 pessoas. Quando solicitada confirmação do número de integrantes ao Diretor Executivo Wellington Pedro da Silva, ele informou de 23 a 27 pessoas.

Cisão e novo Conselho

Quando era hora de começar a planejar a atuação do recém-criado Ponto de Memória Museu do Taquaril, esforços foram concentrados para enfrentar um primeiro grande desafio, esclarecido por W Dois:

Eu fui o que puxou este tumulto todo (...) porque um grupo já estava abraçando o projeto, a ONG Cem por Cento, por ter ligações com um vereador de presença grande na comunidade. (...) Saí com a proposta de chegar [em Fortaleza, na Teia da Memória] e passar isso a limpo. Sentei com as pessoas que coordenavam o projeto [Pontos de Memória] e eles disseram que não havia ofício nenhum, assinado por entidade nenhuma que vai assumir o projeto. (...) Voltei com as informações e coloquei tudo isso no grupo, eles não sabiam, aí rachou, rachou mesmo. (RIBAS, 2014)

Dois grupos dentro do Conselho confrontaram-se. Welcio diz que havia forte embate e briga partidária, com “uma divergência quase de posse mesmo”. De um lado, “(...) duas senhoras bem guerreiras, de um trabalho bem histórico no Taquaril, ligadas ao Partido dos Trabalhadores, (...) mas que tomaram para si o projeto.” (TOLEDO, 2014) De outro, membros do atual grupo gestor que, segundo W Dois, defendiam uma gestão participativa do Ponto de Memória: “Todo mundo falando que tinha que ser democrático, coletivo, elas não aceitavam.” Ao longo do conflito teriam ocorrido a intervenção de um vereador, ameaça de representantes do Ibram de cancelar a ação na comunidade, manifestação dos gestores do Museu da intenção de acionar o Ministério Público para garantir a permanência do projeto. (RIBAS, 2014) Welcio questiona a forma de abordagem das comunidades beneficiadas na Ação-Piloto e sua relação com esse problema ocorrido no Taquaril: “A gente percebeu claramente que havia dois grupos, e aí vem esta coisa do contato, eu não sei onde se deu esta falha (...) Fiz o contato com uma pessoa, um grupo, e em alguns casos esta pessoa, este grupo, eles tomaram para si o direito de ser os representantes da comunidade.” (TOLEDO, 2014)

Passaram-se quase nove meses entre a data do Seminário de Criação e a intervenção do Ibram, que pediu a organização de uma assembleia para reeleição do Conselho Gestor com a participação da comunidade. Segundo Wellington, o Ibram apareceu apenas no último momento para mediar. (SILVA W., 2014) Welcio diz que foi acionado muitas vezes, porém ele acreditava que não deveria decidir pela comunidade. (TOLEDO, 2014) O confronto estava realmente estabelecido uma vez que cada um dos dois grupos em disputa organizou uma assembleia diferente, no mesmo dia e horário, segundo W Dois. Ele comenta que neste momento de confusão várias pessoas que tinham sido mobilizadas desistiram de continuar. O

Ibram decidiu realizar a assembleia de votação em uma das reuniões, aquela que havia sido organizada por membros do atual grupo gestor. (RIBAS, 2014)

Em 13 de novembro de 2010, com um quórum de 25 pessoas, foi então reeleito o Conselho Gestor do Ponto de Memória do Taquaril. Com 21 integrantes,⁵⁷ este novo Conselho contempla uma Diretoria Plena (todos os membros) e uma Diretoria Executiva, composta por cinco conselheiros que assumiram funções executivas. Concorreu à Diretoria Executiva uma chapa única, eleita para mandato de quatro anos, de novembro/2010 a novembro/2014. A formação desse Conselho está exposta no Quadro 2, na próxima página.⁵⁸

As funções que compõem a Diretoria Executiva – administrativo, comunicação, financeiro, mobilização social e secretariado – foram definidas, segundo Wellington, a partir da experiência dos conselheiros, dos conhecimentos que eles adquiriram participando de associações comunitárias. Sobre a falta de uma função específica de museologia ou museografia, Wellington diz que a compreensão na época era de que as ações museais são de responsabilidade de todo o Conselho e também do Ibram. Por outro lado, ele comenta sobre a participação de uma museóloga no grupo gestor antes do conflito inicial. (SILVA W., 2014)

Na assembleia de reeleição do Conselho foi também apresentado pela Diretora Executiva Leila, discutido e aprovado o Estatuto do Conselho Gestor.⁵⁹ (MUSEU DO TAQUARIL, 2010) Este é simultaneamente um momento de desistências e de formação de um núcleo gestor, os membros executivos, que como se verá passarão a conduzir as atividades do Ponto do Taquaril com certa autonomia.

⁵⁷Na Ata de Reunião de reeleição do Conselho Gestor estão registrados 11 membros não executivos e cinco executivos, somando 16 pessoas. Verificando-se em outros documentos, porém, como por exemplo no Plano de Ação do Ponto de Memória Museu do Taquaril, foi possível constatar que o número correto de membros deste segundo Conselho Gestor é 21 pessoas.

⁵⁸Na Ata de Reunião de reeleição do Conselho Gestor está registrado que os diretores executivos foram eleitos para mandato de quatro anos, não ficando claro se esse mandato é atribuído apenas à Diretoria Executiva ou ao Conselho Gestor como um todo. Ao ser entrevistado para esta pesquisa, o Wellington Pedro da Silva diz que, em 2015, será formado novo Conselho e nova Diretoria.

⁵⁹Foi solicitado ao Museu do Taquaril cópia do Estatuto do Conselho Gestor, porém o documento não foi disponibilizado para pesquisa.

Quadro 2 - Conselho Gestor do Ponto de Memória Museu do Taquaril (2010-2014)

DIRETORIA PLENA

Diretores não executivos

Cloves Furtado Aparecido	Porteiro
Edilson Pinheiro	Motorista
Ednéia Aparecida de Souza	Operadora de Caixa
Fernanda Lourenço Miranda	Gestora de Eventos
Geraldo Moreira da Silva	Vigia
José Vieira	Pedreiro
Junior Marques da Silva	Educador
Mauricio Barbosa Brandão	Aposentado

Diretores não executivos

Oswaldo Lopes Pedroso	Vigia
Ubirajara José Couto	Técnico em Radiologia
Vera Lúcia de Oliveira	Enfermeira
Hortência Rocha dos Santos	(não informado)
Maria da Paz de Souza	(não informado)
Walter Gomes de Souza	(não informado)
Pedro Henrique Silva Santos	(não informado)
Iris Iene dos Reis Oliveira	(não informado)

Diretoria Executiva

Fernanda Jardim de Melo	Diretora de Mobilização Social	Estudante
Leila Regina da Silva	Diretora Administrativa ⁶⁰	Estudante
Oriel Ilario de Jesus	Diretor Secretário	Psicólogo
Wellington Pedro da Silva	Diretor Financeiro	Professor
Wilson Wagner Brandão Ribas	Diretor de Comunicação	Músico

Fonte: Quadro elaborado para o presente trabalho. (MUSEU DO TAQUARIL, 2010)

⁶⁰A função da Diretora Executiva Leila Regina da Silva aparece de forma diferente nos documentos do Museu do Taquaril consultados, ora como Diretora Administrativa, ora como Diretora Executiva.

Consultoria e Plano de Ação

Cerca de dez meses depois foi assinado um contrato de consultoria entre o Ibram/OEI e o Wellington, então Diretor Executivo Financeiro. Como *Consultor Local*, ele passou a ter a atribuição de “Coordenar, junto à instância deliberativa do Ponto de Memória do Taquaril (...) as atividades de elaboração do *Plano de Ação*, de desenvolvimento do *Inventário Participativo* e de elaboração e desenvolvimento do *Produto de Difusão*.”⁶¹ Wellington informa que o contrato foi assinado para um período de dois anos – 1º de julho de 2011 a 31 de julho de 2013⁶² –, no valor de sessenta mil reais, pagos mediante a entrega do Plano de Ação e de dois relatórios. Ele diz que foi realizado um processo seletivo, sendo um dos requisitos para o exercício da função de Consultor Local possuir graduação, título que entre os gestores do Museu apenas ele e o Oriel tinham na época. Os dois participaram do processo e o Wellington foi selecionado. Wellington diz que foi uma decisão do Conselho ocupar a vaga de consultor com uma pessoa da comunidade, assim como repassar o valor recebido para o Museu: “O Conselho propôs destinar o dinheiro para a comunidade. Perguntaram se eu e Oriel teríamos interesse (...) Sabíamos que não tínhamos esta obrigação, mas aceitamos [participar da seleção] e fizemos este processo de doação do que recebemos para o Museu.” (SILVA W., 2014) De acordo com Oriel, parte do valor recebido foi destinado à remuneração mensal do Wellington e o restante às ações e à compra de equipamentos. (JESUS, 2014)

A elaboração do *Plano de Ação do Ponto de Memória Museu do Taquaril* foi feita de acordo com modelo definido pelo Ibram e conduzida pelo Wellington. Ele relata ter trabalhado em conjunto com membros do Conselho Gestor. Em um ambiente em que tudo era novidade, no qual começa a ser discutida a tal museologia social, tenta-se responder às perguntas: O que vamos fazer? Qual museu queremos? Foi um período de reuniões frequentes e demoradas e também de novas desistências, como comenta Wellington: “Reuníamos às vezes mais de uma vez na semana, reuniões que duravam quatro, cinco horas (...) foi afunilando mais, a gente via que algumas pessoas não iam mesmo querer participar, porque achavam (...) que estava caminhando para um outro rumo.” (SILVA W., 2014) Fica patente um cenário de desconhecimento e falta de clareza no relato do Oriel: “Plano de Ação? Ajudei

⁶¹ Foi solicitado ao Museu do Taquaril cópia do Contrato de Consultoria, porém o documento não foi disponibilizado para pesquisa. Informações foram consultadas no documento Termo de Referência para Contratação de Pessoa Física para o trabalho junto ao Ponto de Memória do Taquaril, do Sistema de Informações Gerenciais da OEI, apesar de tal documento apresentar alguns dados diferentes dos coletados na entrevista com o Diretor Executivo Wellington Pedro da Silva. Disponível em: <http://oei.org.br/pdf/selecoes/2011/TOR_95_2011.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

⁶² Especificamente esta informação sobre a vigência do contrato de Consultor Local foi fornecida pelo Wellington Pedro da Silva via mensagem eletrônica, posteriormente à entrevista.

em algumas discussões, mas não sei se tem a ver com isso. Ao falar sobre suas ideias a respeito do Museu, ele acrescenta: “Eu ficava o tempo inteiro tentando entender o que realmente o Ibram queria. E em alguns momentos dava a impressão de que o Ibram também não sabia o que ele queria.” (JESUS, 2014)

O Plano de Ação foi aprovado em reunião do Conselho Gestor em 6 de novembro de 2011, quatro meses após a contratação do Wellington como consultor. O documento traz a seguinte observação: “Conforme consta no Estatuto do Conselho, o membro que faltar, sem justificativa, por três reuniões consecutivas do Conselho Gestor perde o direito de voto até regularizar sua situação (...) Aplicando essa determinação, não consta a assinatura de 5 (cinco) membros (...)”. (MUSEU DO TAQUARIL, 2011, p. 24)

Foram traçados no Plano de Ação do Museu objetivos relacionados à memória social a ser representada, que contemplam: construir um histórico da criação e ocupação do Taquaril, resgatar e reafirmar memórias da resistência e luta dos moradores, identificar organizações e manifestações culturais, reconhecer valores e relações constituídos a partir das memórias dos moradores. Todo esse trabalho seria feito visando promover afirmação de pertencimento e cidadania entre os moradores. (MUSEU DO TAQUARIL, 2011) Na definição da tipologia de museu a ser adotada pelo Ponto de Memória do Taquaril é explicitado o processo de aprendizado dos conselheiros:

Museu Comunitário, Itinerante, de Território, Virtual, Memorial, Museu de Percurso. O Conselho do Ponto de Memória do Taquaril acredita que o desenvolvimento do tipo de museu é processual e determinado por variáveis como recursos materiais e pessoais, assim como o amadurecimento do projeto trará apontamentos para atividades e possibilidades de criações (...). No entanto, como estratégia de curto prazo nos empenharemos na instituição de um museu comunitário por acreditarmos que este tipo abre possibilidades para uma relação de consequência com os outros tipos apresentados. (MUSEU DO TAQUARIL, 2011, p. 15)

O propósito, portanto, era estabelecer um museu comunitário, mesmo ainda sem clareza sobre como ele seria. Wellington relata que no início havia a ideia de utilizar um espaço virtual, um blog, para expor o material coletado. Diz também que se pensou em ocupar espaços de instituições locais com exposições e atividades: uma escola, um posto de saúde. A decisão de criar uma sede para o Museu teria vindo depois, a partir de uma demanda da comunidade, uma vez que sempre alguém perguntava: Mas onde é o museu? (SILVA W., 2014)

São então propostas 10 ações, planejadas para execução de fevereiro a novembro do ano seguinte, 2012: promover um concurso de música (em fevereiro), fazer um diagnóstico da

comunidade (até março), planejar a comunicação interna e externa, catalogar o acervo, preparar uma exposição e realizar o lançamento da sede do Museu (até abril), produzir um folder de divulgação (até maio), fazer um vídeo sobre o bairro (até junho), editar um livro de memórias (até novembro) e, por fim, fazer uma exposição itinerante, em data não especificada. Foram previstos recursos para equipamentos eletrônicos de comunicação e informática; materiais de escritório, gráficos e promocionais; logística e aluguel; serviços de pesquisa, entrevistas e catalogação; produção de livro e vídeo; concurso de música e exposição itinerante. (MUSEU DO TAQUARIL, 2011) Wellington comenta que houve liberdade para discutir e fazer proposições além das diretrizes do Ibram, cuja premissa principal era realizar o inventário participativo e exposições. (SILVA W., 2014)

Em relatório elaborado para envio ao Ibram, produzido cerca de um ano depois do Plano de Ação, é registrado desejo de buscar, na execução das atividades do Museu, “(...) fortalecer sua relação com a comunidade atuando em espaços democráticos de construção (...)”. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 7) E é assim exposto o objetivo do Ponto de Memória Museu do Taquaril:

Constitui objetivo do Ponto de Memória Museu do Taquaril o enfoque ao direito à memória que tem todos os grupos humanos, enfatizando a importância da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, sendo este o testemunho da herança de gerações passadas, que exerce papel fundamental no momento presente e se projeta para o futuro, transmitindo às gerações por vir, as referências de um tempo e espaço singulares que jamais serão revividos, mas revisitados. Criando a consciência da intercomunicabilidade da história. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 7)

O aprendizado de quase cinco anos no projeto do Ponto de Memória do Taquaril promove novos entendimentos sobre o Museu e sua proposta, como revela depoimento de W Dois: “A gente pensava antes, vamos armar um espaço para expor as coisas. Mas não é o museu que a gente trabalha, não é este tipo de museu, é mais a pessoa contar a história dela (...) um museu que funciona mais na comunicação mesmo, não é aquele cheio de coisas para você ver.” (RIBAS, 2014)

Destaca-se que antes da cisão do grupo gestor, havia planos diferentes para o Museu. Na época do Seminário de Criação do Ponto do Taquaril, uma museóloga estaria à frente do projeto e já se teria conseguido um lote para a construção da sede:

De acordo com a coordenadora do projeto, a museóloga Hέλvia Vorcaro, uma das ideias para o museu é a criação de uma vídeo-cabine, onde serão registradas histórias de moradores da comunidade para a criação de um acervo digital. “Também pretendemos abrigar no museu uma escola de fotografia e cinema, para

formação de jovens, e ainda um ateliê de conservação de acervos, com a produção de embalagens arquivísticas, para fornecer às bibliotecas e museus da cidade”, diz. Após seis reuniões, a comunidade já conseguiu um lote no Taquaril (...), contratou um arquiteto e também vai organizar um ‘chá de museu (...).⁶³

Novos desafios

A elaboração do Estatuto do Conselho Gestor e do Plano de Ação contribuíram para evidenciar obstáculos ao estabelecimento do Museu do Taquaril, como a dificuldade de entrosamento do grupo gestor e de aprendizado e construção coletivos:

Pois se você pega na comunidade várias pessoas diferentes, que tem informações fragmentadas da ação (...), o que acontecia nas reuniões às vezes: muita gente falando muitas coisas, pessoas entendendo o projeto de forma equivocada, trazendo sugestões que não tem nada a ver. E quando se mexe com liderança comunitária não é muito fácil, porque cada um tem seu ego, sua visão, suas preferências. E aí sentimos muita dificuldade, pois o processo não andava. (JESUS, 2014)

Continuaram a haver divergências mesmo após a cisão inicial, segundo Ubirajara devido a uma rivalidade histórica de cunho político que há no Taquaril entre grupos e associações locais. A falta de união de líderes comunitários característica do Taquaril teria contribuído para prejudicar o desenvolvimento do projeto. (COUTO, 2014) Esse mesmo problema é destacado por W Dois: “Aqui no Taquaril temos questões de divergência de lideranças comunitárias, uns são mais comunitários, outros mais partidários, outros fazem por interesse pessoal.” (RIBAS, 2014)

Não tem união, tem rivalidade. Se fosse realmente comunitário, cada um poderia ter sua ideia, mas na hora ‘h’ essas ideias deveriam se unir, para um bem comum. Infelizmente isso não acontece, o que desanima a gente de trabalhar aqui na comunidade é isso. (COUTO, 2014)

Os membros executivos decidiram estabelecer um novo método de trabalho, que lhes dava maior liberdade e agilidade nas discussões e no planejamento das ações. Oriel explica que a Diretoria Executiva assume a função de debater previamente os assuntos, produzir sínteses e, em um segundo momento, fazer o repasse para o grupo maior de conselheiros: “Passamos a nos reunir com mais frequência, só este grupo, e assim que tínhamos alguma coisa mais delineada chamávamos o grupo grande (...) Foi uma forma que a gente encontrou de dar celeridade na coisa.” (JESUS, 2014)

⁶³ Informação consultada no site oficial do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/comunidade-de-taquaril-bh-vai-criar-museu/>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

A escolha do local onde hoje é a sede do Museu revela sobre os processos decisórios no âmbito do Conselho Gestor. Wellington relata que tentou muitas vezes envolver integrantes do Conselho na escolha do espaço, mas que não houve iniciativa de participação. Ele então apresentou um local como proposta, aprovada pelo Conselho, apesar de haver discordância. A opção teria sido feita, principalmente, em função do baixo valor do aluguel. (SILVA W., 2014) Oriel comenta que um conselheiro questionou a decisão, uma vez que a casa escolhida não se localizava totalmente dentro da comunidade. (JESUS, 2014) Wellington relata que a desaprovação de produtos no Conselho ocorreu em vários momentos, levando ao estabelecimento de algumas diretrizes. Ele comenta: “Se você não participa do processo, não tem como questionar o produto pronto.” (SILVA W., 2014)

Papel do Ibram

Apesar de críticas à atuação do Ibram junto ao Ponto de Memória do Taquaril, gestores do Museu reconhecem sua contribuição para o aprendizado no campo da memória e da museologia: “A gente tinha trabalhos específicos de memória, mas a gente não tinha este conceito, esta concepção da museologia social (...) então o Ibram vem para trazer esta perspectiva”, comenta Wellington. (SILVA W., 2014) Oriel ressalta que achou bastante consistente uma atividade de capacitação para a qual ele foi convidado a participar, o 1º Seminário de Consultores Locais. Ao falar sobre o evento, ele acaba deixando-se levar por reflexões sobre a memória, sobre os novos conceitos que estavam sendo discutidos:

Porque falam Ponto de Memória, e a museologia social, até onde eu soube na época, trabalhava com esta questão da construção da história. E aí cada um tem uma visão da história. Mas se pensava: o que é particular, que juntado ao particular do outro vai trazer uma memória coletiva, era esta a ideia. E aí como você vai pegar essa construção coletiva e travestir em um produto que (...) todo mundo se identifique nele? Louco, complicado! (...)” (JESUS, 2014)

Exclusivamente para o Museu do Taquaril foi oferecida pelo Ibram apenas uma oficina de capacitação: Museu, Memória e Cidadania. O Museu foi também beneficiado com os Seminários de Consultores Locais,⁶⁴ que favoreceram a qualificação sobre inventário e museografia e a troca de experiências. Mas segundo Wellington havia outras demandas: “(...)

⁶⁴Foram encontrados registros de dois Seminários de Consultores Locais, realizados pelo Ibram em 2011 e 2012. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/seminario-reune-consultores-locais-dos-pontos-de-memoria/>> e <<http://www.museodefavela.org/noticias/artigos/109-agenda-de-viagens-do-colegiado-de-diretores-do-museu-de-favela>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

precisamos de uma oficina que vai ensinar a gente a se constituir judicialmente, (...) uma oficina que vai ensinar a editar um material (...). Então o Ibram não cumpriu com este plano de trabalho dentro desta oficina de formação.” (SILVA W., 2014) Em encontro de avaliação da experiência das 12 iniciativas pioneiras, que teve a participação da Diretora Executiva Leila, foi destacada como barreira ao desenvolvimento do Ponto do Taquaril “(...) certa ausência do Ibram ao longo do processo.” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) Wellington diz acreditar que o Ibram é corresponsável pela iniciativa e por sua sustentabilidade. Ele faz diversos outros questionamentos à atuação do Instituto, porém mais voltados para aspectos estratégicos do programa Pontos de Memória do que para a ação específica junto ao Ponto do Taquaril. Sua análise crítica é feita, sobretudo, a partir de sua posição de membro da Cogepaco: “Existe uma fragilidade da própria instituição, isso a gente sabe, com relação a concurso e um monte de coisa. (...) Você não tem ali [no Ibram] uma política de continuidade, de fortalecimento daquela ação [dos Pontos de Memória].” (SILVA W., 2014)

Gestão e equipe

O Ponto de Memória Museu do Taquaril não é registrado juridicamente e não possui regimento interno. Diretrizes de atuação estão documentadas no Plano de Ação elaborado em 2011, que precisaria ser revisto observando-se ações não planejadas, a realidade das pessoas envolvidas e o tempo da comunidade, segundo Wellington. Para ele, um aspecto fundamental ao bom funcionamento de um museu comunitário é a consciência sobre o que se quer: qual museu, qual público e qual memória serão trabalhados, antes de se pensar em parcerias e investimentos. (SILVA W., 2014)

Os recursos financeiros do Museu limitam-se à verba do contrato de consultoria, já encerrado. Wellington informa que, dos sessenta mil reais recebidos, ainda há cerca de vinte mil guardados. Havia sido destinados dez mil para o livro, cinco mil para o documentário e cinco mil para outras ações, mas não se sabe se serão utilizados conforme planejado. A prestação de contas dos recursos financeiros não foi uma exigência do Ibram e, segundo Wellington, o pagamento estava condicionado a entregas que ele cumpriu, como Consultor Local. Sobre a possibilidade do Museu do Taquaril concorrer ao Prêmio Pontos de Memória e conseguir mais recursos financeiros, Wellington tem dúvidas se seria uma atitude coerente, uma vez que ele vem posicionando-se contra este edital de premiação. (SILVA W., 2014)

Em relação de parceria com sua irmã Leila, Wellington assumiu a condução de grande parte das atividades do Ponto de Memória do Taquaril, tanto ações voltadas para a comunidade, como atividades externas de articulação e representação. Os dois coordenam reuniões e grupos de trabalho, ministram palestras e oficinas, produzem e assinam cartas, comunicados e relatórios. Wellington é responsável pela gestão dos recursos financeiros e pelo controle do registro e da guarda de informações do Museu. Além de Diretores Executivos, Wellington e Leila atuam junto ao programa Pontos de Memória como membros da Cogepaco e da Comissão da Teia da Memória, respectivamente. Em geral, são as pessoas de referência do Museu para conselheiros e outros públicos de relacionamento. O consultor Welcio elogia o trabalho desenvolvido por eles: “Eu vi que o trabalho está fluindo (...) está muito bem conduzido (...), à primeira vista, principalmente porque eu estou vendo o Wellington mais à frente disso... Wellington, Leila.” (TOLEDO, 2014) A Leila concluiu a graduação em Ciências Sociais em 2011 e o Wellington o mestrado em Letras em 2013,⁶⁵ sendo suas experiências acadêmicas bastante valorizadas no âmbito do projeto. “A Leila eu senti como uma referência acadêmica dentro da comunidade, uma pessoa muito inteligente, com base teórica”, comenta Welcio. (TOLEDO, 2014) “Confiamos muito no trabalho dele [Wellington], um cara competente pelo próprio mestrado dele, que era em memória”, ressalta Oriel. (JESUS, 2014) “O Taquaril é um exemplo, as pessoas que estão ali na comunidade estão saindo, fazendo universidade, fazendo mestrado, fazendo doutorado e trabalhando em cima. Então é uma coisa muito mais próxima, muito mais legítima”, reforça Welcio. (TOLEDO, 2014)

O Wellington exerceu (ou exerce), portanto, funções diversas junto à iniciativa, de Consultor Local, Diretor Financeiro, gestor, educador, curador, agente de comunicação, pesquisador. Ao longo do tempo, assumiu papel de representante principal do Museu do Taquaril: “Ele é o que mais representa a gente, participa das coisas (...) tem mais conhecimento para falar sobre o projeto”, expressa W Dois. A partir de seu trabalho no Ponto do Taquaril, Wellington foi incumbindo-se também de tarefas “externas”, nas esferas da Ação-Piloto, do programa Pontos de Memória e das redes de museus comunitários. Essa atuação é destacada por W Dois, além do trabalho na comunidade: “Ele fica por conta mais desta articulação mesmo, quando tem que ir ele vai (...). Aqui mesmo [no Taquaril], aí eu e ele sempre estamos juntos.” (RIBAS, 2014) Oriel salienta a responsabilidade adquirida por

⁶⁵ Informação consultada no *Currículo Lattes* da Leila Regina da Silva e do Wellington Pedro da Silva. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4418783J2>> e <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4439116P6>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

ele como Consultor Local: “Quando acabou o contrato do Wellington (...) ele continuou como consultor, assim como é até hoje. Ele responde legalmente pelo Ponto.” (JESUS, 2014)

Dois outros membros da Diretoria Executiva, Fernanda e Oriel, são graduados em psicologia, sendo que a Fernanda formou-se após integrar a equipe do Museu, em 2013.⁶⁶ Oriel acredita que sua formação contribuiu para ser convidado a compor o grupo: “Pessoas que tem nível superior na comunidade, como eu, são importantes, porque são formadores de opinião, tem um discurso melhor elaborado também, acho que foi um pouco isso que ajudou que eles me pedissem para participar.” (JESUS, 2014) O Diretor W Dois completa o grupo de cinco membros da Diretoria Executiva. Ele é compositor de rap e atua na comunidade do Taquaril em atividades artísticas e educativas direcionadas a jovens. Sua função no Museu é a que parece estar mais bem definida e mais alinhada à nomenclatura do cargo: Diretor de Comunicação. Sua atuação é elogiada pelo Wellington: “O W Dois está muito com a gente na mobilização e trabalha isso muito bem. (...) Ele desenvolve este trabalho até mais que eu, de estar na comunidade”. (SILVA W., 2014) Oriel afirma que dos membros da Diretoria Executiva, apenas o W Dois é um líder comunitário. (JESUS, 2014)

A maioria dos conselheiros dedicam-se a alguma atividade profissional e fazem ou já fizeram parte de alguma associação ou grupo comunitário, além de serem moradores do Taquaril. Todos atuam como voluntários no Museu, sem remuneração. A única exceção seria o recebimento de determinado valor mensal pelo Wellington durante a vigência de seu contrato de consultoria com o Ibram/OEI, segundo Oriel. (JESUS, 2014)

A chamada museologia social é novidade para toda a equipe e o trabalho com a memória, para a grande maioria: “Ainda não tinha tido contato com memória, começamos a aprender com os meninos [os integrantes da Diretoria Executiva]”, conta Seu Oswaldo. (PEDROSO, 2014) Houve poucas iniciativas de capacitação da equipe do Museu e apenas a Leila e o Wellington participaram de forma sistemática de atividades junto ao Ibram e aos Pontos de Memória.

É apontado como desafio por W Dois e Wellington a falta de pessoas para dividir as atividades do Museu. E seria também um grande obstáculo carências de qualificação no grupo de conselheiros que, para Wellington, “não supre o que precisa”. (RIBAS, 2014; SILVA W., 2014) Oriel fala sobre o impacto da ausência de competências e de propósitos claros: “Se você tem uma equipe que sabe o que é inventário, ajudaria demais. Porque se você está

⁶⁶Informação consultada no *Currículo Lattes* da Fernanda Jardim de Melo e do Oriel Ilario de Jesus. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4323166U4>> e <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4220645D5>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

fazendo uma coisa que nem sabe o que é, faz de qualquer jeito. Mas se faz sabendo o que realmente está procurando, a chance de acertar é maior. A capacitação é imprescindível.” (JESUS, 2014) Por outro lado, Wellington valoriza a experiência dos conselheiros, percebida no trabalho de elaboração do Estatuto do Conselho Gestor: “O pessoal que estava no Conselho, eles tinham expertises pra isso, pessoas que faziam parte de associações, então sabiam muito como funcionava tudo.” (SILVA W., 2014)

Além do Conselho Gestor, outras pessoas atuam junto ao Museu esporadicamente, como por exemplo artistas e pesquisadores. São também estabelecidas algumas parcerias na execução de ações, nenhuma de caráter permanente. Wellington conta que houve tentativas de parceria sem sucesso, como por exemplo junto à Fundação Municipal de Cultura. Ele acredita que ainda há um caminho a ser percorrido para que o Museu do Taquaril, assim como os museus comunitários em geral, se estabeleçam e tenham reconhecimento. (SILVA W., 2014)

Museu em atividade

Com os conflitos iniciais apaziguados, o Plano de Ação aprovado, os recursos financeiros garantidos e os métodos de trabalho construídos e adaptados, o Ponto de Memória Museu do Taquaril iniciou, em 2012, uma fase de intensa atividade de produção e comunicação museológicas, descrita por Oriel como “o período de maior construção”. (JESUS, 2014) Conselheiros trabalharam, em reuniões conduzidas pelo Wellington e pela Leila, no planejamento e organização do concurso de música, do evento de lançamento da sede do Museu e de exposições. Um pesquisador foi contratado para auxiliar na formação de um banco de dados a partir da sistematização e digitalização de reportagens sobre o Taquaril. Iniciou-se uma campanha para composição de um acervo de fotos-áudios que contam a história do bairro. Foram adquiridos equipamentos, promovidas oficinas de história oral – Varal de Memórias – e começaram a ser gravadas entrevistas com antigos moradores e líderes do bairro, ações do chamado inventário participativo.

As entrevistas de história oral foram propostas com objetivo de “(...) reprojeter a história da comunidade a partir da história de vida de seus moradores.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c, p. 13) Foi definido que elas seriam feitas pelos próprios membros do Conselho e transcritas por prestadores de serviço. Havia proposta de mesclar métodos de história oral de vida e temática, contemplando “roteiros semiestruturados” e “entrevistas livres”. Nesse momento os conselheiros deparam-se com o desafio de assumir múltiplas funções: planejadores, produtores culturais, agentes de comunicação, entrevistadores e

entrevistados. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) Depoimentos coletados nas entrevistas de história oral relatam, em especial, as dificuldades enfrentadas na ocupação do Taquaril.

Tem 24 anos que eu moro aqui, mudei mesmo para sair do aluguel. Mudei sem água, sem luz, com a casa sem rebocar, sem piso, né! Lavava roupa, tinha criança pequena, lavava roupa na cachoeira lá embaixo, todo dia eu descia com a bacia para lavar roupa lá embaixo, né! O princípio aqui era muito difícil... pra subir para trazer comida, né. Tinha dia que eu subia com oito marmitas de comida, água, café para trazer para o pessoal que estava trabalhando aí pra gente, ajudando né! Aí subia e grávida da minha menina de oito meses. Eu subia com esse peso todo e... pra trazer a comida para eles aqui em cima. Então o princípio aqui nosso foi muito difícil, muito difícil mesmo! Carregava pedra, carregava tijolo, carregava areia, no carrinho né! Então foi muito difícil mesmo o princípio aqui. (Depoimento de Angélica Rosa de Moares)⁶⁷

A primeira ação do museu promovida e divulgada de forma ampla junto à comunidade foi o Festival de Música Taquaril (En)cantado, que incentivou a produção de canções inéditas sobre a história do Taquaril. Foram produzidos regulamento e cartaz de divulgação e destinado período de um mês para as inscrições. Foram disponibilizados aparelhagem, espaço e equipe do Museu para auxílio à gravação de discos pelos participantes. Sete músicas foram inscritas e apresentadas no Festival, no dia 28 de abril, na Praça Che Guevara, no Taquaril, quando ocorreu a seleção dos três artistas premiados. Em relatório de apresentação de resultados é registrado que estavam sendo firmadas, na época, parcerias para a gravação de um disco compacto e sua distribuição na comunidade. A letra de *Meu Brasil Taquaril*, música vencedora do concurso criada por Anderson Santo, fala sobre a luta dos moradores na construção do bairro: (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d)

De longe eu vejo você, constantemente vou lhe visitar,
pouco importa se é no B ou no A,
eu vou a pé ou até de circular.
Só quem mora sabe o que é lutar, sobe as ladeiras sem reclamar,
olha pro céu e agradece a Deus
pelo lugar que Ele te deu.
Ah quem disse que o Taquaril,
é o buraco do Brasil;
desconhece a história de um povo que o construiu,
abraçado pela Serra do Curral,
cartão postal de BH;
é tão lindo ver o sol nascer,
em cada novo amanhecer
Taquaril, oh Pátrias mil;
Taquaril, é meu Brasil,
Taquaril. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 9)

⁶⁷ Este depoimento está registrado em produto de difusão (cartaz) do Ponto de Memória Museu do Taquaril.

Logo depois do Festival, a sede do Museu foi inaugurada com um evento que reuniu conselheiros, moradores e um representante do Ibram, em 19 de maio de 2012. A sede ocupa o segundo andar de uma casa, em cima de uma loja de materiais de festas. Na inauguração, foi montada uma exposição de fotos na calçada, para chamar a atenção de transeuntes, que foram convidados a entrar, tomar um chá e conhecer a proposta do Ponto de Memória Museu do Taquaril. Durante o evento grafiteiros do bairro pintaram o pôr do sol do Taquaril no muro ao lado da casa-sede. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c)

Gestão da informação

É necessário interromper neste momento a narrativa sobre o curso das ações culturais e museológicas do Museu do Taquaril. Primeiro, para explicitar a dificuldade encontrada em apresentar um relato preciso, consistente e detalhado das atividades promovidas pelo Ponto. Segundo, para falar sobre o registro e a guarda de informações na instituição, análise que contribui para elucidar aspectos de sua experiência.

Não há no Ponto do Taquaril um processo sistematizado de registro de dados sobre as ações desenvolvidas, assim como de guarda e circulação de informações. Ao longo de quase cinco anos, foram produzidos dois relatórios de atividades e resultados, que tiveram como objetivo cumprir as entregas acordadas no contrato do Consultor Local. Esta formalização da parceria com o Ibram por meio da consultoria contribuiu para a sistematização de informações, porém apenas durante o contrato, havendo lacunas antes e após seu período de vigência, como afirma Wellington:

Estes relatórios faziam parte (...) do produto, [da consultoria] então a gente tinha que entregar, falar o que aconteceu. Acabado o contrato, em 2013, a gente não tem mais esta obrigatoriedade de relatório. No ano passado [2013] nós desenvolvemos uma exposição sobre mulheres negras (...), então ela não gera mais um relatório como produto, como aqueles [enviados ao Ibram]. As atividades também não, a gente tem o registro da atividade, de fotos, de coisas assim, mas não naquela configuração. (SILVA W., 2014)

Há poucos documentos internos além desses dois relatórios enviados ao Ibram. Além disso, os registros existentes apresentam algumas lacunas e imprecisões, o que não permite delinear, em muitas ações, quando foram iniciadas, como foram executadas, se foram continuadas e, especialmente, como ocorreu a participação comunitária e quais foram os aprendizados e resultados. Não são também registradas grande parte das atividades

“externas”, como a participação em reuniões do Ibram, encontros, seminários e eventos de outras instituições. Há ainda uma dedicação do Wellington à produção de conteúdo sobre o Museu em formato acadêmico, com propósitos diferentes, como ele próprio explica: “No relatório do Ibram eu digo o que foi (...), no artigo trabalhamos uma identidade construída a partir do território (...) tem um formato acadêmico, foi para um espaço acadêmico, é diferente de eu falar o que o Museu do Taquaril faz, o artigo dá credibilidade.” (SILVA W., 2014)

Com o intuito de favorecer a demonstração e compreensão da trajetória do Museu – assim como de dar visibilidade às questões abordadas acima – foi elaborado um quadro geral de atividades do Ponto de Memória do Taquaril (Quadro 3), que será apresentado no final desta seção, nas páginas 98 a 103. Construído por meio da compilação de fontes diversas, ele abrange o período que estende-se da 1ª à 4ª Teia da Memória, de dezembro de 2009 a novembro de 2014, e contempla ações classificadas como “culturais ou museológicas” e “externas ou de representação”. O painel retrata, além de outras questões que ainda serão tratadas, o período de maior dinamismo da atividade do Museu, o ano de 2012.

Pode-se considerar como marco final dessa fase de atividade mais intensa a exposição permanente *Fios de Memória: Tecendo os Primeiros Passos*, inaugurada em 1º de dezembro de 2012, ressaltada em relatório do Museu como atividade que representa a “materialização de todo um processo que correu ao longo de um ano”. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 16) Ela resultou das entrevistas, rodas de memória e pesquisas documentais realizadas até então e tem como mote contar a história do Taquaril a partir das memórias de seus moradores. A exposição é composta por três seções: Aqui eu Vivi (testemunhos de histórias vividas), Fotos que Contam Histórias (relatos a partir de fotografias) e Memória Viva (moradores antigos retratados em pinturas e depoimentos). Ela tem curadoria do Wellington e foi pensada visando coletar doações e constituir acervo, tendo sido elaborados carta-convite e cronograma com expectativa de sua circulação pelo bairro ao longo de 2013. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d) Cartazes trazem textos que convidam a comunidade à participação, como o da montagem intitulada Colchas de Memória:

Uma colcha de retalhos retrata muito mais do que a simples junção de pedaços de retalhos. As colchas de memória retratam um resgate do universo de práticas históricas que foram passadas de geração a geração. A costura dos retalhos compõe a soma das partes tecidas e conectadas para formar o todo. Convidamos você para criar uma grande colcha de memória e assim, contarmos as histórias do Taquaril com os fios da memória e tecer os primeiros passos. Doe um quadrado de retalho e nos conte uma história. Vamos juntos nessa grande costura. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 30)

Comunicação, mobilização, participação

Uma citação é feita no Plano de Ação do Museu do Taquaril sobre o propósito de “(...) estabelecer um plano de comunicação interna entre grupo gestor e diretoria plena,⁶⁸ entre Conselho do Ponto e comunidade através das instituições locais, assim como uma rede com os outros Pontos de Memória.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2011, p. 21)

Os 12 Pontos pioneiros funcionaram muito bem em rede, conseguindo estabelecer boa comunicação, com intensos intercâmbios de conhecimentos e experiências. Formaram, segundo Wellington, um grupo bastante articulado, que passou a reivindicar junto ao Ibram o reconhecimento de sua importância – como coletivo resultante da Ação-Piloto – na construção das diretrizes do programa Pontos de Memória. (SILVA W., 2014) Welcio reconhece a formação de uma rede fortalecida, fruto do trabalho e da iniciativa dos Pontos: “Eles são muito atentos e fazem para além [da atuação do Ibram]. O próprio Taquaril mesmo, (...) por conta própria, ganhou o edital do Ministério da Cultura, foi uma comunidade visitar a outra.” (TOLEDO, 2014)

As atividades culturais e museológicas do Ponto do Taquaril foram realizadas com objetivo de difusão de sua proposta na comunidade e formação de público, sendo algumas divulgadas por meio de cartazes e postagens na rede social *Facebook*. Em ações direcionadas a um público específico, como por exemplo as oficinas de história oral, foram distribuídas cartas-convite. A Leila e o Wellington são os contatos principais de referência do Museu mencionados nos materiais de divulgação. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c, 2012d) Outra ferramenta de comunicação utilizada são endereços eletrônicos: *conselho.dememoriataquaril@hotmail.com* e *museutaquaril@hotmail.com*. Foi ainda criada em 2012 a página do Museu no *Facebook*, que formou até dezembro de 2014 uma rede de 1.708 amigos.

O Museu do Taquaril já foi pauta de notícia em jornais de Belo Horizonte – O Tempo e Hoje em Dia⁶⁹ – e na emissora mineira TV Alterosa. Os principais porta-vozes da instituição são também a Leila e o Wellington, que propagam interna e externamente uma narrativa pautada no entendimento de que o Museu é o próprio Taquaril, de que ele tem como

⁶⁸ Grupo gestor e diretoria plena são utilizados, provavelmente, para referir-se aos membros executivos e aos membros não executivos do Conselho Gestor, respectivamente.

⁶⁹ A reportagem do jornal O Tempo é intitulada *Outra ideia de alta cultura*. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/outra-ideia-de-alta-cultura-1.737311>>. Acesso em: 04 fev. 2015. ⁶⁹ A reportagem do jornal Hoje em Dia é intitulada *Memória coletiva da comunidade do Taquaril fica viva*. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/memoria-coletiva-da-comunidade-do-taquaril-fica-viva-1.74094>>. Acesso em: 04/02/2015.

características fundamentais a itinerância e o diálogo com a comunidade: “Ele é hoje uma proposta de ser não só um espaço físico (...) a gente entende que o Museu é o próprio bairro. E a partir deste lugar que é a nossa sede a gente tem dialogado com a comunidade, até para a comunidade se sentir dona deste processo também.”(informação verbal)⁷⁰ Outro aspecto difundido é a diferenciação do chamado museu tradicional:

Tudo é diferente de um museu tradicional. O formato, o próprio funcionamento do Museu. A exposição do Museu e os trabalhos, eles tem um caráter itinerante. A ideia é: como nós consideramos que o Museu é a própria comunidade, nós temos um espaço de referência. Então as nossas ações são desenvolvidas também dentro da própria comunidade. E isso é um diferencial dos Pontos de Memória, dos museus comunitários. Eles vão até o seu público. (informação verbal)⁷¹

Até o final de 2014 o Museu não tinha uma programação de horários abertos à visitação: “Existe a necessidade de que o espaço fique aberto (...) isso não aconteceu ainda porque a gente precisa se articular, não temos nenhum material de difusão do Museu. (...) Porque você tem um muro, que é pintado, mas as pessoas passam e não sabem direito o que é.” (SILVA W., 2014) Foi criado layout de um folder de divulgação, ainda não impresso e distribuído. Na fachada da casa-sede há uma placa com a logomarca do Ponto e a frase “Sua memória faz parte desta história!”.

Mesmo com duas diretorias voltadas para atuação no campo da comunicação – Diretoria de Mobilização Social e Diretoria de Comunicação – tem sido um desafio para o Museu o envolvimento da comunidade do Taquaril. Wellington diz que a participação comunitária, apesar de sempre existir, foi mais efetiva em alguns momentos. Ele brinca dizendo que “participação afetiva” há o tempo todo, e acrescenta: “A comunidade tem participado, não em sua abrangência, né? A gente fala de uma representação, e isso é muito complicado até pela própria extensão do Taquaril, que é um bairro muito grande.” (SILVA W., 2014)

Comunicação e mobilização são também desafios na esfera do Conselho Gestor, estando grande parte dos conselheiros hoje distantes das atividades do Museu: “O Conselho em si não participa muito, já foi mais ativo”. (SILVA W., 2014) Oriel localiza o início desse processo no momento de contratação do Consultor Local: “Acho que deu uma esfriada em

⁷⁰Informação fornecida por Leila Regina da Silva no programa da TV Alterosa intitulado *Minas Movimenta*, na reportagem *Museus em aglomerados*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I7SUnwS1tc4>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

⁷¹Informação fornecida por Wellington Pedro da Silva no programa da TV Alterosa intitulado *Minas Movimenta*, na reportagem *Museus em aglomerados*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I7SUnwS1tc4>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

todo mundo. Pelo fato de o Wellington ter sido selecionado como consultor, deixamos as atividades um pouco a cargo dele.” (JESUS, 2014) Para W Dois isso ocorreu também com relação à Diretoria Executiva: “O grupo como um todo deixou muito a responsabilidade na Diretoria Executiva, então só quando é caso extremamente necessário que junta todo mundo”. (RIBAS, 2014)

Em 27 de outubro de 2012 foi realizada uma reunião com objetivo de chamar o Conselho à participação. Foi enviada uma carta para cada conselheiro solicitando a assinatura do Termo de Responsabilidade e Compromisso e o comparecimento em Assembléia Extraordinária. Os participantes foram então alertados sobre a necessidade de maior comprometimento e foi redefinido o quadro de membros do Conselho Gestor. Três pessoas quiseram desvincular-se do grupo e um conselheiro foi desligado em função de ausências sem justificativas. Decidiu-se também pelo afastamento temporário de quatro integrantes, um devido a problemas de saúde e os demais por não ser possível contatá-los. Em sua terceira configuração, o Conselho Gestor foi reduzido de 21 para 13 membros, sendo mantidos os cinco diretores executivos. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012b) Ubirajara explica porque decidiu desligar-se do grupo:

Devido àquelas dificuldades que eles tinham de dialogar, a reunião ficava muito repetitiva, eu acabei largando. (...) Às vezes marcava reunião e faltava muita gente. A gente ia, chegava lá não aparecia ninguém, aquilo foi desgastando. A gente viu o desinteresse das pessoas em levar o trabalho a sério. (COUTO, 2014)

A reafirmação do compromisso por alguns dos gestores e a redução do número de conselheiros, porém, não interromperam os afastamentos e as ausências, que ocorreram também no núcleo da Diretoria Executiva, realimentando o processo na esfera do Conselho. Oriel questiona: “Se a suposta liderança não estava articulada, como os liderados vão se articular?” Apesar de oficialmente manter-se na Diretoria Executiva, ele conta que parou de ir às reuniões:

Cada um tem seu trabalho, sua vida. A Leila estava terminando sua graduação (...), Wellington estava “por aqui” com o mestrado (...) eu tinha mais disponibilidade e o W Dois também. A Fernanda estava finalizando sua graduação. Às vezes encontrava eu, Wellington e W Dois, mas aí começou já isso, a responsabilidade de cada um foi esfriando um pouco nesses encontros e fomos desmobilizando (...). Quando marcávamos as reuniões não iam todas as pessoas, automaticamente isso foi desmotivando (...). Eu também tinha minhas atividades, minhas coisas, passei a me distanciar.” (JESUS, 2014)

Além do Oriel, outros dois diretores executivos também distanciaram-se das atividades. A Fernanda mudou-se para outra cidade. E a Leila, como relata Wellington, estaria em momento de menor atuação: “A própria Leila já esteve muito mais ativa no processo, hoje em dia menos”. (SILVA W., 2014) Além deles, o Diretor Executivo W Dois diz que tem pouca disponibilidade atualmente. (RIBAS, 2014) Para Ubirajara o problema no grupo de gestores executivos está relacionado à articulação e participação: “Este grupo não tinha muita divergência não, mas a dificuldade que tinha neste grupo é de reunir (...) Quando marca uma reunião importante, tem que participar pelo menos cinquenta por cento”. (COUTO, 2014)

Ressalta-se que dois conselheiros – Seu Geraldo e Seu Oswaldo – sempre estiveram disponíveis e propensos à participação, apesar disso não ter sido determinante para maior entrosamento junto ao núcleo gestor e para maior atuação dos mesmos. Eles demonstram interesse e disposição para o trabalho ao indagar o Wellington sobre a situação atual do Museu: “Estava animado no começo, depois paralisou (...) tem que sair do lugar!” (SILVA G., 2014) “A gente tem também que aprimorar um pouco mais, sabe, porque a gente está com falta de fazer umas reuniões, de marcar atividades (...). Estou aqui também cobrando, para a gente poder estar entrando mais em ação, né?” (PEDROSO, 2014)

A falta de visão da dimensão do projeto e de compreensão global dos processos do Museu teriam, segundo Oriel, restringido as possibilidades de contribuição desses conselheiros. (JESUS, 2014) As limitações para a participação deles são assim expressas pelo Wellington:

Seu Oswaldo e seu Geraldo são as pessoas que sempre, sempre, sempre estão [presentes]. (...) Mas é um pouco de a gente entender as limitações de cada um, não podemos dentro de uma reunião do Ibram mandar o Seu Oswaldo e o Seu Geraldo para fazer articulações, não são pessoas que vão para isso, mas que estão aqui o tempo todo perguntando do que se precisa, pedindo para reunir. (SILVA W., 2014)

Haveria dificuldade de diálogo e colaboração entre diretores executivos e demais conselheiros, assim como pouca compreensão ou infiltração de informações estratégicas entre os gestores não executivos. (JESUS, 2014) Para Wellington, algumas pessoas estariam também mais propensas a participar de reuniões decisórias e atividades em fase de execução, muito menos do planejamento de ações e produtos. (SILVA W., 2014) O desafio de mobilização teria então relação com a necessidade de considerar a presença de conselheiros com menor instrução no grupo e lidar com capacidades e demandas diferenciadas:

Quando são pessoas mais simples, aí que a coisa tem que acontecer mesmo. Porque quando são pessoas com um discurso mais elaborado, na conversa você percebe o que está acontecendo. Mas para quem é mais simples, ele quer ver ali a coisa... “Conversam, conversam, mas não fazem nada!” (...) Às vezes convidava para uma reunião mas não tinha muita coisa para dizer. (JESUS, 2014)

Outro fator relacionado à dificuldade de mobilização seria a falta de identificação de novos moradores com a história de luta do Taquaril, como relata Oriel: “Muitas pessoas que vieram para o Taquaril não estão lá mais (...) E quem realmente participou do movimento [de luta pela moradia], isso está bem distante na cabeça deles (...). Hoje em dia muitas famílias que estão lá não são as famílias do início, não tem essa identificação. (JESUS, 2014)

Mas a falta de articulação não é uma questão restrita ao Ponto de Memória do Taquaril. Todos os conselheiros consultados afirmam que a comunidade local já foi mais participativa no passado: “Era uma participação de cem por cento. Hoje se você chama para uma reunião de vinte pessoas, não vai dez. (...) Acho que é uma falta de ação, porque antes não tinha onde morar, depois ficou muito satisfeito, ficou aqui quietinho e não quer nada mais. Só pode ser isso!”, exclama Seu Oswaldo. (PEDROSO, 2014) “A união é devagar, tem que se esforçar muito para reunir o pessoal, o pessoal é desanimado”, comenta Seu Geraldo. (SILVA G., 2014) Para Ubirajara, há uma descrença dos moradores diante da frequente estagnação de iniciativas e projetos comunitários:

O Taquaril, se você for analisar, é maior do que muita cidadezinha do interior. (...) Na época da política, ferve de candidato pedindo voto. (...) Muitas pessoas costumam vir de fora, vem com um projeto, faz reuniões, fala do projeto, coleta informação das pessoas, dos grupos, depois simplesmente este projeto não vai para frente. Já aconteceram vários projetos aqui, que tem tudo para dar certo... é uma coisa que não tem sequência. (COUTO, 2014)

Desaceleração

A exposição permanente Fios de Memória, lançada no final de 2012, além de simbolizar a concretização do trabalho de memória que vinha sendo desenvolvido pelo Museu, é também marco do início de uma nova fase. A partir de 2013, as atividades do Ponto do Taquaril tornam-se menos intensas, como comenta W Dois: “Realmente a gente estava com um trabalho mais intensivo.” (JESUS, 2014) “Houve também uma desaceleração das atividades, isso é um fato”, afirma Wellington. (SILVA W., 2014)

Ao longo de 2013 e 2014 são promovidas atividades culturais e museológicas abertas à comunidade em três momentos: nos meses de setembro, na 7ª e 8ª Primaveras dos Museus, e em novembro de 2013, quando o Ponto de Memória recebeu os artistas Aline Cantia e Chicó

do Céu com um espetáculo de contação de histórias. Além disso, houve apoio à produção de um vídeo do programa social Papo Reto⁷² e uma visita de alunos da Escola Municipal Professora Alcida Torres ao Museu.⁷³

O livro, o vídeo e o folder do Museu, planejados para 2012 e replanejados para 2013, ainda não tinha sido produzidos até final de 2014, apesar de iniciados, como relata Wellington: “Todos os trabalhos foram iniciados, o roteiro [do vídeo] nós fizemos, agora precisamos de pessoas de fora para edição. (...) O folder está totalmente pronto, os textos, as imagens, só que ainda não foi rodado.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, SILVA W., 2014) Algumas outras ações previstas, como a montagem da maquete e a criação de mais seis estandartes para a exposição Memória Viva ainda não foram concluídas. (SILVA W., 2014) Sobre a continuidade da pesquisa para formação de acervo jornalístico, da campanha Uma Foto Uma História, da exposição itinerante Fios de Memória e do concurso de desenhos e textos sobre o Taquaril, estes dois últimos programados para 2013, não há relato objetivo de gestores ou informação atualizada em relatórios, sendo os últimos registros datados de novembro de 2011. (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c, 2012d) Sobre o banco de dados do Museu, Wellington explica: “Ainda temos muita coisa que não foi transcrita, gravações, filmagens, que vão se configurar como banco de dados quando os produtos forem feitos, o livro, o documentário, então temos um processo para caminhar.” (SILVA W., 2014)

Os processos de distanciamento de conselheiros e de desaceleração de atividades relacionam-se a fatores diversos, além de influenciarem-se mutuamente. Conflitos, ausências, questões pessoais, políticas e financeiras teriam determinado a interrupção ou não realização de atividades. Oriel acredita que se houvesse remuneração dos diretores, as ações estivessem acontecendo normalmente. Wellington explica:

Nós paramos diversas vezes por conflitos políticos no Conselho, por entender que tínhamos que parar, que não era o momento de fazer. Outras por questões políticas do próprio bairro, não só do Conselho. Outras por questões pessoais dos membros, a gente tem também as nossas ações, na época em que eu estava terminando o meu mestrado eu me ausentei bastante. Se tivéssemos um quadro de funcionários, que fossem receber por isso, a gente tinha outro trabalho, era outra coisa. Temos que dispor de nossos horários vagos, é meio complicado isso. (SILVA W., 2014)

⁷²Informações sobre o Papo Reto: A Voz e a Vez do Jovem podem ser consultadas na página oficial do programa. Disponível em: <<http://www.paporetojuventude.com/>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

⁷³As lacunas existentes nos registros de atividades do Museu do Taquaril não permitem garantir que não houve alguma outra atividade cultural ou museológica neste período de 2013 e 2014. Informações foram coletadas na página do *Facebook* do Museu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pontodememoriataquaril.museu?fref=ts>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

Ao mesmo tempo em que são reduzidas as ações voltadas para a comunidade, torna-se mais frequente a participação em atividades externas: “Em 2013 intensifica um contato direto com o Ibram, onde a gente passa a estar mais presente em reuniões externas de trabalho do que dentro da própria comunidade”, afirma Wellington. (SILVA W., 2014) Apesar de a Leila também ter se envolvido, essa função é exercida em grande parte pelo Wellington, que progressivamente assume papéis e responsabilidades junto a uma rede de agentes que atuam em prol do fortalecimento do programa Pontos de Memória. Ele torna-se membro ativo da Cogepaco, com posicionamento crítico e enfrentamento ao Ibram na defesa pelo reconhecimento da experiência dos 12 Pontos pioneiros como fundamental para a melhoria do programa. (SILVA W., 2014) Wellington também passa a dedicar-se à elaboração de trabalhos científicos sobre o Museu do Taquaril e os Pontos de Memória e a participar de Congressos e Seminários no Brasil e no exterior. Ele passa a fazer parte do grupo de pesquisa COMUSAS – Comunidades e Museologia Social - extensão universitária e ações afirmativas entre comunidades negras, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBT, do Ibram.⁷⁴ E ele integra-se ao movimento da Rede LGBT de Memória e Museologia Social.⁷⁵

E tem uma coisa que a gente fala, que os Pontos de Memória falam, que é assim: vida longa aos Pontos de Memória, como se fosse um desejo! E que vida longa é essa? (...) É este reconhecimento, é fazer com que este museu comunitário torne-se uma política pública de Estado, e que as pessoas da comunidade que queiram trabalhar desta forma tenham condição para isso. (SILVA W., 2014)

Sua atuação na esfera do programa Pontos de Memória ganha reconhecimento: “O Wellington hoje é uma referência que eu vejo para os próprios Pontos de Memória, alguns destes 12 [Pontos pioneiros] trouxeram a responsabilidade para si como sendo a referência hoje do programa”, registra o consultor Welcio. (TOLEDO, 2014) Wellington é convidado pelo Ibram a submeter um artigo para evento que será realizado em 2015 em Atlanta, no Estados Unidos, ação apoiada pelo Programa Ibermuseus.⁷⁶ Em outubro de 2014 ele é selecionado para prestar nova consultoria junto ao Ibram, desta vez atuando no desenvolvimento de plataforma digital de formação em rede do programa Pontos de Memória.

⁷⁴ Informação consultada no *Currículo Lattes* do Wellington Pedro da Silva. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4439116P6>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

⁷⁵ Informação consultada na página do *Facebook* do Museu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pontodememoriataquaril.museu?fref=ts>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

⁷⁶ “O Programa Ibermuseus é uma iniciativa de cooperação e integração dos países ibero-americanos para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus e da museologia.” Disponível em: <<http://www.ibermuseum.org/>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

Ele demonstra entusiasmo com a oportunidade e acredita que com a experiência adquirida na Ação-Piloto poderá contribuir bastante. (SILVA W., 2014)

O contrato de Consultor Local, referente à condução das ações no Ponto do Taquaril, encerrou-se em julho de 2013. Segundo Oriel, isso corroborou para a desaceleração de atividades já em curso. (JESUS, 2014) Relato de W Dois revela uma dependência com relação à orientação do Ibram, que teria sido mais presente durante a vigência desse contrato: “A gente não tem muita demanda não, tem coisas para a gente fazer que estão sendo feitas aos poucos. Mas já teve época em que o Ibram sempre mandava para a gente demanda.” (RIBAS, 2014) Mesmo após o término dessa consultoria, Wellington mantém papel de representante principal do Museu, atuando porém cada vez mais em instâncias externas. Ele afirma que o trabalho fruto da Ação-Piloto proporcionou-lhe muitas conquistas:

Eu me vejo hoje uma outra pessoa, desde quando começamos o processo, o que eu fui me apropriando, o que eu fui conseguindo, construindo, acho que é algo muito rico. Poder falar sobre todo o processo, ocupar estes espaços, até mesmo meu papel dentro do Ibram, eu tenho um papel de respeito muito grande dentro do Ibram. (...) O ganho profissional e pessoal foi muito grande. (SILVA W., 2014)

Potencial da memória e perspectivas

Apesar dos desafios enfrentados, há convergência de ideias entre os conselheiros sobre o potencial da memória e do Museu do Taquaril como instrumento de afirmação da identidade, de desenvolvimento cultural e de luta social. Para W Dois esta potencialidade está diretamente relacionada ao histórico de luta vivenciado na construção do bairro, que deve ser revelado aos jovens da comunidade como recurso educativo. (RIBAS, 2014) Para Oriel, o Museu pode ajudar a transmitir a história do bairro às novas gerações, a despertar nas crianças sentimento de identificação com essa história. (JESUS, 2014) Ubirajara acha que não só o Taquaril, como qualquer outro lugar, tem a sua história, que deve ser pesquisada e divulgada. (COUTO, 2014) Wellington vislumbra a possibilidade de atrair visitantes de fora da comunidade para conhecer a localidade, com a estruturação do Ponto de Memória como um museu de percurso: “Temos as nascente de água, grutas, um muro feito pelos escravos, um monte de pontos que são de referência.” (SILVA W., 2014) Seu Oswaldo considera importante não deixar a memória do Taquaril morrer e acredita que o trabalho com a cultura é necessário para despertar os moradores da acomodação: “Pode sim até influenciar alguém que está parado a continuar trabalhando, resgatando alguma coisa que tem, mostrando, explicando. Para resgatar estas pessoas também, é muito bom, eu gosto disso, eu acredito.”

(PEDROSO, 2014) Ele comenta com entusiasmo sobre um morador da comunidade que fabrica violinos:

Aqui no bairro tem muita história. Esses dias assustei quando cheguei na casa de um moço, de tanto violino que ele tem dentro de casa, ele mesmo fabrica e ninguém sabe, está escondido lá. Eu nunca tinha visto nem falar, você precisa ver que coisa linda! E é ele mesmo que faz. Eu achei, gente, temos que mostrar isso para o povo! (PEDROSO, 2014)

O processo de formação de acervo, associado à construção de uma identidade coletiva, ainda parece uma incógnita, entretanto: “Um Museu, um Ponto de Memória, seria mais ou menos isto: colocar um prisma para que todo mundo olhe e identifique aquela coisa que aconteceu mais próximo do que realmente é. Essa é a dificuldade. Que acervo? O que eu vou colocar? O que vai evocar esta história nossa de conquista?”, questiona Oriel. (JESUS, 2014)

Membros do Conselho demonstram também perceber lutas sociais atuais e demandas latentes da comunidade. Seu Geraldo sonha com a reativação da rádio comunitária: “É uma coisa necessária demais aqui no bairro, precisamos correr atrás disso.” Ele também alerta para o fato de que ainda há ruas no bairro sem urbanização, sem rede de esgoto e calçamento. (SILVA G., 2014) W Dois reclama que o Taquaril é, ao mesmo tempo, uma das áreas da região leste de maior expressão cultural e com menor número de espaços e equipamentos públicos para ações de cultura e lazer. Ele fala também sobre os problemas de envolvimento dos jovens com as drogas e a criminalidade. (RIBAS, 2014) Ubirajara diz que há carência de recursos financeiros e humanos que possam viabilizar a continuidade de projetos sociais importantes, como as cooperativas de artesãos e costureiras. Ele comenta ainda sobre a paralisação de programas governamentais de urbanização do bairro. (COUTO, 2014) Para Wellington, há novos grupos sociais buscando afirmação, configurando-se como ações de resistência na comunidade:

A gente resiste o tempo todo, o que muda são os focos desta resistência. O que um tempo era por direito à moradia, hoje são direitos como a própria aceitação. Por exemplo, a gente tem um número grande de homossexuais na comunidade, e essas pessoas lutam pelo direito de poderem se assumir, de poderem andar na rua e não serem marginalizadas. Os próprios funkeiros se assumirem enquanto funkeiros, ou outro segmento. (SILVA W., 2014)

Em novembro de 2014 terminou o mandato de quatro anos do Conselho Gestor formado em 2010, devendo ser feita nova eleição só em 2015, segundo Wellington. (SILVA W., 2014) O núcleo gestor do Museu, nesse momento, estava restrito a três pessoas – Leila, W Dois e Wellington, todos com pouca disponibilidade, prioritariamente dedicados a outras

atividades. Oriel, já afastado, comenta: “Todo mundo quer participar de alguma coisa que realmente esteja acontecendo. Por mais que a ideia seja bacana, se não está acontecendo...”. (JESUS, 2014)

Mesmo assim há motivação para continuidade dos trabalhos: “Minha vontade é de crescer cada vez mais [a atividade do Museu do Taquaril], gostaria disso, é importante para o bairro”, ressalta Seu Geraldo. (SILVA G., 2014) “Temos que continuar trabalhando, e fazendo, e andar para mostrar o povo!”, exclama Seu Oswaldo. (PEDROSO, 2014) “Devagar a gente vai levando, o projeto só não pode é parar”, expressa W Dois. (RIBAS, 2014) “Se retomar todo mundo e participar, acho que agora tenho muito mais condição de contribuir”, diz por fim Oriel. (JESUS, 2014)

Sobre os planos do Wellington, eles estavam ainda incertos no final de 2014: “Eu vivo neste muro, assim, eu terminei um mestrado, quero seguir a área que venho estudando (...) Hoje eu te digo, ‘não quero sair do museu’, mas amanhã posso ter que sair.” Wellington ressalta que o papel do grupo gestor atual é desenvolver um trabalho ao qual se possa dar continuidade. Para ele os grandes desafios que persistem são entender os princípios da museologia social, garantir a sustentabilidade do Museu e conquistar um espaço de fala na comunidade e para além dela. (SILVA W., 2014)

Quadro 3 – Quadro Geral de Atividades do Ponto de Memória Museu do Taquaril⁷⁷

(continua)

Data de Realização	Atividade	Local	Responsáveis	Participação/Resultados	Tipo de Atividade
2009 16 e 17/12	Participação no evento 1ª Teia da Memória	Salvador	Leila, W Dois e membro da associação Cem por Cento Taquaril representam o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2010 20/02	Seminário de Apresentação e Criação do Ponto de Memória Museu do Taquaril	Taquaril (Escola Munic. Prof. Alcida Torres)	Membros do grupo gestor inicial organizam o Seminário.	Reunidas 60 pessoas. Realizadas oficinas ministradas por moradores. Eleito o Conselho Gestor.	Cultural/ museológica
ELEIÇÃO DO CONSELHO GESTOR (20 fev. 2010)					
2010 26 a 28/03	Participação no evento 2ª Teia da Memória	Fortaleza	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Externa/ representação *
REELEIÇÃO DO CONSELHO GESTOR E ELEIÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA (13 nov. 2010)					
2010 15 a 17/12	Participação no evento 3ª Teia da Memória	Rio de Janeiro	Museu envia representante.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
INÍCIO DO CONTRATO DE CONSULTOR LOCAL (1º jul. 2011)					
2011 30/08 a 02/09	Participação no evento 1º Seminário de Consultores Locais	Brasília	Oriel e Wellington representam o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2011 21/09	Roda de conversa <i>Ciranda de Memórias</i> (5ª Primavera dos Museus)	Taquaril (Salão Paroquial)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
(informação não disponível)	Formação de acervo jornalístico sobre o Taquaril	Taquaril	Pesquisador contratado inicia a pesquisa.	“Os arquivos digitalizados compõem o acervo do Ponto de Memória.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c, p. 15)	Cultural/ museológica

⁷⁷O Quadro Geral de Atividades do Ponto de Memória Museu do Taquaril foi elaborado com informações coletadas nos documentos do Museu do Taquaril disponibilizados e nas entrevistas realizadas para este trabalho de pesquisa, complementadas por meio de consultas em diversas outras fontes. No campo *Participação/Resultados* foram registradas informações que podem indicar sobre possíveis resultados, mesmo que não os apresentem de forma objetiva. Na coluna *Responsáveis* foram relacionadas pessoas mencionadas nas fontes que participaram da organização ou execução das atividades, podendo porém haver outros envolvidos. Não foram inseridas reuniões internas de trabalho, devido à escassez de dados. A classificação em tipos de atividades, *Cultural/museológica* e *Externa/representação*, foi feita com objetivo de favorecer as análises em pauta, não significando que as atividades devam ser caracterizadas de forma excludente por meio dessas categorias. Ressalta-se que este quadro foi feito como uma tentativa de organização e apresentação dos dados, não havendo pretensão de que ele abarque toda a atividade do Museu, podendo haver ações e eventos não mapeados.

Data de Realização	Atividade	Local	Responsáveis	Participação/Resultados	Tipo de Atividade
(informação não disponível)	Campanha <i>Uma Foto Uma História</i>	Taquaril	Wellington conduz as conversas e faz os registros.	“O material adquirido até o momento compõe o banco de acervo do Ponto.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012c, p. 15)	Cultural/ museológica
2012 (registradas como possíveis datas: 31/03 e 10/04/2012)	Oficinas de história oral <i>Varal de Memórias</i>	Taquaril (Escola Fernando Dias Costa)	Leila e Wellington são os contatos registrados na carta. Edinéia e Oswaldo participam da organização.	Desenvolvidas quatro oficinas de 50 minutos. Definidas coletivamente diretrizes para entrevistas com 10 moradores.	Cultural/ museológica
(informação não disponível)	Entrevistas de história oral	Taquaril	Conselheiros fazem as entrevistas.	Realizadas 4 entrevistas de dez. Conselheiros exerceram importante interlocução com a comunidade.	Cultural/ museológica
2012 28/04	I Festival de Música Taquaril (En)cantado	Taquaril (Praça Che Guevara)	Ednéia, Fernanda, Geraldo, Wellington e WDois organizam.	Sete canções inscritas e três premiadas.	Cultural/ museológica
2012 19/05	Chá de inauguração da sede	Taquaril (Sede do Museu)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
2012 19/05	Participação no evento Taquaril na Praça, do Centro de Referência da Assistência Social, com exposição de fotos	Taquaril	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
2012 20/05	Participação no evento Arte no Morro, com apresentação da música vencedora do concurso do Museu do Taquaril	Taquaril (Praça Che Guevara)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
2012 26/05	Participação no evento Semana de Arte da Escola Estadual Coração Eucarístico, com exposição de fotos	(informação não disponível)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
2012 4 a 6/06	Participação no evento Encontro de Articulação das Redes de Pontos de Memória e Museus Comunitários	Brasília	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2012 7 a 9/08	Participação no evento 2º Seminário de Consultores Locais dos Pontos de Memória	Salvador	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação
2012 24/08	Participação no evento Inauguração do Ponto de Memória do Pompéu	Sabará	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação

Data de Realização	Atividade	Local	Responsáveis	Participação/Resultados	Tipo de Atividade
2012 18/09	Participação no evento 16ª Semana Paulo Freire, da Fundação Municipal de Cultura/Centro Cultural Alto Vera Cruz, com roda de conversa <i>Ciranda de Memórias</i> e exposição <i>Entre Memórias</i>	(informação não disponível)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
2012 22/09 a 21/10	Exposição <i>AntiArte</i> , parceria com Serviço Voluntário de Assistência Social Servas, Plug Minas e Programa Valores de Minas	Taquaril (Sede do Museu)	Leila e Wellington são os contatos registrados no cartaz de divulgação.	328 visitantes	Cultural/ museológica
2012 24 e 25/09	Participação no evento IV Seminário da Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana (6ª Primavera dos Museus)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	(informação não disponível)
2012 Set a nov	Maquete do Taquaril	Taquaril	(informação não disponível)	Realizados encontros para mapeamento do Taquaril. Planejadas oficinas/confecção maquete para mar/2013.	Cultural/ museológica
2012 11/10/2012	Participação no evento visita ao Ponto de Memória Grande Bom Jardim	Fortaleza	Wellington representa o Museu e cria a instalação Jardim das Memórias.	(informação não disponível)	Externa/ representação *

REDUÇÃO DO CONSELHO GESTOR DE 21 PARA 13 MEMBROS (27 out. 2012)

2012 13 a 16/11	Concurso de desenho e texto sobre o Taquaril para estudantes	Taquaril	(informação não disponível)	Revistos formato e o prazo devido à não participação das escolas. Atividade replanejada para mar/2013.	Cultural/ museológica
2012 19 a 23/11	Participação no evento 5º Fórum Nacional de Museus	Petrópolis	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2012 29/11	Participação no evento Conexões Ibram Minas Gerais	Belo Horizonte (Museu Mineiro)	Wellington faz apresentação sobre os Pontos de Memória.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2012 01/12	Exposição permanente <i>Fios de memória: tecendo os primeiros passos</i>	Taquaril (Sede do Museu)	Wellington faz a curadoria e assina a carta-convite.	(informação não disponível)	Cultural/ museológica
(informação não disponível)	Cartilha sobre o Taquaril	Taquaril	(informação não disponível)	Layout criado, pendente produção. Atividade replanejada para mar/2013.	Cultural/ museológica

Data de Realização	Atividade	Local	Responsáveis	Participação/Resultados	Tipo de Atividade
(informação não disponível)	Livro sobre o Taquaril	Taquaril	(informação não disponível)	“Já existe um bom volume de material (...) há um longo percurso a ser feito até que chegue ao produto final.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 19) Atividade replanejada para jul/2013.	Cultural/ museológica
(informação não disponível)	Vídeo sobre o Taquaril	Taquaril	(informação não disponível)	“Já existe um bom volume de material (...) há um longo percurso a ser feito até que chegue ao produto final.” (MUSEU DO TAQUARIL, 2012d, p. 19) Atividade replanejada para jul/2013.	Cultural/ museológica
2013 26 a 31/01	Participação no evento Fórum Social Mundial-Tenda Memória e Museus Comunitários do Brasil	Porto Alegre	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2013 25 e 26/03	Participação no evento 1ª Reunião da Cogepaco	Brasília	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2013 22 a 26/07	Aprovação de artigo no XXVII Simpósio Nacional de História, com o título <i>Aqui eu vivo: espaço e memória</i>	Natal	Leila e Wellington são autores do artigo.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
FIM DO CONTRATO DE CONSULTOR LOCAL (31 jul. 2013)					
2013 4 e 6/09	Participação no evento 2ª Reunião da Cogepaco	Brasília	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2013 21 a 29/09	Exposição <i>Taquaril: um sorriso negro, um abraço negro</i> e Seminário <i>Recortes em memória social: a museologia social...</i> (7ª Primavera dos Museus)	Taquaril (Sede do Museu)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
(postagem no Facebook data de 23/09/2013)	Visita de alunos da Escola Municipal Professora Alcida Torres ao Museu Taquaril	Taquaril (Sede do Museu)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
2013 28 a 31/10	Participação no evento Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso	Puebla, México	Wellington apresenta trabalho sobre o programa Pontos de Memória.	(informação não disponível)	Externa/ representação *

(conclusão)

Data de Realização	Atividade	Local	Responsáveis	Participação/Resultados	Tipo de Atividade
2013 13/11	Espectáculo de contação de histórias <i>Contos de Lá nos Cantos de Cá</i> , com os artistas Aline Cantia e Chicó do Céu	Taquaril (Sede do Museu)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
2013 4 e 5/11	Participação no evento Reunião da Cogepaco e Comissão da Teia da Memória	Brasília	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2013 10, 11 e 12/12	Participação no evento Encontro de Avaliação Pontos de Memória Pioneiros	Brasília	Leila representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2014 19 a 23/05	Participação no evento Teia Nacional da Diversidade	Natal	Wellington representa o Museu e é oficineiro.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2014 27/08	Participação no evento Reunião da Cogepaco	Brasília	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2014 (informação não disponível)	Participação no evento Audiência Pública Direito à Memória, do Tribunal de Contas da União	Brasília	Wellington representa o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
(informação não disponível)	Apoio à produção de vídeo do programa social Papo Reto	Taquaril (Sede do Museu)	(informação não disponível)	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
2014 25 e 27/09	Ação educativa <i>Memória na educação...</i> , mesa redonda <i>Museus comunitários...</i> , encontro poético <i>As histórias que falam do nosso lugar</i> . (8ª Primavera dos Museus)	Taquaril (Sede do Museu)	Leila e Wellington ministram as atividades.	(informação não disponível)	Cultural/ museológica *
2014 12 a 14/11	Aprovação de artigo no 1º Seminário Brasileiro de Museologia, com o título <i>Programa Pontos de Memória...</i>	Belo Horizonte	Wellington é autor do artigo.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
2014 21/10	Participação no evento Encontro Regional do programa Pontos de Memória MG	Belo Horizonte	Leila e Wellington representam o Museu.	(informação não disponível)	Externa/ representação *
FIM DO MANDATO DO CONSELHO GESTOR (13 nov. 2014)					
2014 24 a 28/11	Participação nos eventos VI Fórum Nacional de Museus e 4ª Teia da Memória	Belém	Leila e Wellington representam o Museu. Wellington é painelistas.	(informação não disponível)	Externa/ representação *

*Informações que não constam nos relatórios de atividades do Museu do Taquaril pesquisados, investigadas por meio de outras fontes.

Fonte: Quadro elaborado para o presente trabalho a partir de fontes diversas.⁷⁸

⁷⁸Documentos: CARTA, 2012a, 2012b; INFORMATIVO, 2013; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c, 2014a; MUSEU DO TAQUARIL, 2012a, 2012c, 2012d. Entrevistas: SILVA W.; JESUS; RIBAS, 2014.. Artigo: SILVA, W.; REGINA, 2013. Sites e materiais oficiais de eventos e programas: 6º Fórum Nacional de Museus.

Disponível em: <<http://fnm.museus.gov.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Fórum Social Mundial 2013. Disponível em: <<http://fsmppoa.com.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Papo Reto, a Voz e a Vez do Jovem. Disponível em: <<http://www.paporetojuventude.com.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. 5ª Primavera de Museus. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2015. 7ª Primavera de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2015. 1º Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus). Disponível em: <<http://sebramus.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. XXVII Simpósio Nacional de História (Anpuh). Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/capa>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Teia Nacional da Diversidade 2014. Disponível em: <<http://culturadigital.br/mincnordeste/files/2014/05/Revista-do-MinC-Teia-Nacional.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Sites ou páginas eletrônicas oficiais de instituições: Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Ministério da Cultura do Brasil (Minc). Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Ponto de Memória Museu do Taquaril. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pontodememoriataquaril.museu?fref=ts>>. Acesso em: 9 fev. 2015. Informação verbal coletada em evento: Encontro Regional dos Pontos de Memória Minas Gerais/Gestão Compartilhada e Participativa do Programa Pontos de Memória, 21 out. 2014, Belo Horizonte, MG.

Considerações finais

Acredita-se que a análise da trajetória do Museu do Taquaril pode ser enriquecida cotejando sua experiência com a das demais iniciativas da Ação-Piloto. Dessa forma, a partir de alguns documentos do Ibram, em especial o relatório do *Encontro de Avaliação dos Pontos de Memória Pioneiros*,⁷⁹ serão feitas algumas considerações nos parágrafos seguintes. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c)

Ao identificarem aspectos comuns de suas experiências, representantes das 12 iniciativas constataram que a origem da maioria delas deu-se antes do contato do Ibram, com movimentos comunitários de luta por direitos fundamentais como moradia e educação. O projeto Pontos de Memória teria, portanto, contribuído para nortear a organização da comunidade em torno da memória, esta sendo o eixo temático aglutinador. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) No caso do Museu do Taquaril, de acordo com a investigação realizada, foi possível verificar que havia desarticulação de associações e líderes quando a comunidade recebeu a intervenção do Ibram e que o projeto foi motivo de disputa entre grupos locais. Apesar de já terem sido realizadas ações no campo da cultura e da memória, a mobilização e a integração estavam enfraquecidas. Houve então motivação e articulação de um grupo específico em torno do projeto do Ponto de Memória, por um determinado momento, sendo depois gradativamente reduzidas a coesão e sinergia desse grupo. Esses processos também fizeram parte da experiência de pelo menos outras sete comunidades incentivadas na Ação-Piloto e relacionam-se a questões semelhantes às observadas no Taquaril. O Ponto de Brasilândia (São Paulo) registra que houve dificuldades com a divergência de ideias e a falta de consenso no Comitê Gestor, que foi dissolvido. O Ponto do Sítio Cercado (Curitiba) relata que houve motivação das pessoas no início, mas que com o tempo diminuiu-se a energia do grupo. O Ponto de Grande Bom Jardim (Fortaleza) percebe como barreira a mediação de conflitos de interesse e a falta de pessoas liberadas para o trabalho. A dificuldade de articulação e sustentação, devido em especial à impossibilidade de dedicar-se exclusivamente à iniciativa, é mencionada pelo Ponto da Grande São Pedro (Vitória). O Ponto da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre) fala sobre relações de conflito e gestão não colaborativa. O Ponto de Mangue do Coque (Recife) relata disputa interna pelo

⁷⁹O Encontro de Avaliação dos Pontos de Memória Pioneiros foi promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus com objetivos de analisar a trajetória das 12 iniciativas da Ação-Piloto e avaliar o programa Pontos de Memória. Foi realizado de 10 a 12 de dezembro de 2013, em Brasília,. Estiveram reunidos servidores do Ibram, consultores do programa e um responsável de cada um dos 12 Pontos, sendo o Museu do Taquaril representado pela Leila Regina da Silva.

poder e necessidade de um grupo gestor mais enxuto, não funcionando o seu primeiro Conselho. O Ponto de Jacintinho (Maceió) destaca como obstáculo a dificuldade de motivação para trabalho voluntário e o acúmulo de atividades em pessoas diretamente envolvidas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c)

Sobre dificuldades encontradas na implementação da metodologia proposta pelo Ibram, os Pontos citaram entre outros aspectos: a falta de diretrizes claras, instrumentos operativos, capacitação e suporte técnico; deficiências no processo de comunicação e no registro de informações; rotatividade de servidores; carência de recursos financeiros para estruturação física dos Pontos; falta de integração do Instituto com os governos estaduais e municipais; distanciamento entre o conhecimento teórico e o “saber local”. Foram ainda ressaltadas dificuldades da parceria com o Ibram relacionadas às descontinuidades de sua atuação, ao não cumprimento de ações acordadas e à falta de alinhamento estratégico e conceitual da equipe executora sobre o programa Pontos de Memória e sua metodologia. Diante disso os Pontos teriam constatado a necessidade de independência em relação ao Instituto, com a manutenção de outras parcerias públicas e privadas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) A atividade do Museu do Taquaril, seus avanços e retrocessos, foram em parte determinados, como observou-se, por essas circunstâncias da Ação-Piloto e do programa Pontos de Memória, pela presença e, ao mesmo tempo, pela ausência do Ibram.

A falta de espaço físico ou a dificuldade de mantê-lo aberto ao público foram obstáculos enfrentados por cinco iniciativas, das comunidades de Brasilândia, Jacintinho, Lomba do Pinheiro, Sítio Cercado e Terra Firme. Ainda avaliando aspectos comuns dos 12 Pontos constatou-se que aqueles que já possuem espaço físico reconhecem sua importância. Eles consideram-no necessário para consumir o trabalho de memória e museologia, ou seja, para efetivo estabelecimento dos Pontos ou museus comunitários. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) As investigações indicam que essa é também a percepção do Museu do Taquaril, que apesar de conseguir um espaço para sua sede, ainda não viabilizou a abertura da mesma à comunidade e a outros públicos.

É reconhecida como conquista das iniciativas o desenvolvimento pessoal e profissional de moradores de suas comunidades. Os Pontos, nesse sentido, teriam configurado-se como espaços de capacitação e aprendizado coletivo. São destacadas ações realizadas junto a jovens, a experiência adquirida com a atuação nos conselhos gestores, a reaproximação de antigos agentes das atividades comunitárias, a realização de inventários por moradores, a assimilação de conceitos da museologia social. Por outro lado, uma das

principais lições apreendidas pelos representantes dos 12 Pontos teria sido a necessidade de desenvolver competências em gerenciamento de projetos e recursos, para o êxito de suas instituições. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013c) Na experiência do Ponto do Taquaril houve aprendizado por parte de pessoas diretamente envolvidas nas atividades do Museu, apesar de terem sido evidenciados limites no envolvimento da comunidade, tanto “qualitativos” como “quantitativos”. Esse aprendizado esteve também, como demonstraram os depoimentos coletados, circunscrito aos campos da memória e da chamada museologia social, havendo demandas ou carências relativas à capacitação em planejamento estratégico, gestão museológica e museográfica, sustentabilidade financeira, mobilização e gestão comunitárias, por exemplo. Destaca-se ainda que alguns relatos demonstram que houve uma valorização do aprendizado teórico e do desenvolvimento acadêmico das pessoas envolvidas no projeto, estimulado pelo Ibram. Em algumas circunstâncias, na investigação do Ponto do Taquaril, pode-se perceber um distanciamento entre o conhecimento teórico e a aplicação prática na comunidade.

Das 12 iniciativas pioneiras apenas o Ponto de Brasilândia desistiu do trabalho e, segundo Welcio, estaria agora voltando às atividades. (TOLEDO, 2014) De acordo com discussões que ocorreram no âmbito do programa Pontos de Memória, o caso da Brasilândia poderia estar associado ao falecimento de uma pessoa de atuação fundamental no projeto. Isso remeteria à questão do “personalismo”, que pode ser fator positivo, quando a liderança é determinante para impulsionar o projeto; mas que por outro lado pode ser fator negativo, ao criar dependência em relação a pessoas que podem se afastar e fragilizar a iniciativa. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012c) A partir dessa reflexão pode-se pensar com relação ao caso do Taquaril que há implicações da atuação do seu gestor principal – cuja investigação demonstra ser o Wellington – no curso das ações dessa instituição.

Em outro relatório do Ibram que traz registro de avaliação da Ação-Piloto, o Museu de Favela (Muf), do Rio de Janeiro, poderia ser considerado projeto de referência e inspirador para os 12 Pontos. Com trajetória bem diferente das demais iniciativas da Ação-Piloto, ele foi estabelecido muito antes da chegada do Ibram na comunidade. A experiência acumulada por sua equipe seria retratada “(...) na riqueza de soluções e estratégias de sustentabilidade desenvolvidas, na diversidade de parcerias estabelecidas, na variedade de atividades de difusão da memória e da cultura (...)”.(INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012c, p. 13) Além do Muf, o Ponto de Memória Lomba do Pinheiro, de Porto Alegre, constituiu-se como museu comunitário antes da Ação-Piloto, apresentando “(...) estrutura institucional estabelecida e consolidada.” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2012c, p. 9) Esses

dois exemplos remetem a questões importantes, que não despontaram nas investigações como aspectos de atenção por parte de representantes do Museu do Taquaril ou do programa Pontos de Memória. Quais são as implicações da constituição de uma instituição comunitária a partir de um estímulo do setor governamental? Seria factível ter como pressupostos fundamentais das iniciativas o protagonismo comunitário e a gestão participativa? Assim como em outros Pontos da Ação-Piloto, antes da intervenção do Ibram não havia na comunidade do Taquaril a ideia ou o desejo de se criar um museu comunitário, apesar da proposta ter sido acolhida por um grupo de moradores. Destaca-se também que a escolha das comunidades foi feita com base em critério do Pronasci relacionado a índices de violência e também a partir das redes de contato do consultor Welcio. A continuidade das 10 iniciativas museológicas estabelecidas a partir do impulso do Ibram, que hoje ainda enfrentam empecilhos ao seu desenvolvimento, permitirá ponderar sobre essas questões.

O ex-consultor Welcio, ao avaliar a Ação-Piloto, fala sobre a importância de um contexto favorável e de um trabalho de educação nas comunidades de periferia. Isso pelo fato de elas apresentarem condições precárias de vida e demandas mais imediatas que aquelas relacionadas ao desenvolvimento cultural: “É um trabalho muito de educação, para entender que o museu, a memória, a identidade (...) são a base para você estar forte para discutir depois a água, a luz, a segurança (...) Mas aí tem toda esta questão de quem está vivendo em periferia, também, de imediatismo.” (TOLEDO, 2014) Ele destaca como grande desafio dos Pontos a participação da comunidade e a garantia da representatividade de sua diversidade. A investigação mostra que esse é um grande desafio também para o Museu do Taquaril.

Na visão de Welcio, um dos principais resultados da Ação-Piloto foi o “empoderamento acadêmico e político” de agentes sociais e a formação de uma rede fortalecida em prol da defesa do direito à memória:

Eu acho que deu tão certo [a Ação-Piloto] que esta comunidade hoje está fortalecida, os 12 estão fortalecidos para questionar o Ibram. (...) uma coisa que está acontecendo: este estabelecimento das redes para pressionar o poder público (...) cobrar do Estado fazer sua parte. Assim como o Estado ajuda na educação, saúde, segurança, tem que também nos ajudar no direito à memória (...) (TOLEDO, 2014)

No caso do Ponto do Taquaril houve grande dedicação a ações voltadas para a estruturação do programa Pontos de Memória e sua consolidação como política pública. Essa atuação é resultado do incentivo do Ibram e do empenho pessoal de gestores, especialmente do Wellington. Ela é também impulsionada e fortalecida com o movimento das redes. Mesmo reconhecendo que a dedicação a essas questões é fundamental, questiona-se se elas não

acabaram tornando-se preponderantes em detrimento de questões particulares e operacionais do Ponto de Memória Museu do Taquaril. No âmbito geral da Ação-Piloto, pergunta-se, mesmo considerando a complementaridade e interdependência destes aspectos, se o “empoderamento cultural e político” de determinados agentes locais não teria aparecido como resultado antes do fortalecimento do Ponto como coletivo representativo da comunidade.

Conclusões

O estudo da trajetória do Museu do Taquaril foi feito observando-se suas especificidades como empreendimento da comunidade do Taquaril, como organização cultural comunitária, como museu comunitário de região de periferia urbana, como atividade impulsionada pelo setor governamental, como ação pioneira do programa Pontos de Memória. Tanto a Ação-Piloto como o Ponto do Taquaril foram investigados como iniciativas do campo da chamada nova museologia voltadas para a estruturação de museus comunitários, ambas em construção e em fase inicial de desenvolvimento.

Configurando-se como instituição museológica comunitária nos anos 2010, observou-se que o Museu do Taquaril está associado a dinâmicas do contexto contemporâneo, como por exemplo: a emergência de processos de luta pela garantia de direitos humanos, a constituição da cidadania, a afirmação de identidades diversas, a expressão cultural de grupos marginalizados e minorias, a ampliação da noção de cultura, a valorização da memória, o desenvolvimento social de comunidades em situação de pobreza e risco social. Como demonstrado, ele está também particularmente relacionado ao contexto nacional atual de implementação de políticas culturais inclusivas e de uma política pública nacional específica para o setor museal.

O projeto Pontos de Memória foi concebido com objetivos de elaborar conceitos e metodologias, promover capacitação e implementar iniciativas, simultaneamente. Visava inicialmente o desenvolvimento técnico e institucional do Ibram, o aprendizado coletivo por meio de ações práticas experimentais, a conquista de autonomia por grupos sociais para conduzir ações museológicas e consolidar museus comunitários. Além disso, tem como premissa garantir o direito à memória por meio da participação social nos processos de gestão da cultura e na construção de políticas públicas.

Para analisar a trajetória do Ponto do Taquaril foi preciso conhecer agentes, processos e circunstâncias “internas”, do Museu e da comunidade local. E foi também necessário observar fatores de influência “externos”, como as demandas e realizações oriundas do programa Pontos de Memória e do Ibram. Considerando-se que todos esses aspectos determinaram e continuarão determinando o percurso dessa instituição, observa-se que ainda há obstáculos a serem enfrentados pelo Museu do Taquaril para sua consolidação como museu comunitário, para o cumprimento de seu propósito de afirmação do pertencimento e da cidadania entre os moradores. Ele já obteve conquistas importantes, como o aprendizado de moradores nos campos da memória e da museologia; a constituição de um acervo de fotos,

depoimentos, áudios e produtos artísticos; a instituição de uma sede; a experiência prática de formação e funcionamento do Conselho Gestor; a produção de conteúdo e a reflexão teórica sobre sua experiência; o reconhecimento na esfera das redes e iniciativas de museologia social. Por outro lado, a investigação revela como necessidades manifestas: desenvolver e reunir competências em planejamento estratégico, gestão participativa, gestão da informação e museologia; construir junto com a comunidade uma narrativa que represente o Taquaril de hoje e que favoreça a coesão social; garantir a participação efetiva e representativa da comunidade na gestão do Museu e a autonomia da instituição.

O cenário que se apresenta para a continuidade da trajetória do Museu do Taquaril é de conjunturas favoráveis e desfavoráveis. Membros do Conselho Gestor reconhecem o potencial da memória e percebem demandas manifestas da comunidade, como por exemplo a constituição de espaços públicos de convivência e lazer. Há interesse de conselheiros em reativar as atividades do Ponto de Memória. Há potencialidades e recursos na localidade, como atrativos históricos e naturais, habilidades artísticas e esportivas, um histórico de formação de grupos culturais e uma população jovem. Por outro lado há também um histórico de rivalidade entre líderes comunitários e uma conjuntura atual de desarticulação política e de descrédito em relação a projetos sociais. Além disso, a história de luta pela moradia, que faz parte da memória coletiva e que ainda pauta de forma preponderante os discursos sobre a região, parece não ser mais fator de união social e de identificação de jovens e novos moradores.

Compõem ainda esse cenário diversas outras contingências associadas à condição do Ponto do Taquaril de ser uma instituição cultural comunitária e de estar em uma região de periferia urbana. Essa é a conjuntura, por exemplo, do Museu da Maré⁸⁰, que consolidou-se como museu comunitário. Ou do Muquifu-Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, de Belo Horizonte, que estruturou-se também como museu comunitário e está em funcionamento no Aglomerado Santa Lúcia/Morro do Papagaio.⁸¹ Uma análise aprofundada dessas contingências em futuras pesquisas, com estudos comparativos, poderá contribuir para a reflexão sobre as perspectivas do Museu do Taquaril, assim como de outras instituições museológicas comunitárias brasileiras.

⁸⁰ Informações sobre o Museu da Maré podem ser consultadas em páginas eletrônicas da instituição. Disponível em: <<http://museudamare.tumblr.com/institucional>> e <https://www.facebook.com/museudamare>. Acesso em: 04/02/2015. Pode-se também consultar artigo produzido pelos pesquisadores Mario Chagas e Regina Abreu: CHAGAS, Mário de Souza; ABREU, Regina. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3, 2007, p. 130-160.

⁸¹ Informações sobre o Muquifu – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos podem ser consultadas na página oficial da instituição. Disponível em: <<http://muquifu.com.br/site/>>. Acesso em: 04/02/2015.

Com relação ao apoio do setor governamental, ressalta-se que a política oficial nacional de museus começou a ser implementada há cerca de 10 anos. E que ela insere-se no contexto brasileiro de desenvolvimento de políticas públicas culturais. Este caracterizado por descontinuidades, falta de planejamento e clareza de propósitos, carência de recursos financeiros e humanos e de qualificação. A investigação demonstra que, no ainda recente e curto histórico do programa Pontos de Memória, essas características persistem. Por outro lado observa-se a conquista, por meio do programa, de um novo e importante espaço para atores e grupos sociais que estão tendo a oportunidade, antes rara, de expressar suas culturas, construir suas memórias e afirmar suas identidades.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. Tal Antropologia, qual museu?. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (Orgs.). **Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/Iphan/Demu, 2007. p. 138-178.

_____. A cultura do mecenato no Brasil: uma utopia possível? In: NASCIMENTO JUNIOR, José do (Org.). **Economia de museus**. Brasília: MinC/Ibram, 2010a. p. 164-201.

_____. A patrimonialização das diferenças: usos da categoria 'conhecimento tradicional' no contexto de uma nova ordem discursiva. In: BARRIO, Ángel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Mário Hélio (Orgs.). **Inovação cultural, patrimônio e educação**. Recife: Massangana, 2010b. p. 65-78.

_____. Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais. **Ilha Revista de Antropologia**. Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 14, n. 1, jan/jun 2012a. p. 17-35. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/2175-8034.2012v14n1-2p17/24005>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

_____. Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; OLIVEIRA, Luciane Monteiro (Orgs.). **Sendas da Museologia**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), v. 1, 2012b. p. 11-27.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. (Tradução Denise Bottman) São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983]. p. 9-34.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (Coords.). **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Leste**. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008. 58 p. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/LesteCompleto.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

BARBUY, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: **Museu Paulista, Universidade de São Paulo**, v. 3, jan./dez. 1995. p. 209-236. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141995000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2014.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. (Org.) **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: edufba, 2007. p. 37-60. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/138/1/Políticas%20culturais.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Anuário Estatístico de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Planejamento/Departamento de Informações Técnicas, 2001. 319 p. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P011/anuario2000.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. _____. **Regional Leste**: Planejamento participativo regionalizado. Belo Horizonte, 2011. 23 p. Disponível em: <http://issuu.com/smagg/docs/caderno_propostas_leste>. Acesso em: 09 fev. 2015.

_____. _____. **Marco de reassentamento Vila São José e Taquaril**: Programa BH Vilas Urbanizadas. Belo Horizonte, 2005. 128 p. Disponível em: <http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/IW3P/IB/2005/03/21/000011823_20050321155720/Rendered/PDF/RP3000CD0v20Ma10e0Taquaril022002005.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2014.

BEUQUE, Lucas Mascelani Van de. **Gestão de museus em tempos de mudanças**. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), Programa de Engenharia de Produção, 2010. 198 p.

BONIN, Anamaria Aimoré; KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Iphan/Demu, n. 3, 2007. p.117-128. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 fev. 2015.

_____. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus**: memória e cidadania. Brasília, 2003. 37 p. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2015.

_____. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus**. Brasília, 2007. 184 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**: Institui o Estatuto dos Museus e dá outras providências. Brasília: Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. Ministério da Cultura. **Revista do MinC**. Brasília, n. 5, 2014. 50 p. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/MinC/revista-do-minc-cultura-viva-10-anos>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais: diálogo indispensável**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005. 80 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 159-204

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. 227 p.

CARTA da Rede dos Pontos de Memória e iniciativas comunitárias em memória e museologia social. Brasília, 6 jun. 2012a. 4 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Minuta_MuseologiaSocial_PontosdeMemoria.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____ ao Instituto Brasileiro de Museus sobre criação de comissões. Brasília, 22 nov. 2012b. 4 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/Ata_CartaPetropolis_2012.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2015.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar**. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: UFRJ/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008. 108 p.

CHAGAS, Mario de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. **Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM**. Santa Cruz, RJ: Tacnet Cultural, 2001. p. 12-18. Disponível em: <http://network.icom-museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/00.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. **Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS), 2003. 306 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/50087891/Imaginacao-Museal-Museu-Memoria-e-Poder-em-Gustavo-Barroso-Gilberto-Freyre-e-Darcy-Ribeiro-CHAGAS-Mario>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Museus, educação e movimentos sociais: só a antropofagia nos une**. [S.l.: s.n.], [entre 2003 e 2014]. 8 p. Disponível em: <<http://exnemusbrasil.wordpress.com/biblioteca/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.** Chapecó: Argos, 2006. 135 p.

_____. A radiosa aventura dos museus. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (Orgs). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008. p. 113-123.

_____; PEREIRA, Marcelle; GOUVEIA, Inês; ROSE, Cláudia; SCHUBB, Sara; TOLEDO, Welcio; FERNANDES, Daniel Mendes. Pontos de Memória: Direito à memória, direito a museu. **Anais do 4º Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: memória, patrimônio e tradição** (Anais do IV SIMP). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010. p. 260-268. Disponível em: <<http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/comunicacoes-museus.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**. Santa Catarina: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, ano 27, n. 41, 2014. p. 9-22. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592/1523>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001. 282 p.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural** – cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. 384 p.

COUTO, Ubirajara José. **Entrevista Ubirajara José Couto**. [dez. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 2 arquivos sonoros (36m 33s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. (Tradução Viviane Ribeiro) Bauru: Edusc, 1999. 156 p.

DUARTE, Alice. Museus Portugueses de 1974 à atualidade: da resolução de problemas funcionais à comunidade. **Em Questão**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 18, n.1, jan./jun. 2012. p.15-30. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/27118/19688>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST, v. 6, n.1, 2013. p. 99-117. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2006. 174 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. e CHAGAS, M. (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

GERSON, Daniel; SOUZA, Bruno Cesar. **Projeto de Mapeamento dos Recursos Comunitários para a Juventude do Taquaril**. (Pesquisa de Mestrado). Vancouver: British Columbia, Mestrado em Planejamento Urbano, 2008. 31 p. Disponível em: <http://www.chs.ubc.ca/consortia/outputs3/Gerson-Taquaril_Mapping_Booklet-Feb2008.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Iphan, 1996. 156 p.

_____. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. (Museu, memória e cidadania) Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. 256 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990 [1950]. p.25-52.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.11-25.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.

INFORMATIVO Pontos de Memória. [Brasília], 2. ed., 1º nov. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/11/InformativoPontos_01_11_2013.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Plano Nacional Setorial de Museus 2010-2020**. Brasília, 2010a. 135 p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Política Nacional de Museus – Relatório de gestão 2003-2010**. Brasília, 2010b. 201 p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Relatorio-de-Gestao-2010.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. **Museus em Números**. Brasília, v. 1, 2011a. 240 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. **Produto 1: Plano de Trabalho**. Brasília, 2011b. 18 p.

_____. **Pesquisa da 10ª Semana de Museus**. Brasília: Coordenação de Estudos Socioeconômicos e Sustentabilidade (CESES)/Departamento de Difusão Fomento e Economia de Museus (DDFEM), 2012a. 26 p. Disponível em: <<http://boletim.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/01/24.01-pesquisa-semana.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. **Produto 6: Relatório descritivo-analítico do papel assumido pelos Pontos de Memória como irradiadores da metodologia desenvolvida, no novo cenário de ampliação do Programa**. Brasília, 2012b. 16 p.

_____. **Produto 7: Avaliação qualitativa final das atividades realizadas no âmbito dos 12 Pontos de Memória**. Brasília, 2012c. 30 p.

_____. **Ata de Reunião – Cogepaco e Equipe Programa Pontos de Memória – 4 a 6/09/13**. Brasília, 2013a. 6 p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/memoria-reuniao-cogepaco.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Pesquisa da 11ª Semana de Museus**. Brasília: Coordenação de Estudos Socioeconômicos e Sustentabilidade (CESES)/Departamento de Difusão Fomento e Economia de Museus (DDFEM), 2013b. 41 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Apresentacao_Final-11Semana_Sitio_Ibram.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. **Relatório Analítico do Encontro de Avaliação dos Pontos de Memória Pioneiros**. Brasília, 2013c. 38 p.

_____. **Ata de Reunião – Equipe Comuse/Ibram e Cogepaco: 27/08/14**. Brasília, 2014a. 3 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/Ata_Reuniao_Cogepaco_leitura_aprovacao.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2015.

_____. **Ata de Reunião - Equipe Comuse/Ibram, Comissão da Teia da Memória e Cogepaco: 18 e 19/09/2014**. Brasília, 2014b. 6 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/Ata_Reuniao_Teia_Cogepaco_18e19set_2014.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Edital de Chamamento Público N02/DDFEM - Prêmio Pontos de Memória 2014**. Brasília, 2014c. 21 p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/fomento/premio-pontos-de-memoria/premio-pontos-de-memoria-2014/>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Pontos de Memória – Contexto Atual**. Brasília, [2014]d. 4 p.

JESUS, Oriel Ilario de. **Entrevista Oriel Ilario de Jesus**. [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 2 arquivos sonoros (46m 1s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas 1**. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 17-30. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. História, Literatura, Patrimônio e Museus. **Anais do 4º Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: Memória, patrimônio e tradição** (Anais do IV SIMP). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010. p. 249-259. Disponível em: <<https://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/comunicacoes-museus.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

LIMA, Deborah Rebello. **As teias de uma rede: uma análise do Programa Cultura Viva**. (Dissertação De Mestrado). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2013. 214 p.

MEDEIROS, Bianca Freire. Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), v. 2, n. 38, jul./dez. 2006. p. 49-66. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

MOTTA, Lia. A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 256-287.

MOUTINHO, Mário Canova. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão. **Cadernos de Sociomuseologia Revista Lusófona de Museologia**. Lisboa: ULHT/CeiED, v. 28, n. 28, 2007. p. 39-44. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/510/413>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

MUSEU DO TAQUARIL. [Ata de Reunião do Conselho Gestor de novembro de 2010: aprovação do estatuto do conselho gestor do Ponto de Memória do Taquaril e eleição do conselho gestor e diretoria executiva]. Belo Horizonte, 2010. 4 p.

_____. **Produto 1:** Plano de Ação do Ponto de Memória Museu do Taquaril. Belo Horizonte, 2011. 26 p.

_____. [Anotações de reuniões de março de 2012: comissão de comunicação, reuniões de 17 e 24 de março de 2012]. [Belo Horizonte], 2012a. 3 p.

_____. [Ata de Assembléia Extraordinária do Conselho Gestor de outubro de 2012: definição do quadro de membros do conselho gestor]. Belo Horizonte, 2012b. 5 p.

_____. **Produto 2:** Relatório de Inventário Participativo do Ponto do Memória Museu do Taquaril. Belo Horizonte, 2012c. 26 p.

_____. **Produto 3:** Relatório de Produtos de Difusão do Ponto do Memória Museu do Taquaril. Belo Horizonte, 2012d. 32 p.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção (Orgs). **Mesa redonda sobre a importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo:** Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972. Brasília: Ibram/Minc, Programa Ibero-museos, v. 1, 2012. 235 p. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. (Tradução Yara Aun Khoury). **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.** São Paulo, n. 10, dez. 1981. p. 7-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio:** um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 192 p.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (OEI). **Projeto de Cooperação Técnica Internacional:** Desenvolvimento institucional e técnico-operacional para a ampliação e consolidação de projetos relacionados à memória social no Brasil. Brasília, 2008. 48 p.

_____. **Segunda Revisão Substantiva do Projeto:** Desenvolvimento institucional e técnico-operacional para a ampliação e consolidação de projetos relacionados à memória social no Brasil. Brasília, 2012. 30 p.

PEDROSO, Oswaldo Lopes. **Entrevista Oswaldo Lopes Pedroso**. [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 2 arquivos sonoros (15m35s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. (História-Memória). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1, 1984. p. 51-86.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. (Coleção Ensaio Geral) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 159 p.

PRIMO, Judite. Museus locais e ecomuseologia – estudos do projecto para o ecomuseu da Murtosa. (Dissertação de Mestrado) **Cadernos de Sociomuseologia Revista Lusófona de Museologia**. Lisboa: ULHT/CeiED, v. 30, n. 30, 2008. p. 31-101. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/47/showToc>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

RIBAS, Wilson Wagner Brandão. **Entrevista Wilson Wagner Brandão Ribas**. [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 3 arquivos sonoros (29m 5s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

RIVIERE, Georges Henri. Definição evolutiva del ecomuseo. **Museum**. Paris: Unesco, n. 148, 1985. p. 182-183. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347so.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim. **Políticas culturais no Brasil: trajetória e contemporaneidade**. [S.l.: s.n.], [entre 2007 e 2013]. 25 p. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=3confcult-politicas-culturais-no-br.doc>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

SAADALLAH, Márcia Mansur; SANTOS, Naiane Loureiro dos; SOUZA, Rogério Sant'Anna de. O associativismo cultural no Bairro Taquaril - município de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte, v. 17, n. 21, 2 sem. 2010. p. 27-40. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/P.2316-1752.2010v17n21p28>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia Revista Lusófona de Museologia**. Lisboa: ULHT/CeiED, v. 19, 2002. p. 115-137.

_____. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, v.

19, n. 55, jun. 2004. p.53-72. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. Museus, liberalismo e indústria cultural. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 47, n. 3, set./dez. 2011. p. 189-198. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.01>. Acesso em: 05 fev. 2015.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta; SOARES, Bruno César Brulon. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. **X Enancib - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa, 25 a 18 out. 2009. p. 2469-2489. Disponível em: <<http://www.academia.edu/974197/>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**. Belém, PA, v. 7, n. 1, jan./abr. 2012. p. 15-30. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a03v7n1.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

SILVA, Geraldo Moreira da. **Entrevista Geraldo Moreira da Silva**. [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 3 arquivos sonoros (10m 39s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

SILVA, Wellington Pedro da. **Ponto de Memória Museu do Taquaril: sensibilização comunitária e formação de instância deliberativa**. [Belo Horizonte], [entre 2010 e 2012]. 4 p.

_____; REGINA, Leila. Aqui eu vivo: espaço e memória. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, 22 a 26 jul. 2013. 9 p. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372108901_ARQUIVO_AQUIEUVIVO_textocompleto.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

_____. **Entrevista Wellington Pedro da Silva**. [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014a. 4 arquivos sonoros (2h 26s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

_____. Programa Pontos de Memória: uma memória entre tantas outras. **1º Seminário Brasileiro de Museologia** (1º Sebramus). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 12 a 14 nov. 2014b. 15 p.

SOARES, Bruno César Brulon. O novo museu na América Latina – novos paradigmas para uma Nova Museologia. **8º Encontro nacional de Pesquisa em Ciência da Informação** (VIII ENANCIB). Salvador, 28 a 31 out. 2007. 11 p. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--239.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. **Quando o museu abre portas e janelas:** o reencontro com o humano no museu contemporâneo. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008. 163 p.

SOARES, Weber. **Confiança, redes sociais, inovação e desenvolvimento local.** (Diagnóstico socioeconômico do Vale do Jequitinhonha: novo paradigma) Belo Horizonte: Proex – Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 1, 2009. 88 p.

TOLEDO, Welcio Silvério de. **Entrevista Welcio Silvério de Toledo.** [out. 2014]. Entrevistador: Luciana Figueiredo Avelar. Belo Horizonte, 2014. 1 arquivos sonoros (48m 42s). Entrevista concedida para Dissertação de Luciana Figueiredo Avelar apresentada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ, CPDOC) em fevereiro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Políticas públicas para museus: o suporte legal no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista CPC.** São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), n. 4, mai./out. 2007. p.72-86.

VARINE, Hugues de. Museus e desenvolvimento social: balanço crítico. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (Coords.) **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento:** propostas e reflexões museológicas. Sergipe: Museu de Arqueologia do Xingó, 2008. p. 11-20. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/view.aspx?cid=663CC82C6A07EA33&resid=663CC82C6A07EA33%21146&app=WordPdf&authkey=%21AF02kWTKhFdCLog>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

_____. **As raízes do futuro:** O patrimônio a serviço do desenvolvimento local. (Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta) Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256 p.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 104-115.